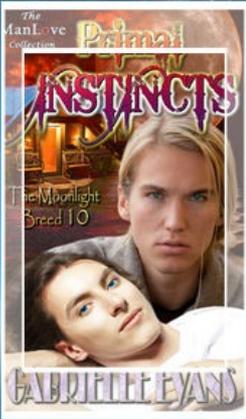


HOT MANIAC

Raça do Luar



HOT MANIAC Apresenta
Raça do Luar

Instintos Primitivos

Eles são amaldiçoados!

Renegados pelos seus bandos e famílias!
Unidos pelo mesmo destino, shifters que carregam o estigma de sua natureza, lutam em conjunto para serem Felizes.

Conheçam a Raça do Luar e suas histórias.

Instintos Primitivos

Raça do Luar 10

Ele não pode curar a fome do mundo, negociar a paz no Oriente Médio, ou mesmo fazer pão torrado sem queimar. No entanto, por algum motivo, o Ancião Layke Winters deverá ter todas as respostas, e é cansativo. Tudo é diferente com Aspen. Ele é diferente. Pela primeira vez em mais de mil anos, ele se sente livre e completamente vivo. E é de se admirar que ele está caindo rapidamente pelo diabinho de olhos brilhantes?

Aspen nunca pensou que alguém poderia querer ele como Layke faz, mas, uma vez que eles ficam cara-a-cara, o ancião desperta algo selvagem e primitivo dentro dele. Layke é dele. Ele está certo disso, e ele está preparado para lutar contra o céu e o inferno para mantê-lo.

Os dois têm quase nada em comum, no entanto. Mesmo com as probabilidades contra eles, com mais perguntas do que respostas, especialmente sobre as origens de Aspen, será que o par conseguirá o seu felizes para sempre?

<i>Mutirão</i>	<i>Revisão Final</i>
<i>Coordenação Chris</i>	<i>Chris</i>
<i>Equipe de Revisão</i>	
<i>Capítulo 1, 2, 7 e 8 - Luciene</i>	
<i>Capítulo 3 e 4 - Angela</i>	
<i>Capítulo 5 e 6 - Sttella</i>	
<i>Capítulo 9 - Juli</i>	
<i>Capítulo 10 - Mell</i>	
<i>Capítulo 11 - Amantia</i>	
<i>Capítulo 12 e 13 - Thiessa</i>	
	<i>Arte e Logo Joycinha</i>

Capítulo Um

— Era um dia brilhante, claro, como tinha sido a semana toda. Segurando a caneca com as duas mãos, Aspen estava na sua varanda privada, aproveitando o ar fresco da manhã e o cheiro glorioso do café. — Isso foi tão longe quanto Aspen entrou na sua narração do dia, antes dele cair em um ataque de risos.

— Meu doce querubim — Jacobi arrulhou, se sentando ao lado dele. — Com quem você está falando?

— Eu estava narrando a minha manhã, mas, não estava funcionando muito bem. — Ele tomou um gole de café e tentou não rir de novo. Talvez se ele tivesse uma dessas profundas, vozes de estrela de cinema, não teria sido tão ruim. Infelizmente, ele mais parecia um esquilo dos desenhos animados com suas vozes com se tivessem inalado gás hélio.

— Talvez você devesse cortar a cafeína, bochechas doces. — A língua de Jacobi lambeu o seu lábio inferior, e ele balançou de lado para bater os seus quadris juntos. — O barco deve estar aqui hoje.

— Oooh, Zuriel ficará feliz. — A raposa estava morrendo de saudades do seu gêmeo. Com todos os acontecimentos horríveis da última semana, Aspen sentiu que o seu amigo poderia adorar a visita do seu irmão. — Nós provavelmente não deveríamos mencionar que Zuriel quase morreu. — Isso não era conversa para uma reunião feliz.

— Não, você está certo. Zavion teria gatinhos se soubesse. — Jacobi franziu o nariz e torceu os lábios, enquanto ele arregalou os olhos, claramente

tentando pensar como seria o parto. — Sim, nós vamos falar sobre tortas de maçãs.

Não é que Jacobi nunca levasse nada a sério. Ele só tinha a sua própria maneira colorida de descrever as situações difíceis, o que Aspen realmente achava engraçado e nada ofensivo. O homem nunca foi desrespeitoso, e ele claramente se preocupava com o sofrimento dos outros. Ele só não sentia a necessidade de ficar o tempo todo grunhindo e enrolando os lábios.

Coisas ruins acontecem. Elas certamente aconteciam para Aspen, agora, no entanto, em vez de se preocupar sobre isso, ele preferiu esquecer e seguir em frente com a sua vida. Talvez fosse ingenuidade sua, pensar que ele poderia ignorar o seu passado, mas parecia uma ideia muito melhor do que sentir pena de si mesmo.

Colocando a caneca sobre a mesa do pátio, ele se aproximou da beira do balcão e cruzou os braços sobre os trilhos na altura do peito, olhando para o pátio abaixo. Ele podia ouvir o carro se aproximando em algum lugar ao redor da curva, e embora não pudesse vê-lo, o barulho do motor, trouxe um sorriso ao seu rosto. — Eles já estão aqui.

Momentos depois, um jipe azul escuro virou a esquina e veio e deu uma parada um pouco além do pátio. Aspen conheceu Zavion apenas algum tempo antes da sua partida de última hora, mas se o homem fosse qualquer coisa como Zuriel, ele tinha certeza que ia gostar dele.

Ele não sabia bem o que o tinha levado a arrumar as suas coisas e pedir para ser levado ao aeroporto pela manhã. Quando disseram na casa principal que os refugiados, os vários homens que sofreram nas mãos da A Colmeia, o mesmo que ele, deveriam ir para alguma ilha elfo mística, ele sabia que tinha de estar naquele avião. Haven era maravilhoso, e ele não conseguia

expressar o quão grato ele estava pelos homens que o tinham resgatado e o abrigado. Só não era... sua casa.

Zavion foi o primeiro a saltar fora do veículo, e mesmo de longe, Aspen podia ver a boca do shifter escancarada enquanto inspecionava o palácio enorme. Era um belíssimo prédio, com escadas, tetos altos e mobiliários luxuosos, ele só não podia entender por que uma família precisava de tanto espaço.

Nithron saiu do banco do motorista, e imediatamente se virou para olhar para ele, acenando com a mão sobre a cabeça em saudação. Aspen sorriu e acenou de volta. Ele tinha ficado feliz quando encontraram a pessoa que havia assassinado todos os elfos, e não tinha sido Nithron, porque ele realmente gostava do guarda.

O companheiro de Zavion saiu do banco de trás também, embora Aspen não conseguisse lembrar o seu nome. Ele estava bastante certo de que o homem era um dos irmãos Flynn ele só o não sabia qual, mas ele realmente não tinha encontrado muitas pessoas durante o seu tempo em Haven. Parte foi para a sua própria proteção, mas ele tinha um sentimento que o maior motivo era para a proteção de todos os outros.

Seu pensamento o levou a olhar para o seu peito magro, as pernas magras e, finalmente, seus pés anormalmente pequenos, que estavam a apenas 1,5 metros a partir do topo da sua cabeça. Sim, era engraçado que alguém o visse como uma ameaça. Inferno, ele duvidava que ele pudesse lutar contra um saco de papel empapado, o saco venceria.

Ele estava prestes a afastar-se da grade para que ele pudesse se trocar antes de descer para receber os convidados, quando um flash de algo branco a partir do canto do olho chamou a sua atenção, ele se virou rapidamente, observando o homem mais bonito que já tinha visto abrir a porta do passageiro e se levantar do seu assento graciosamente.

— Uau — ele respirou, fascinado pela maneira como a luz do sol iluminava os longos fios de ouro branco que desciam em volta do estrangeiro.
— Quem é esse?

— Feche a boca, querido. Você parece um guppy¹ — Jacobi bateu na parte de baixo do queixo de Aspen para enfatizar o seu ponto. — Esse é Ancião Layke Winters. Ele é o representante dos elfos no Conselho.

Desapontamento revolveu na sua barriga. Não havia forma de alguém tão importante dar a ele um pensamento. Como a maioria das coisas, no entanto, ele desconsiderou isso rapidamente, deu de ombros e deu um último olhar demorado no ancião antes de sair da varanda.

— Jacobi, como é que você conhece todos?

— Eu faço pesquisa para conhecer todos — Jacobi respondeu com o seu nariz arrebitado dando uma piscadela malandra. — Hmm, o que você acha? Devo ir de vermelho para o dia? — Antes que ele terminasse de falar, os seus cabelos cor-de-rosa mudaram para um vermelho mogno. — Ou talvez azul para combinar com as minhas botas favoritas. — Seu cabelo mudou de cor, mais uma vez, o vermelho foi substituído por turquesa, com listras pretas. — Eu acho que vai ser roxo para o dia.

Aspen entendeu que as coisas terríveis que aconteceram com o seu amigo no laboratório, mexeram com ele, mas mesmo assim ele via sempre o lado bom das coisas, ele não podia deixar de ser um pouco invejoso das habilidades de Jacobi. Ele estava grato que ele escapou do laboratório que fez os desejáveis, mas ele não se importaria de ser capaz de mudar a sua aparência à vontade.



— Você sabe, meu querubim, acho que você está certo. — Com nada mais do que um pensamento, o cabelo de Jacobi mudou para um tom escuro de uva roxa. Então, ele ofereceu o braço para Aspen. — Podemos ir?

— Você acha que eu preciso de sapatos? — Jacobi olhou para os seus próprios pés descalços e balançou as unhas pintadas.

— Não. Nós somos muito impressionantes para essas restrições.

Ele não sabia o quão maravilhoso ele era, mas Aspen gostava do som. Assim, ele enrolou o seu braço com o de Jacobi, sorriu para ele, e mexeu os quadris. — Nesse caso, não vamos manter todos esperando. — Com alguma sorte, talvez ele tivesse um vislumbre do bonito Ancião.



— Spiro — Layke abaixou a cabeça em respeito, embora tecnicamente fosse maior que o rei. Eles estavam na casa de Spiro, no entanto, e não importava os seus títulos, o elfo era um excelente líder e merecia a estima adequada.

— Ancião Winter — Spiro assentiu em troca, mas levantou-se rapidamente para guiá-lo a uma poltrona estofada azul meia-noite. — Como foi a viagem?

— Chame-me Layke, e a viagem foi bem. — Ele acenou com a mão para fechar o assunto, sabendo que eles preferiam ignorar as brincadeiras e ir direto ao que interessa. — Cian Murphy está aqui para me ajudar no retorno

do prisioneiro para o continente, para o seu julgamento. Vamos levá-lo no final da semana. — Deuses, ele detestava essa parte do seu trabalho. — Eu realmente sinto muito por suas perdas — Seu coração sangrou pelos inocentes e pelas famílias que tinham deixado para trás, mas a morte era uma parte inevitável do seu mundo. Spiro ergueu o queixo em reconhecimento, mas não comentou.

— Você já pensou sobre o meu pedido?

— Eu tenho — Inclinando-se para trás na cadeira, cruzou uma perna sobre a outra e trançou os dedos em seu colo, estudando o homem na frente dele. — Eu concordo que essas práticas da família real são desatualizadas, e algumas poderiam até mesmo serem visto como bárbaros. A poligamia é muito boa para alguns, mas não deve ser forçado. Este encantamento imposto para forçar um príncipe ao trono é ainda mais preocupante.

— Eu concordo. Então, isso significa que você vai ajudar?

Layke assentiu. — Eu vou. No entanto, tenho de perguntar. Tem certeza de que quer abdicar do seu título? — A família de Spiro tinha governado a sua raça durante milhares de anos, e quando realmente não havia razão para ter um rei no mundo moderno, ele queria ter certeza de que o jovem sabia o que ele estava pedindo.

— Sim — Spiro respondeu imediatamente. — Eu ainda sou o líder deste círculo, e você tem a autoridade para falar em nome do nosso povo como nosso representante no Conselho. A coroa não tem o poder que tinha antes, e, francamente, eu não acredito que deveria. Este círculo precisa de um líder, e não um babaca sedento de poder se escondendo atrás de um título.

— Falou como um verdadeiro líder. — Ele ficou impressionado com o híbrido desde o momento em que ele o conheceu. Ele era racional, um intelectual, e colocava as necessidades de todos acima dos seus próprios

desejos egoístas. Na opinião de Layke, não havia ninguém melhor para governar o povo da ilha. — Isso significa que temos um acordo?

Ele ajudaria independentemente se Spiro concordasse com um pouco de negociação, porque era a coisa certa a fazer, mas se ele pudesse ganhar algo em troca, ele não estava acima de tentar.

— Os encantamentos foram obrigados pela lua e devem ser retirados pelo sol. Podemos realizar os ritos sempre que quiser, mas tem que ser feito ao nascer do sol. — A magia élfica se baseia nos mesmos elementos naturais como as das bruxas, mas encantamentos élficos tendem a ser desnecessariamente complicados. — Eu vou fazer a dissolução oficial do título real quando eu voltar para o Wyoming.

— Eu vou dar a Zuriel um par de dias com seu irmão, antes de fazer o rito. Eu sei que ele vai querer estar lá, mas ele merece alguma felicidade após o último par de semanas. — Um sorriso apareceu meio inclinado num canto dos seus lábios, doce e sentimental como todos os tolos apaixonados ficam quando eles pensam em seus amantes. No entanto desapareceu rapidamente, e Spiro olhou para Layke com uma sobrancelha arqueada. — Tem algo mais?

— Perceptivo — admitiu, mas não havia necessidade para jogos ou hesitações. Ele poderia ordenar em vez de pedir, mas seria melhor para todas as partes envolvidas se Spiro concordasse com o seu plano. — Esta ilha é isolada, escondida, e agora, você está usando apenas uma fração da sua área plantada.

— Sim, mas a expansão é difícil sem fundos. O que exatamente você está perguntando?

— Haven está transbordando, e ainda há refugiados vindo a cada semana. Nós já levamos alguns para o Cloud Peak, outros para Snake River, e nós temos uns poucos na casa do Conselho, em Casper. Não há mais nenhuma

sala, no entanto. Mesmo com a compra de novas terras, o influxo de pessoas assustadas que estão aparecendo, tem superado em número os Executores designados para mantê-los seguros.

— Você quer que alguns deles venham para cá. — Spiro olhou seus dedos e os apertou contra os seus lábios enquanto ele assentiu. — Estou feliz em ajudar, e como você disse, há um monte de terra que não estamos usando. O problema é o dinheiro. — Ele levantou uma mão e girou o seu pulso para indicar o quarto. — Este lugar é pretensioso e precisa de dinheiro para manutenção, mas o que havia acabou. Meu pai teve a certeza disso.

Felizmente, Layke tinha uma solução fácil para isso. — Você sabe que, se você concordar em criar um refúgio aqui, a ICPJ financiaria o alojamento e tratamento dos moradores.

Spiro colocou a mão sobre a barriga e riu. — Você tem uma resposta para tudo, não é?

— Eu gosto de ganhar.

— Bem, parabéns. — Ele se levantou da sua cadeira, esperando Layke fazer o mesmo antes de oferecer a sua mão. — Você agora já tem um refúgio nesta ilha.

Rindo para o líder, Layke deu um tapinha no seu ombro com a mão esquerda. Excelente. Se ele fosse honesto, não esperava nada menos, mas ele estava feliz por que tinham sido capazes de chegar a um acordo fácil e rápido. Levando-o a partir da biblioteca, Spiro fez um sinal para o corredor a direita. — Eu mandei colocar as malas no seu quarto. Gostaria de descansar, ou você quer almoçar primeiro?

Tinha sido um tempo muito, muito longo desde que ele teve o sabor de comida élfica tradicional, e ele estava como um menino na véspera do seu aniversário. — Vou descansar depois do almoço.

Enquanto vagavam através do labirinto do castelo, em busca da cozinha, Layke começou a notar um zumbido de baixo nível que se arrastou por sua pele. A cada passo que dava, ele estava ficando nervoso, uma energia parecia que estava vibrando nele da cabeça aos pés.

Não fazia sentido. Ele não estava nervoso, não tinha razão de estar. Em sua longa vida, ele experimentou medo e ansiedade, mas nada como isto. Realmente, ele se sentia mais como se ele tivesse com eletricidade correndo sob ele, ele não tinha qualquer resposta emocional, e ele acabou enfiando as mãos nos bolsos da sua calça cáqui porque ele não podia parar de tremer.

Risos ecoavam de algum lugar por perto, saltando nas paredes de pedra, uma vez que ecoou pelo corredor. Uma voz em especial se destacou a ele em relevo acentuado. Não era mais alta do que as outras, mas era clara e fresca, como se o orador estivesse ao lado dele. Seu coração batia um pouco mais rápido, e ele teve que voluntariamente se impedir de apressar os seus passos.

Mais sons de júbilo vinham da cozinha e trouxeram aquela voz, bonita musical para os seus ouvidos mais uma vez. Desta vez, o riso penetrou nele, aquecendo-o de dentro para fora, enquanto o seu pênis se contraía em sua calça.

Finalmente, depois do que parecia uma eternidade, eles chegaram na cozinha, mas Layke ficou para trás na porta, examinando o local em sua busca para identificar o proprietário da voz angelical. Ele conhecia a de Cian Murphy, é claro, e a do seu companheiro, Zavion. Zuriel era fácil de detectar uma vez que ele era a imagem espelhada do seu irmão. Não confundiu Jacobi, embora ele só o conhecesse de passagem durante uma das suas visitas a Haven, e Nithron que conheceu naquela manhã.

Isso deixava apenas três homens na sala, que ele não conhecia. Eram todos pequenos em estatura, mas vê-los rir e brincar uns com os outros, ele

imaginou que eles tinham personalidades muito diferentes. Um homem com cabelo escuro e quadris magros, de repente virou a cabeça para Layke, e qualquer um teria pensado que o cara tinha visto um fantasma.

Descendo de onde ele estava empoleirado no centro da cozinha, ele apressou-se e abaixou a cabeça, olhando para os seus pés enquanto ele falava. — Ancião Winters, você está aí. Quero dizer, você está aqui. Bem, eu não vi você lá... aqui.... onde você está. — Ele suspirou em derrota e balançou a cabeça. — Eu só vou parar de falar agora.

— Relaxe,— seria falta de educação rir do nervosismo do homem, mas ele era tão bonitinho. — Chame-me Layke, e pare de olhar para o chão. Somos todos amigos aqui.

Olhando para cima, o estranho inclinou a cabeça para o lado e franziu a testa. — Você conhece Xander?

— Sim, eu estou familiarizado com ele. Por quê perguntou?

— Você soa como ele. — Ele ofereceu a sua mão, embora estivesse tremendo um pouco. — Eu sou Nikola. É um prazer conhecer você. — Ele parou, fechou os olhos, e gemeu, é um prazer conhecê-lo!, como eu desejava Porra rir, foi ficando cada vez mais difícil manter uma cara séria.

— Sério, porém, não há nenhuma razão para estar tão nervoso. Sendo um ancião só me faz velho. Ele não faz de mim uma pessoa especial.

— Olá, senhor. — Outro dos estranhos se afastou do balcão e inclinou a cabeça. Quando olhou para cima, havia um tímido sorriso nos lábios, mas pelo menos ele não estava tremendo como o seu amigo. — Estou Mihail.

Layke acenou de volta em reconhecimento. — Mais uma vez, me chame de Layke.

Não havia nada de errado com as maneiras e o comportamento respeitoso, mas ele não gostava do nível de reverências que veio com ser um

ancião. Muito raramente ele era tratado como um cara normal. Ah, ele tinha amigos, e eles certamente tentaram, mas havia ainda essa linha invisível que ninguém queria cruzar com ele.

Ambos os shifters foram agradáveis, mas também não era o dono da voz que o cativou. Isso deixou apenas um outro homem na cozinha. A menor pessoa lá, empoleirado em cima do balcão, deixando os seus pés pendurados sobre o lado enquanto ele estudava a todos na cozinha com um sorriso vago, misterioso.

— Olá. — Isso foi tudo o que ele disse, mas Layke jurou, a sala tornou-se um pouco mais brilhante quando ele falou.

Deslizando para frente como se a voz aveludada estivesse deslizando por ele em um gancho invisível, ele não parou até que ele estava perto o suficiente para alcançar e tocar o homem se ele assim o desejasse. — Olá. — Não foi articulado, e definitivamente não foi bom. Não, desde a sua adolescência ele não tinha sido tão desajeitado e inseguro. — Meu nome é Layke — Bem, isso não foi melhor, considerando que ele tinha acabado de anunciar o seu nome duas vezes.

— Eu sei. — Aquele sorriso vago nunca deixou os seus lábios, mas ele sentou-se reto e estendeu a sua mão. — Eu sou Aspen. Você tem olhos muito bonitos.

Layke estava com a língua presa. Tudo o que ele queria dizer de alguma forma se perdeu na vinda entre o seu cérebro e seus lábios, e ele não queria correr o risco de dizer algo completamente ridículo. Pegando a mão oferecida, ele a segurou, em sua própria, engolindo de volta o seu suspiro de surpresa quando essa energia, que ele tinha experimentado no corredor aumentou dez vezes. — Obrigado.

Aspen era bonito, embora. Seus longos cabelos de ébano caíam em cascata sobre os seus ombros. Os fios lisos refletiam a luz do teto, dando-lhes

um brilho saudável da cabeça até a ponta. Pequeno e magro, ele tinha as características mais delicadas do qualquer homem que Layke já havia conhecido, mas ele não era feminino. Grandes olhos azuis impressionantes dominavam o seu rosto, brilhavam com um brilho malicioso como se soubessem mais do que estava dizendo. — Só para você saber, Layke...

Pelos deuses, nada afetava este homem? Layke estava prestes a sair fora da sua pele, mas Aspen parecia fresco e calmo. — Sim?

O sorriso sem graça se transformou em um sorriso arrogante e confiante, quase um brilho predatório, que substituiu o brilho inocente em seus olhos.

Casualmente, ele enganchou dois dedos na gola da camisa de Layke e o puxou para frente, parando um pouco antes das suas bocas se encontrarem e traçou a sua língua sedutoramente sobre os lábios de Layke, e disse.

— Você é meu.

Capítulo Dois

No instante em que as suas ações entraram no seu cérebro confuso, Aspen imediatamente liberou o ancião e se jogou para trás como se tivesse sido queimado. — Eu sinto muito. — O que diabos havia de errado com ele? Ele não agia assim. Ele não era ousado, nunca fez o primeiro movimento, especialmente um tão agressivo.

— Por que você está se desculpendo? — Jacobi falou. — Isso foi malditamente quente.

— Sim — mais três dos seus amigos gritaram.

— Faça de novo — acrescentou Zuriel com uma risadinha.

Aspen queria derreter no chão e morrer. Para todos os efeitos, ele só agrediu um idoso, e ninguém parecia ver nada de errado com isso. — Eu preciso ir. — Só que ele não poderia passar porque Layke ainda estava de pé na frente dele, bloqueando a sua saída com uma expressão que só poderia ser descrito como atordoada.

Bem, pelo menos eles tinham isso em comum, porque Aspen ficou estupefato com as suas ações. Ele ouviu-se falar, sentiu o seu corpo se mover, mas era como se alguém ou alguma coisa tivesse tomado o controle do seu corpo.

— Ok, todos fora — Spiro ordenou após o silêncio se estender por algum tempo. — Eu quero dizer isso. — Seu tom tomou uma borda de aço quando ninguém se moveu. — O show acabou. Saiam daqui.

Não demorou muito para que todos saíssem da cozinha, deixando-o sozinho com Layke. Aspen não pode deixar de sentir-se um pouco abandonado, ele não tinha ideia do que ele deveria fazer em seguida. Ele tinha ido para cima de Layke a partir do momento em que ele entrou na cozinha, e algo escuro e primordial havia se apoderado dele quando o tinha tocado.

Ele não era uma pessoa de extremos. Ele gostava de muitas coisas, mas sempre com moderação, e não importando a emoção, nunca se sentiu muito fortemente sobre qualquer coisa. Em essência, ele estava sempre satisfeito com a vida, mas raramente estava com raiva, ou triste, ou mesmo muito feliz.

Nos cinco minutos desde que ele conheceu Layke, no entanto, ele sentiu como se cada parte dele estivesse viva. Seu coração batia forte, as têmporas latejavam, e suas entranhas estremeceram com vitalidade instável. Honestamente, ele não conseguia entender como as pessoas viviam diariamente sem explodir.

— Layke, quero dizer, Ancião Winters, eu realmente não sei o que deu em mim — disse ele, tentando mais uma vez articular a sua mortificação sobre a situação. — Eu peço desculpas pelo meu comportamento desagradável. — Realmente não haviam palavras que ele pudesse dizer que mudaria o que tinha acontecido ou torná-lo melhor, no entanto.

Quando o elfo apenas continuou a olhar para ele sem comentário, Aspen mexeu-se na bancada e desviou o olhar, incapaz de encontrar o olhar do homem por mais tempo. O calor começou em seu rosto, mas rapidamente espalhou-se pelo pescoço indo até as pontas das suas orelhas. O forro de prata era apenas que as coisas não poderiam ficar piores.

Alguns segundos se passaram e o silêncio continuava, até que ele não aguentou mais. — Uh, sim, eu acho que é melhor eu ir. — Ele tentou deslizar para baixo, pensando que Layke entenderia e sair do seu caminho.

Mas tal coisa não aconteceu, no entanto. Em vez de se afastar, Layke se aproximou até que ele estava pressionado entre os joelhos de Aspen com os quadris encostado ao lado do balcão. — Meu nome é Layke não, Ancião Winters, não para você.

— Ok. — O cérebro de Aspen estava começando a dar curto-circuito novamente, e ele se sentia desligado, como se ele estivesse naquela fase de transição antes de adormecer. A voz de Layke era profunda e rica, tão suave como seda, e que tomava conta dele como uma corrente de ar refrescante. Infelizmente, também fez ter um pensamento lúcido quase impossível. Deuses,

ninguém nunca tinha evocado uma resposta nele tão extrema, e ele não estava completamente certo como ele se sentia sobre isso ainda.

— Em segundo lugar — Layke continuou, — não se desculpe mais. Você não fez nada de errado.

Isso era discutível, e, bem, Aspen sentiu a necessidade de rebater isso. — Eu ataquei você na frente de todos, eu desrespeitei você, agi como uma maldita prostituta!

Layke riu, e o seu riso fez coisas engraçadas no estômago de Aspen. Uau! o cara tinha um grande sorriso. Seus dentes eram perfeitamente retos e deslumbrantemente brancos, e ele tinha uma covinha na bochecha esquerda. Seu nariz era amassado só um pouquinho, e seus olhos enrugavam nos cantos, enquanto o cinza prateado da sua íris brilhava com diversão.

— Você estava seguindo os seus instintos, Aspen, e enquanto eu não queria incentivar Jacobi de outra forma, ele estava certo. Seu comportamento chamado inconveniente foi incrivelmente sexy.

Ele era imaturo, mas de repente Aspen teve o desejo quase incontrolável de rir. Logicamente, ele sabia que Layke era um homem como qualquer outro, com desejos e vontades. Aspen o tinha em tão alta consideração que, no entanto, lhe pareceu muito engraçado ouvir uma palavra tão comum como “sexy” vindo da boca do ancião.

Ele era tão divertido com o vernáculo, que ele levou um momento para processar o resto da instrução. — Ok, de volta, perdi algo. Que instintos? — Ele teve a impressão de que havia um conceito muito importante que ele não estava entendendo.

Por passar a vida isolado dos seus pares, Aspen havia criado mundos de fantasias elaborados por ele, em deferência à dureza da sua realidade. No entanto, investir tanto tempo em um reino de arco-íris e girassóis significava

que ele era terrivelmente ignorante e ingênuo sobre uma vasta gama de temas mundanos.

As mãos de Layke deslizaram por baixo da barra da sua camiseta e tocaram de leve os seus quadris. O calor que irradiava das suas palmas foi incrível, penetrando na pele de Aspen até que suor brilhou na sua testa. O chiar da energia elétrica ricocheteou dentro dele, mais uma vez, e ele mordeu o lábio inferior para segurar o seu gemido quando o seu pênis começou a inchar pela proximidade de Layke.

— Feche os olhos — Layke sussurrou contra a sua orelha. Aspen obedeceu antes mesmo que ele registrasse a intenção de fazê-lo.

O cheiro de Layke, limpo e quente como algodão lavado tirado direto do secador, o dominou, invadindo os seus sentidos e deixando-o tonto. As palmas de Layke deslizaram por suas costas e atravessaram as suas omoplatas, fazendo com que a sua pele se arrepiasse.

Santo inferno doce, aquelas mãos eram tão suaves, e a intimidade do toque fazia com que Aspen quisesse mais.

Abaixando a cabeça para trás em seus ombros, ele arqueou-se e balançou para frente, inclinando-se mais perto de Layke até que os seus peitos ficassem encostados.

— Diga-me o que você sente — Layke instruiu, ainda com aquela voz, baixa e sensual que fazia palpitar o pau de Aspen. Ele queria dizer ao elfo que ele se sentia como se estivesse flutuando. Ele queria pedir apenas um gosto dos lábios do homem. Ele queria pedir por mais toques sensuais. Havia um monte de coisas que ele queria, mas quando ele abriu a boca para expressá-las, tudo o que saiu foi uma única palavra, quase ininteligível através do grunhido, apertado estrangulado que o acompanhava. — Meu!

A sensação tranquila de estar à deriva em uma nuvem desapareceu, de imediato, e foi violentamente substituída por uma fome que arranhava e queimava. Ele não queria mais implorar pela atenção de Layke, mas comandar o ancião a dar-lhe o que ele desejava. Seu lábio superior enrolava sobre os seus dentes, seu pulso pulsava na sua garganta, e ele rosnou mais uma vez enquanto ele emaranhava os seus dedos no cabelo de Layke, empurrando-o para um beijo, era difícil pensar.

Layke não resistiu, e seus lábios se separaram voluntariamente, dando permissão a Aspen para explorar o seu prazer. Não havia nada de casual sobre o toque das suas bocas ou a batalha das suas línguas, no entanto. Uma parte do seu cérebro gritava para ele parar, para desacelerar, mas foi facilmente silenciado quando o beijo se tornou mais intenso.

Sem quebrar o contato, ele conseguiu colocar as suas pernas sob ele, levantando-se de joelhos para mais controle. Ele não apenas beijava a homem. Ele o devorou, gemendo e grunhindo como uma prostituta, em sua busca por mais. Aprofundando o beijo, praticamente atacando a sua boca, Aspen enganchou uma perna em torno da cintura de Layke e depois a outra, não dando ao seu parceiro escolha, mas apenas suportar o seu peso.

Seu pau estava tão duro que ele temia que iria descarregar ao menor toque, e as suas bolas doíam impiedosamente dentro do confinamento da sua calça jeans. — Ah! — Sacudindo a cabeça para o lado, ele bateu a mão sobre a boca e gemeu através dos seus suspiros. — Dói — ele choramingou. Deuses, parecia que algo estava esfaqueando as suas gengivas, cavando até o osso.

— Respire fundo, Aspen. — Muito delicadamente, Layke colocou-o de volta no balcão e passou os dedos ao redor do pulso de Aspen, tirando sua mão dos seus lábios. Então ele pegou a torradeira de aço inoxidável do balcão oposto e a colocou na frente do rosto de Aspen. — Veja, está tudo bem. Vai parar de doer em um minuto.

Olhando para o metal, Aspen segurou a boca ligeiramente aberta e inclinou a cabeça para trás, estimulando os longos caninos pontiagudos, a se estenderem além do seu lábio superior. — Oh, meu inferno doce — ele respirou. Isso não estava certo. Ele não era um shifter ou um vampiro. Nunca em sua vida isso tinha acontecido. — Porque? Não estou entendendo. O que está acontecendo comigo? Demônios não têm presas.

Ele empurrou mais ou menos a torradeira, já não querendo olhar para si mesmo. A dor tinha acabado com todo e qualquer ardor que ele sentiu, e mais uma vez, ele foi deixado com apenas a vergonha pelas suas ações.

Havia algo de muito errado, algo que ele não podia controlar, e isso assustou o inferno fora dele. Seu intestino torcia, atando o seu estômago e ameaçando expulsar o conteúdo por todo o chão reluzente de azulejos. Talvez ele estivesse ficando louco. Ele certamente sentiu como se estivesse perdendo a cabeça, junto com todo o controle. A condição havia chegado tão de repente, no entanto, e tudo estava ligado a chegada de Layke. Aspen simplesmente não entendia como os dois eventos estavam relacionados ou por quê.

Eu preciso descer da bancada, ele fez e em três passos ele quase chegou à porta quando um braço em volta da cintura interrompeu sua saída.

— Boa tentativa, mas você não vai a lugar nenhum ainda. — Dirigindo-o para a mesa da cozinha, Layke sentou-o em uma cadeira antes de abaixar-se na frente dele. — Aspen, quantos anos você tem?

Ele não sabia o que a sua idade tinha a ver com qualquer coisa, mas não era um grande segredo, tampouco. — Eu fiz 20 em março, embora eu não saiba exatamente em qual dia eu nasci.

O que não foi um grande negócio, no entanto. Comemorar aniversários para imortais era superestimado de qualquer maneira, e ele, honestamente, não via o ponto. Aniversários eram apenas outra maneira de

dizer a passagem do tempo, mas, se ele nunca morria, o que importa quantos anos ele viveu?

— Eu estou assumindo por sua reação que isso nunca aconteceu antes, não é?

Aspen balançou a cabeça. — Eu nem sabia que os meus dentes poderiam fazer isso.

Ele sentiu que deveria pedir desculpas novamente, mas não havia nada que ele pudesse dizer, nada que ele pudesse dar que fizesse algo melhor.

Ele se sentiu... Quebrado. O mundo que ele escolheu para imaginar não era prático, mas tinha sido adaptado para as suas necessidades, e agora, ele estava se afogando.

— Aspen — Layke manteve a voz calma e suave, enquanto ele pegou a mão de Aspen e acariciou os dedos com o polegar. — Melamin, que tipo de demônio é você? — Um encolher de ombros foi a melhor resposta que poderia dar. Até que Nikola e Mihail haviam produzido os registros do Conselho, ele não sabia que haviam diferentes espécies de demônios. Mais ao ponto, ele nem sabia que ele era um demônio até dois anos atrás, e ele disse a Layke isso.

— Eu não estou tentando ser insensível, mas como você poderia não ter sabido? Na verdade, você nunca teve suas presas alongadas quando estava com raiva ou excitado?

Suas bochechas ficaram aquecidas mais uma vez com vergonha, mas ele afastou o seu desconforto para responder a pergunta da melhor maneira possível. — Passei a maior parte da minha vida em um orfanato. Poucos meses antes de completar 18, mandaram-me para este lugar para jovens problemáticos. Eu só estava lá por seis meses antes que os médicos me levaram, e é assim que eu acabei na A Colmeia.

— Foi quando souberam que você era um demônio?

— Sim, eles explicaram tudo para mim, e foi quando eu parei de me preocupar com os meus aniversários. — Ele tomou uma respiração profunda e deixou-o sair lentamente, em uma tentativa acalmar o seu pulso. — A resposta para sua outra pergunta é não. Eu nunca espontaneamente tive presas antes.

Layke olhou para ele por um longo tempo antes que ele finalmente levantasse a mão de Aspen para a sua boca e roçou os seus lábios com ela.

— Ok, vamos nos preocupar com isso depois. Eu acho que a primeira coisa que precisamos fazer é descobrir que espécie de demônio que você é.

— Será que realmente importa? — Ele fez todos os testes que ele pode segurar, tinha sido picado, cutucado, e injetado tantas vezes, para durar por toda a eternidade.

— Não para mim, mas eu gostaria de ter certeza de que você está recebendo tudo o que você precisa.

Não havia nada para ele então. — Certamente. Acho que faz sentido.

— Não se preocupe, *Melamin*. Eu prometo que vai ser sem dor.

A língua élfica era tão bonita e tranquila, e Aspen imaginou que a palavra desconhecida era um carinho de algum tipo. Ele só desejou saber o que significava. Ao perguntar, no entanto, Layke sorriu, balançou a cabeça e disse que ia explicar uma outra hora. Aspen concordou, mas fez uma nota mental para perguntar a Spiro sobre isso mais tarde.

— Layke, eu sou louco? — Ele se sentiu assim. Tudo o que tinha feito à dez minutos atrás, já não o confortava. Por duas vezes, ele perdeu o controle e agrediu sexualmente um membro do Conselho. Certo, Layke não se queixou ou tentou pará-lo, mas isso nunca deveria ter acontecido em primeiro lugar.

— Você não é louco. Eu acho que você está se sentindo um pouco sobrecarregado e muito confuso, mas eu acho que é de se esperar. — Levantando-se, ele estendeu a mão, à espera de Aspen para levantar e acompanhá-lo. — Vamos dar uma caminhada.

Talvez um pouco de ar fresco ajude a clarear a sua cabeça. Além disso, a sua ansiedade e inquietação foi causada pelas mudanças erráticas no seu humor.

Tire isso da equação, e ele estava mais do que feliz de passar um tempo com Layke. — Eu gostaria disso.

Capítulo Três

Eles passaram o dia inteiro juntos, aproveitando as temperaturas mais amenas da primavera para explorar a propriedade. Aspen até o levou a uma excursão pela pitoresca pequena cidade, e eles tinham desfrutado de uma boa refeição no café local, já que tinham perdido o almoço com os outros.

Tudo somado, foi um dos dias mais memoráveis que ele já passou, e com o seu aniversário de 1.200 anos chegando ao virar da esquina, isso era algo a se dizer.

Ele aprendeu muito sobre o seu companheiro em seu passeio, e com cada nova descoberta, ele ficava um pouco mais encantado com o jovem.

Virando o rosto em direção ao luar enquanto eles caminhavam de volta ao palácio, Aspen ofereceu um sorriso brilhante e enfiou a mão na de Layke, apertando os dedos delicadamente. — Eu me diverti muito hoje.

Seu otimismo era contagiante, e a sua felicidade inabalável era invejável. O sorriso nos seus lábios podia derreter o mais gelado dos corações, e cada vez que era destinado a Layke, ele sentia o seu coração pular uma batida.

Fazia quase 800 anos desde que ele tinha desistido de encontrar o seu companheiro escolhido. Teve algumas relações no seu passado, que ele pensou que iria providenciar um substituto perfeito, mas nenhuma tinha durado mais de um ano. Ele sempre se culpou pelas falhas, mas depois de apenas algumas horas com Aspen, ele sabia que nenhum substituto jamais seria suficiente.

O amor era uma criatura tão inconstante. Por duas vezes, ele achou que o tinha encontrado, mas em nenhuma das vezes ele sentiu uma fração das emoções que pulsavam dentro dele a cada vez que Aspen sorria para ele ou falava o seu nome. Agora, aqueles outros relacionamentos pareciam ser apenas prática para a coisa real.

— Alguma coisa errada? — A luz nos olhos de Aspen desapareceu um pouco, e a sua expressão agradável diminuiu ligeiramente.

— Não *Melamin*, nada está errado. — Parando pouco antes de chegarem ao portão do jardim, ele se inclinou, e deu um beijo suave na testa de Aspen. — Eu estava perdido dentro da minha própria cabeça. — Ele ouviu e registrou a declaração de Aspen, mas estava tão fascinado por sua beleza que ele não respondeu. — Eu acho que nunca me diverti tanto, e a companhia foi excelente.

Abaixando a cabeça, seu cabelo sedoso cobriu um olho, ele olhou para cima em Layke através dos seus cílios, enfeitando-o com um daqueles

sorrisos de parar o coração. — Por favor, me diga o que isso significa. Parece bonito quando você fala, mas pelo que sei, você poderia estar me chamando de burro.

Rindo baixinho, Layke ficou ereto e enfiou a mão de Aspen na dobra do seu cotovelo, guiando-o pelo jardim a um banco de pedra decorativo perto da entrada dos fundos da casa. — Sente-se comigo.

Aspen obedeceu facilmente, instalando-se no banco e se aproximando até que ele se encostou a lateral de Layke. — Eu amo isso aqui. É tão aberto. Você pode ver o céu para sempre.

— Você está com frio? — A primavera chegou, e os dias estavam mais quente, mas no meio do mar da Noruega, os ventos da noite ainda os açoitavam. Passando o braço ao redor dos ombros de Aspen, ele abraçou-o mais apertado e esfregou a sua bochecha contra o topo da sua cabeça.

— Um pouco — Aspen admitiu, — mas isso está ajudando.

Que os deuses tivessem misericórdia dele, porque ele estava completamente e totalmente perdido. Em seus muitos, muitos anos na terra, ele teve o privilégio de testemunhar em primeira mão o milagre do amor à primeira vista. Nunca tinha imaginado que iria acontecer com ele, e talvez não fosse exatamente amor que ele estava sentindo, mas era definitivamente intenso.

Crescendo longe do seu mundo em um orfanato humano, nem mesmo sabendo que havia algo de especial nele, Aspen não entendia plenamente essa coisa sobre companheiros. Além disso, ele claramente não sabia que Layke era o seu companheiro predestinado. Era de se esperar, mas isso tornava as coisas mais desafiadoras.

Ele tinha visto isso acontecer muitas vezes com os seus amigos humanos. Não só tinha o choque inicial de descobrir que o reino paranormal

realmente existia, mas eles encaravam a conexão do acasalamento como algum contrato mágico que impedia o seu livre arbítrio. Infelizmente, muitos relacionamentos foram destruídos pelo equívoco de que o vínculo tinha fabricado emoções já estabelecidas.

Para cada ação há uma reação igual e oposta. O mesmo era verdade entre companheiros. Eles eram yin e yang, fogo e gelo, paixão e sutileza. Eles eram equilibrados entre si, dando luz à escuridão e sombra para o dia.

Aspen era esperto, embora, ele empregasse uma boa dose de bom senso também. Felizmente, ele já havia sido apresentado a todas as coisas sobrenaturais, incluindo alguns, como os cientistas bastardos na Colmeia, que Layke teria preferido protegê-lo deles.

— *Melamin* — ele começou, — é élfico, como você sabe. É um carinho para alguém muito especial.

Suspirando no que pareceu um som de contentamento, Aspen se contorceu até que ele pudesse olhar para os olhos de Layke. — Você acha que eu sou especial?

— Eu sei que você é muito especial. — Movendo-se lentamente, testando as águas, ele abaixou a sua cabeça até que os seus lábios estavam quase se tocando, dando a escolha a Aspen para fechar os últimos centímetros.

O beijo foi hesitante, e nada como o da cozinha, mas era doce e cheio de honestidade. Seja quais foram os instintos que o subjugou no seu primeiro encontro se acalmaram, permitindo reações mais naturais. Foi um beijo curto, de boca fechada, mas não menos íntimo por sua brevidade e, o mais importante, era real.

Aspen se afastou rápido, mas Layke entendia a sua relutância em ir mais longe depois de seu episódio anterior. No início, era muito mais difícil acorrentar esses instintos subconscientes.

Duas vezes Aspen tinha perdido a batalha, e ambas as vezes parecia confuso e assustado depois. Se ele precisasse diminuir o ritmo das coisas para um arrastar para se sentir confortável, Layke estava mais do que disposto a seguir o seu exemplo.

Companheiros destinados eram intensamente atraídos um pelo outro, e aí estava o problema. As linhas entre o desejo e o amor, afeto e paixão eram turvas. Enquanto SUPES eram mais propensos a aceitar a natureza do vínculo de acasalamento, a triste verdade é que muitos deles não compreendiam a complexidade do desenho do destino.

Eles eram duas metades de um todo, no entanto individuais ao mesmo tempo. Era como uma geladeira com congelador lado-a-lado, dois componentes separados que funcionavam melhor em conjunto. Mas isso não era igual a amor automático

Moldados do mesmo barro e jogados no mundo em momentos e em lugares diferentes, os companheiros eram deixados à sua própria sorte para encontrar um ao outro. Mas o destino tinha implementado um tipo de código Konami² - para cima, cima, baixo, baixo, esquerda, direita, esquerda, direita, B, A, começar.

Não dava vida ilimitada, mas assegurava que parceiros destinados reconhecessem um ao outro.

Paranormais, mais em sintonia com os seus instintos animais, eram predispostos a serem territoriais, protetores, possessivos, e similares,

² O **Código Konami** (também conhecido como *Konami Code*) é um *cheat* que pode ser usado em vários *videogames* da Konami, normalmente habilitando algum tipo de opção secreta. O código foi utilizado pela primeira vez em 1986 no jogo *Gradius* para o Nintendo Entertainment System. Durante o jogo, ou nas telas de apresentação, o jogador pressiona a seguinte seqüência no controle: ↑ ↑ ↓ ↓ ← → ← → **B A**.

especialmente os shifters e os lobos. Novamente, isso não era amor. Era apenas outro truque do código do destino, dando ao casal, trio, ou o que seja, a melhor chance possível de se ajustarem. O resto era com eles.

Isso não queria dizer que amor à primeira vista não existe. Existia, no entanto, muito mais do que paus duros e perda de pontos de QI.

— Eu sinto muito — Aspen sussurrou depois de terminar o beijo. Ele abaixou a cabeça de novo e olhou pra Layke através dos seus cílios escuros e longos. — Eu posso sentir isso começando agora. É como uma vibração que só fica mais e mais rápida até explodir.

Era uma descrição muito precisa. — É bom que você possa reconhecer, porque vai ajudar você a controlar esses impulsos.

Layke também estava sentindo, este sentido de urgência que se intensificava quanto mais tempo ele ficava perto de Aspen. A diferença era que ele teve mais de mil anos para aprender a moderar as reações do seu corpo, enquanto Aspen só tinha descoberto essas sensações a menos de seis horas atrás.

A inocência e ingenuidade do homem também serviam para lembrar quão jovem o seu pretendido era. Mais de 1100 anos os separava, e era justo dizer que Layke tinha muito mais experiência de vida que o seu companheiro. Ele não necessariamente via isso como uma coisa ruim.

Ambos traziam algo único para o seu relacionamento. Layke tinha a experiência e sabedoria. Ele não tinha todas as respostas, mas ele tinha um monte delas. Mesmo que ele tinha visto uma grande dose de bem, ele também tinha vivido tempo suficiente para saber que o mal não se escondia apenas nos armários sombrios da humanidade.

Aspen sofreu sua parcela de injustiça, mas com 20 anos, ele ainda era jovem o suficiente para se recuperar. Ele via o mundo com otimismo e

esperança. Um fogo queimava dentro dele, uma paixão de viver a vida ao máximo, que Layke lamentava admitir, mas tinha perdido há muito tempo.

Deslizando os dedos sob o queixo de Aspen, ele inclinou o rosto do anjo e sorriu. — Você nunca tem que pedir desculpas pela maneira como você se sente. Estou aqui para ajudar e apoiar você, mesmo que isso signifique que você precisa de espaço.

A expressão de Aspen se iluminou e ele se aproximou mais uma vez. — Não espaço demais.

O diabinho era tão adorável quanto ele era tentador, e Layke teve que engolir várias vezes antes de poder falar. — Aspen, *Melamin*, você sabe por que isso está acontecendo? Você entende por que você se sente assim?

— Você não me disse o que essa palavra significa.

— *Quid pro quo*³ — Layke brincou. — Você responde à minha pergunta, e eu vou responder a sua.

— Mas eu perguntei primeiro.

Layke suspirou. Aspen estava certo, e que não seria justo se ele não jogasse por suas próprias regras. — Meu amor — ele respondeu de forma clara. — Isso significa 'meu amor' — Não era assim que ele queria explicar a conexão entre eles, mas como ele tinha pedido ao seu companheiro, ele tinha que dar um pouco para conseguir um pouco.

O silêncio se estendeu, mas Aspen não se moveu do seu lado, então Layke tomou isso como um bom sinal. Ele poderia soletrar, basicamente arrastar Aspen para a resposta certa, mas ele achou que não seria necessário.

Assim, ele não disse nada e esperou, balançando-os de um lado para outro enquanto cantarolava uma melodia calma.

³ é uma expressão [latina](#) que significa — tomar uma coisa por outra — .

Eventualmente, sua paciência valeu a pena, e Aspen se sentou, virando-se lateralmente no banco estreito para enfrentá-lo. — Eu tenho um monte de perguntas, mas acho que entendi uma coisa importante. Atacá-lo, a possessividade, a coisa com os meus caninos, tudo faz sentido agora. — Ele balançou a cabeça em pequenos movimentos quando um sorriso tímido iluminou o seu rosto.

— Você é meu. Nós pertencemos um ao outro, como companheiros, como Zuriel e Spiro. Estou certo?

— Você está absolutamente certo. — Talvez isso não fosse ser tão difícil depois de tudo. — Vamos! — Ficando de pé, ele estendeu a mão para ajudar Aspen a se levantar também. — Vamos encontrar um lugar mais quente para conversar.

— Sabe isso é engraçado. — Aspen segurou a mão oferecida e praticamente pôs-se de pé. — Eu vi quando você chegou com Nithron esta manhã, e eu senti como se alguma coisa muito pesada tivesse caído na minha cabeça. Depois que eu descobri que você era um ancião, aí eu percebi que eu tinha tanta chance como uma bola de neve no inferno.

Não era isso o que Layke esperava ouvir, e ele teve sentimentos mistos com a confissão. Por um lado, ele estava contente por não ter sido o único afetado de tal forma. No entanto, a visão diminuída que Aspen tinha de si mesmo o estava perturbando. Rei, príncipe, ancião, ou o homem na lua, qualquer um seria sortudo de chamar Aspen de seu companheiro.

— Por quê você pensaria algo assim? — Abrindo a porta de trás e deixando Aspen entrar primeiro, ele pegou os seus casacos e pendurou-os nos ganchos do vestíbulo antes de continuar para a cozinha. — Não se subestime.

Infelizmente, ele não chegou a ouvir a resposta do seu companheiro, porque no momento em que entraram na cozinha, eles foram recebidos com um barulho alto de boas-vindas dos amigos de Aspen. — Nós estávamos

prestes a enviar uma equipe de busca — Nikola falou da pequena mesa redonda.

No minuto que a presença de Layke foi notada, no entanto, todo o barulho parou, todos se levantaram, e várias pessoas na sala, até mesmo se inclinaram para ele. — Olá ancião. — Mihail falou respeitosamente, com apenas um ar de reverência que Layke sentia que não merecia.

— Boa noite — ele respondeu agradavelmente. O shifter não tinha feito nada de errado, e não havia nenhuma razão para ser indelicado, pois seu humor estava tomando uma queda livre. — Peço desculpas por deixar vocês preocupados.

— Oh, Nikola estava apenas brincando — Mihail respondeu com um olhar aguçado para o amigo. — Por favor, ancião sente-se. — Ele deu um passo para o lado, indicando a cadeira que ele tinha acabado de desocupar.

— Eu agradeço, mas eu estou bem de pé. — Era por isso que ele não se envolvia em muitas interações sociais.

Era foda desgastante.

Ele não era um ser onisciente. Ele não podia prever o futuro, e apesar da crença popular, ele não poderia curar o câncer, resolver a fome no mundo, ou resolver todos os problemas apresentados a ele. Talvez fosse por causa de sua idade que as pessoas o colocavam em um pedestal, porque ninguém parecia ter o mesmo tratamento com outros funcionários do Conselho.

Só uma vez, ele gostaria de entrar em uma sala sem interromper toda a conversa ou ser tratado como se tivesse o poder de trazer a paz ao mundo, especialmente porque ele nunca tinha feito nada muito espetacular em toda a sua vida.

Por apenas algumas horas, com Aspen como seu guia, ele foi capaz de experimentar como era ser tratado como uma pessoa normal. Aspen não se

importava que ele tinha uma cadeira no Conselho. Para o seu companheiro, ele não era o Ancião Winters, mas simplesmente Layke, e nem uma vez durante o seu dia Aspen colocou qualquer tipo de expectativas sobre ele.

Layke de alguma forma desenvolveu uma reputação de ser o cara que sabia tudo sobre tudo. Era muita pressão, muita responsabilidade, mas depois de um tempo, ele acabou aceitando isso como sua sorte na vida. Aspen tinha lhe dado um gostinho de paz, lhe mostrado um vislumbre de normalidade, e ele queria isso agora mais do que nunca.

— Por que todo mundo está agindo de maneira estranha? — Sentando na ilha no exato lugar em que ele estava sentado na primeira vez que Layke o viu, Aspen estendeu a mão e puxou a parte de trás da sua camisa, puxando-o para mais perto. — Há algum chocolate?

E lá estava um excelente exemplo de por que Layke já adorava o homem. — O que acha de chocolate quente? — Deslizando entre os joelhos de Aspen, ele levou as mãos do seu companheiro até a boca e soprou o hálito quente sobre os dedos frios.

— Mmm. — Baixando a cabeça para trás, Aspen balançou as sobrancelhas e franziu os lábios. — Eles estão frios, também.

Divertindo-se com a sua jovialidade, Layke riu quando ele se inclinou para esfregar os seus lábios nos dele. — Melhor?

— Muito, e chocolate quente parece incrível, desde que não seja aquela coisa instantânea.

— Nunca ouvi falar disso.

— Ah, eu gosto de você.

Eles compartilharam outra risada e um suave beijo antes de Layke finalmente se afastar para encontrar os ingredientes que precisava. Só quando ele começou a procurar nos armários que ele percebeu que a cozinha estava

notavelmente silenciosa. Olhando por cima do ombro, ele bufou com os olhos arregalados e as bocas escancaradas dos homens que se reuniram perto da mesa.

Todos eles estavam olhando como se ele tivesse fodido o seu companheiro contra a geladeira em vez de compartilhar dois beijos castos.

Bem todos, exceto Jacobi. Com um quadril inclinado para o lado e os braços cruzados sobre o peito, ele sorria abertamente com uma luz conhedora em seus olhos como se tivessem acabado de anunciar uma venda de botas de cowboy multicoloridas.

— Entãããã — ele disse, arrastando a palavra para chamar a atenção de todos. — Parece que devemos dar os parabéns. — Virando o seu foco para Aspen, ele levantou uma mão e mexeu os dedos. — Eu quero detalhes.

— Jacobi — Nikola assobiou. — Isso não é realmente apropriado.

— E quando foi que isso me impediu?

— Touché — Spiro concordou com um ataque de risos. — Além disso, também quero detalhes.

Aspen parecia perplexo quando ele desviou o olhar de Layke para os seus amigos. — Como vocês sabem? Quero dizer, eu só descobri a uns cinco minutos.

— Você está brincando né? — Jacobi acenou com a mão girando em torno do seu pulso. — Você o montou como uma stripper pole e praticamente colocou uma bandeira em sua boca proclamando-o 'propriedade de Aspen St. Paul', vamos apenas dizer que eu peguei a dica.

Aspen se encolheu, e seu olho esquerdo se contraiu. A ação veio e foi tão rápido, que Layke não sabia exatamente o que tinha presenciado. Ele duvidou que tivesse sido a descrição bruta, embora bem-humorada, de Jacobi

que tivesse perturbado o seu companheiro. Talvez ele ainda estivesse envergonhado com o seu comportamento de mais cedo.

— Idiota — Mihail murmurou, estendendo o braço para bater na parte de trás da cabeça de Jacobi. — Desculpe por isso, Aspen. Jacobi é um chupador.

— Só se você pedir muito bem — Jacobi ronronou em resposta. — Além disso, eventualmente, ele vai ter que superar a aversão ao seu sobrenome.

— Não se preocupem. — Aspen tentou parecer casual, mas havia um aperto em sua voz que não estava lá antes. — Nós todos sabemos quão... quão...

— Fabuloso — Jacobi completou. — Eu acredito que é a palavra que você está procurando é fabuloso. E sim, eu sou.

— Jacobi — Spiro alertou, — você está sendo um idiota.

— Eu acredito que é uma questão de opinião, e o fato é que a sua opinião não importa. — Então ele mostrou a língua para o líder elfo e levantou o nariz com altivez.

— Ah, nossa... — Zuriel bufou e riu, rindo tanto que ele acabou deslizando para baixo do corpo de Spiro no chão. — Ele disse isso. Ele realmente disse isso.

— Sim, ele disse, — seu irmão gêmeo concordou. — Ele disse isso em voz alta e tudo mais.

— Inestimável!!

Layke mal prestou atenção neles, no entanto. Ele estava mais preocupado com o seu companheiro. A respiração Aspen estava mais rápida, mais rasa e mais irregular. Uma tonalidade rosa infundida em suas bochechas,

e um tremor quase imperceptível em sua pequena estrutura. Abandonando a sua procura pelo chocolate, ele voltou para o lado de Aspen, embalou o seu rosto com as duas mãos, e sorriu casualmente como se não tivesse notado nada.

— Isso pode levar alguns minutos. Por que você não vai tomar uma ducha e se esquentar? Eu levo o seu chocolate e um pouco de comida para o seu quarto em poucos minutos.

Aspen não respondeu à primeira vista. Na verdade, parecia que ele nem sequer viu Layke de pé na frente dele. Mas, então, seus olhos se fixaram e o seu lábio inferior tremeu um pouco, e ele acenou com a cabeça uma vez. — Sim, está bem, parece bom. — Ele se acarinhou contra a palma da mão de Layke momentaneamente, deslizou para baixo do balcão, e saiu da cozinha sem dizer uma palavra a ninguém.

Layke não tinha ideia do que tinha acontecido. Ele esperava que, Aspen contasse a história um dia, mas até que isso acontecesse, ele pretendia oferecer conforto de qualquer maneira que o cara precisasse. Assim tudo o que ele podia fazer era terminar tudo na cozinha, e se certificar de que ele estivesse esperando quando Aspen saísse do chuveiro.

Capítulo Quatro

Fechando os olhos, Aspen gemeu quando a água quente caiu sobre ele. Ele se apavorou e agiu como um total idiota. Normalmente, ele não era tão excessivamente sensível sobre o seu sobrenome, mas depois de um dia

cheio de caos emocional, ele não estava preparado para Jacobi dar um tapa na cara dele com isso.

Os detalhes do seu nascimento não eram claros, mas ele sabia que tinha chegado no Orfanato de St. Paul depois que algum cidadão gentilmente o tinha resgatado de um cesto na Lavanderia Reggie's, quando ele tinha apenas alguns dias de vida. Seu primeiro nome estava bordado em seu cobertor, sua única posse além de uma fralda suja, mas ele precisava de um sobrenome se ele planejasse fazer mais do que se sentar no canto e mexer os polegares.

Ele também não era o único órfão com origens misteriosas a ficar preso com o apelido. Durante seus 17 anos em St. Paul, ele tinha contado pelo menos quatro outros meninos e meninas marcados com o mesmo sobrenome.

Não tornava mais fácil aceitar que os seus pais não o quiseram, mas os cinco tinham formado uma espécie de família dentro das paredes do orfanato. Aspen não os viu desde a sua partida, mas tinha momentos em que ele se perguntava o que havia acontecido com seus irmãos adotivos.

Às vezes, ele desejava poder chorar. Viver em um mundo de fantasia de girassóis e borboletas era ótimo, e ele definitivamente gostava, mas havia momentos em que um cara precisava apenas chorar tudo para fora antes que ele pudesse seguir em frente e curar.

O problema era que Aspen tinha passado toda a sua vida engolindo a sua dor e fingindo que nada tinha acontecido. Certamente ele tinha chorado quando ele era bebê, mas ele não se lembrava. Na verdade, ele não tinha nenhuma lembrança de derramar uma única lágrima, nunca.

Bem, isso não ia acontecer agora também. Ele podia ficar ali sob o jato fumegante, até que ele ficasse vermelho e enrugado, mas não iria lavar o passado. Então ele fez o que sempre fazia. Ele ignorou a dor, terminou de se lavar, se secou com a toalha, vestiu o seu pijama amarelo felpudo, e colocou um sorriso no rosto.

Saindo do banheiro, ele foi imediatamente saudado pelo aroma inebriante de chocolate e pão quente. Uma bandeja estava em cima do seu colchão, a prata brilhando na luz do teto contra o azul brilhante do seu edredom. Vapor saindo de uma pequena xícara de porcelana que estava ao lado de um prato decorado empilhado com muffins de maçã canela e aveia, absolutamente seus favoritos no café da manhã.

— Eu não tinha certeza se você queria uma refeição ou apenas um lanche. — Sentado em uma cadeira de encosto alta, Layke parecia a imagem da calma, com o seu sorriso gracioso e postura relaxada. — Eu posso encontrar outra coisa se quiser.

— Isso está ótimo. — Não era incomum para ele comer apenas uma refeição durante o dia. Embora o almoço tivesse sido várias horas mais cedo, o pensamento de algo mais pesado do que os muffins fez o seu estômago revirar.

— Você gostaria de um? — Não tinha passado mais do que 20 minutos desde que ele tinha visto Layke na cozinha, mas a comodidade que ele sentiu então estava ausente, deixando-o estranho, nervoso, e inseguro.

Aspen não sabia exatamente o que tinha mudado, se alguma coisa mudou, mas o clima entre ele e o seu companheiro estava de repente carregado com uma sensação de expectativa. Um zumbido dentro dele, fazendo-o hiperconsciente da presença de Layke no quarto, assim como todo o movimento sutil que ele fazia, até o subir e descer do seu pomo de adão quando ele engoliu.

— Obrigado, mas eu não estou com fome. — Parecia que mesmo Layke estava sentindo a eletricidade no ar, e estava compensando isso sendo extremamente cuidadoso.

Ou talvez fosse simplesmente tudo coisa da cabeça de Aspen.

Fazendo o seu melhor para ignorar o formigamento da sua pele, ele se sentou em sua cama e ergueu a xícara com ambas as mãos para saborear o seu chocolate. Estava suave e rico, a temperatura perfeita, e apenas apreciar a doçura ajudou a acalmar um pouco a sua ansiedade. — Quanto tempo você vai ficar aqui na ilha?

Era uma conversa que ele estava evitando, mas um tópico que eles precisavam discutir. Aspen não se opunha a voltar para a América, mas ele duvidava que jamais fosse se sentir em casa em Wyoming como se sentia em Silmataurea.

A posição de Layke como ancião era importante também, muito mais importante do que qualquer coisa que Aspen estava, ou não estava, fazendo na ilha.

Ele podia não entender completamente tudo que ser acasalado abrangia, mas não teria muita chance de descobrir se eles estivessem separados por milhares de quilômetros.

— Deixo a ilha no domingo. — Talvez Layke entendesse as implicações da pergunta, porque ele adotou uma expressão simpática quando continuou. — Eu tenho a responsabilidade de entregar Marcel para a ICPJ.

O guarda merecia punição pelos crimes horríveis que ele tinha cometido. Mas Aspen sentiu uma sensação de dor de cabeça pelo príncipe Rissian. Ele não podia imaginar o quão doloroso seria descobrir que alguém que você amava poderia fazer algo tão horrível, mas foi exatamente o que aconteceu com o companheiro do príncipe.

Depois de se sacrificar para impedir Marcel e salvar Zuriel, Rissian foi resgatado por seus irmãos. Do que Aspen sabia, ele tinha se recuperado totalmente de seus ferimentos autoinfligidos, mas ninguém, exceto a sua família tinha visto ele desde então, e ele se recusou a deixar a sua suíte.

Então sim, ele entendia por que Layke precisava ir embora, mas isso não tornava as coisas melhor. Seu companheiro não lhe pediu para ir junto, e seria rude apenas convidar a si mesmo. Infelizmente, ele não tinha certeza de onde isso os deixava.

— Percebi que você não estava muito feliz em Haven.

— É um lugar muito bom. — Ele não queria parecer ingrato com toda a ajuda que ele recebeu lá. — Eu não sei. — Bebericando a sua bebida, ele pensou sobre como articular os seus sentimentos. — Não há nada específico, mas simplesmente não... não é ...

— Não é a sua casa — Layke terminou por ele com um aceno de cabeça. — Está tudo bem, *Melamin*. Eu entendo o que você quer dizer, e eu não estou te julgando. — Ele apontou para a janela do lado esquerdo da cama. — O que você sente aqui? Você sente como se pudesse criar raízes nesse lugar?

— Este lugar é incrível. — Para ele, a ilha representava liberdade.

Ele era livre para ser ele mesmo, sem julgamento, para tomar suas próprias decisões, e ir e vir como quisesse. Havia certas regras que tinham que ser obedecidas, mas era assim em qualquer sociedade, e elas eram estabelecidas para a segurança, em vez de opressão. — Eu posso definitivamente me ver estabelecido aqui.

Havia algo quase mágico sobre as florestas circundantes e os moradores da pequena cidade no vale na base do morro atualmente. Quando ele chegou, antes da neve ter derretido, o lugar o lembrava duma vila, bem como as que ele tinha visto em filmes de Natal, com a intenção de representar o Pólo Norte. É claro, os elfos não pareciam em nada com as versões de Hollywood dos ajudantes do Papai Noel, mas a sua beleza e misticismo adicionavam ao fascínio.

— Nesse caso, eu acho que você encontrou a sua casa. — Layke parecia muito satisfeito com este desenvolvimento, embora Aspen não conseguisse entender o porquê. O ancião estaria retornando para o Wyoming em breve, e não havia garantia, não que Aspen tivesse uma de qualquer maneira, que ele voltaria.

— Sim. Eu acho que sim. — Foi uma declaração muito coxa, mas ele não tinha ideia do que mais ele podia dizer.

Com seus pensamentos e emoções emaranhadas em nós, ele não estava mais sentindo fome. Ainda assim, ele manteve a sua expressão positiva, quando ele reuniu a bandeja e levou-a para o quarto comum para colocá-lo na mesa de café. Então ele tirou apenas um momento para se recompor, sugando várias respirações profundas para acalmar os seus nervos antes de voltar para o quarto.

Layke não se moveu um centímetro, e ele parecia estar perdido em pensamentos.

— Pode levar cerca de um mês antes até eu acertar minhas coisas.

— Umm, tudo bem. — Ele tentou quebrar a cabeça pra entender, mas ele continuou em branco. — Como assim?

— Bem, isso poderia significar duas coisas. — Levantando-se da cadeira, ele caminhou para frente até que ele estava de pé ao lado de Aspen, ao pé da cama. — Sente-se comigo. — Ele se sentou no colchão e pegou a mão de Aspen, esperando ele se sentar, antes de continuar. — A escolha é sua, mas eu admito que estou sendo um pouco egoísta e esperando que você escolha a primeira opção.

Uma parte de Aspen queria dar a Layke tudo o que ele quisesse, mas ele precisava ouvir ambas as escolhas antes de dar esse salto no escuro. — Ok, vamos lá. Quais são as minhas opções?

— Bem, você pode viajar comigo de volta para Haven enquanto eu arrumo as minhas coisas e resolvo os problemas com o Conselho. Então, podemos voltar pra cá aonde eu vou supervisionar o desenvolvimento do novo refúgio que estamos planejando para a ilha.

— Oh, isso é ótimo. — Não havia muita chance de explorar em Haven, mas Aspen se reuniu com os que estavam lá, ambos com segurança e acomodações. — Será que os novos refugiados serão apenas elfos, ou haverá shifters e lobisomens e outros seres?

— Eu não gosto da ideia de segregação. Alguns argumentarão, mas eu acho que faz mais mal do que bem. Em última análise, no entanto, será a decisão de Spiro já que ele é o líder deste círculo.

Ele não parecia preocupado, e Aspen tinha que concordar. Spiro era um bom homem e um líder justo. Aspen imaginou que a probabilidade dele concordar com a separação das raças era quase inexistente, especialmente porque ele mesmo era um híbrido. — Ok, então qual é a outra opção? — Deuses, ele mal podia se sentar enquanto ele estava tão animado sobre os planos para a sua nova casa.

A ponta do seu polegar acariciou as juntas de Aspen, e Layke deu-lhe um sorriso indulgente. — Você pode ficar aqui enquanto eu estiver trabalhando, e eu te vejo quando eu voltar. — Ele parou momentaneamente enquanto olhava para suas mãos entrelaçadas. — Como eu disse antes, eu sou um pouco egoísta, e eu prefiro que você venha comigo, mas a decisão é sua, e eu não vou pressioná-lo.

A reação imediata de Aspen era pular pra para cima e começar a embalar.

Talvez ele fosse egoísta também, porque a ideia de passar tanto tempo longe do seu companheiro, especialmente depois de acabar de

encontrá-lo, parecia tortura. No entanto também seria tortura ficar sozinho, enquanto Layke estava ocupado com as coisas importantes do Conselho.

— Posso pensar sobre isso?

— Absolutamente, — Lake concordou facilmente, mas tinha uma malícia em seus olhos que Aspen não tinha visto antes. Esse era claramente um homem que estava habituado a conseguir o que queria, e a virada maliciosa dos seus lábios disse que ele não estava acima de recorrer a todos os meios necessários para que isso acontecesse. — Eu gostaria que você lembrasse que Mihail e Nikola decidiram voltar pra Haven, e tenho certeza que Xander ficaria feliz em lhe dar um quarto temporário com os seus amigos.

— Você senhor, é muito difícil. — Estar com os seus amigos, em vez de preso na casa principal, certamente ajudava a aliviar a sua ansiedade.

— Eu sou — Layke admitiu, mas ele não estava mais sorrindo. Sua voz era mais profunda, rouca, e tinha um som mais sedutor. — Eu não quero pressioná-lo. — Inclinando-se mais perto, ele inclinou a cabeça ligeiramente para a esquerda, deixando apenas o seu hálito soprar nos lábios de Aspen. — Eu vou entender se você quiser ficar, mas eu quero você comigo.

Aspen não conseguia respirar. Seu coração batia tão forte que quase doía, e o seu estômago começou a se agitar. — Eu... eu quero... — Ele teve que parar e molhar os lábios antes que ele pudesse continuar, mas, mesmo assim, levou várias tentativas antes que ele pudesse terminar o seu pensamento. — Eu quero estar com você.

Provavelmente era uma boa dose de instintos e da força metafísica entre companheiros que estavam intensificando o que ele sentia, mas isso não o impediu de fechar o espaço entre eles, mesmo que timidamente, e pressionar os seus lábios contra os de Layke. Talvez o puxão para estar perto do elfo fosse um pouco mais forte por causa da sua ligação, mas nenhum deles sentia como se fosse manipulação.

Ele era livre para sair quando quisesse, livre para parar o beijo que estava fazendo o seu pau inchar rapidamente. Sem surpresa, ele não tinha nenhum desejo de pedir a este homem incrível para sair do seu quarto. Aspen não era superexperiente quando se tratava de relações carnais, mas ele estava mais do que disposto a seguir o exemplo de Layke. Deuses, ele nunca quis nada mais do que ele queria Layke naquele momento.

A língua de Layke brincou no lábio superior, batendo na costura até que Aspen abriu e se inclinou para o seu companheiro com um suspiro. Uma mão pousou no seu quadril, e os dedos longos e finos mergulharam sob a bainha da sua camisa para explorar a pele trêmula sobre os seus músculos abdominais. Exercendo a menor quantidade de pressão, Layke o incentivou para as costas, mantendo contato quando ele apareceu acima dele.

Aspen tremeu da nuca até a parte de trás das suas coxas, e um gemido necessitado se iniciou no seu peito, rolando por seus lábios para se derramar na boca de Layke. Ele nunca se sentiu tão desinibido antes, mas seu companheiro tornava fácil esquecer tudo e apenas viver o momento.

Quando Layke terminou o beijo para morder o lado do seu pescoço, Aspen achou que ele iria gozar na calça do pijama. Mais gemidos ecoaram pela sala, e ele arqueou as costas, tentando se aproximar ainda mais enquanto debatia sobre o que fazer com as mãos. A única maneira de conseguir mais contato era criar mais contato, então ele levantou os braços e enrolou-os levemente em volta do pescoço de Layke enquanto ele estremecia com a sensação dos lábios acetinados deslizando na coluna da sua garganta.

— Uau, isso realmente está acontecendo.

Uma risada sussurrada gaguejou hálito quente contra a sua orelha, e Aspen sentiu o calor do constrangimento se propagando por suas bochechas. Ele não tinha a intenção de dizer isso em voz alta. Inferno, ele não tinha percebido que ele tinha falado até que a risada de Layke trouxe à sua atenção.

— Eu sou um idiota.

Layke beliscou a sua orelha e rosnou em advertência clara. — Não, *Melamin*. Você é alguma coisa, mas não estúpido, e eu adoro a sua honestidade. Não se esconda de mim, Aspen. Nunca seja alguém que você não é. — Ele fez uma pausa para esfregar os lábios uns nos outros novamente. — Além disso, eu não vou permitir que você fale do meu companheiro dessa maneira.

Ele realmente não estava tentando esconder coisa alguma. Havia apenas algumas coisas que não deviam ser ditas em voz alta, em particular na sua situação atual. Expressar o seu choque e euforia que alguém realmente o quisesse era uma daquelas coisas para manter pra si mesmo.

No entanto, as palavras doces e provocações eram exatamente o que ele precisava, e a última linha puxou uma risadinha dele.

— Ah, lá vamos nós — Layke murmurou enquanto deslizava o seu nariz inclinado ao longo da curva da mandíbula de Aspen. — Você sabe que tem o riso mais contagiante? As pessoas não podem deixar de ficar felizes quando o ouvem.

Aspen sempre tinha pensado que a sua risada era um pouco covarde, talvez até um pouco de menina, mas quando um homem tão lindo como o Ancião Layke ofereceu o elogio, ele sabia o suficiente para manter a sua boca fechada e aceitar. Além disso, verdadeiro ou não, era bom ouvir que ele podia fazer os outros felizes.

Então, e daí, se ele não sabia nada sobre dar um boquete?

Se Layke continuasse, ele ia conversar com ele mesmo sobre isso. O pensamento luxurioso, embora bem-humorado, trouxe à sua mente um outro potencial problema. — Layke, eu nunca fiz nada como isso. — Ele não tinha

vergonha do seu estado virginal, mas ele queria ser claro, pra que não tivessem mal-entendidos mais tarde.

No entanto em vez da aceitação que ele esperava, Layke ficou completamente parado por um longo tempo, e então, cuidadosamente se afastou para se sentar ao lado dele. — Nunca?

— Não. — Sua resposta não foi tão confiante neste momento.

— Então você não é como Jacobi e os outros?

— Você quer dizer um desejável? — Seu coração se afundou ainda mais. Ele achou que o homem fosse melhor, mas aparentemente, ele era como todo o resto, ansioso para descobrir que truques um Desejável poderia executar.

— Sim. Você não é um?

— Não, eu não sou um Desejável. Eu não tenho nenhum treinamento, e eu não mudo todas as partes do meu corpo, seja em um animal ou de outra forma.

Desconfortável deitado em uma posição vulnerável, ele ficou de joelhos e pousou as mãos sobre as coxas. — Lamento desapontá-lo.

— *Melamin*, se acalme. — Havia uma cadência provocativa na voz de Layke que Aspen não achou apropriado, no mínimo. — Eu posso ver o julgamento em seus olhos.

— Não é julgamento. — Ele deu de ombros sem entusiasmo e olhou para porta do seu quarto. — Eu sinto muito não ser o que você queria depois de tudo.

— Ah, ele tem um temperamento. — Arqueando uma das sobrancelhas, Layke pulou para frente, atacando Aspen, empurrando-o para o colchão e prendendo-o em suas costas. — Eu precisava de um minuto, porque

eu fiquei aliviado. Eu não quero ser insensível com o que aconteceu com os seus amigos, mas me matava pensar no que aconteceu com você.

Ótimo, agora Aspen se sentiu um idiota maior ainda. Ele estava cansado de estragar as coisas e enjoado de pedir desculpas. — Eu não deveria ter tirado conclusões precipitadas. Mas não vai acontecer de novo.

— Eu tenho certeza que você vai, mas tudo bem. Todos nós fazemos isso. — Apoiando-se com uma mão, ele deslizou a outra na bunda de Aspen e empurrou-o para que as suas virilhas se pressionassem. — Não há problema em ficar zangado. Deixe sair, bebê, ou um dia você vai explodir.

O suspiro de Aspen se transformou em um gemido baixo quando os seus pênis se esfregaram através do tecido da sua roupa. — Se você fizer isso de novo, eu vou explodir, e não tem nada a ver com o meu temperamento.

Capítulo Cinco

Algumas pessoas usam a agressão para mascarar as suas inseguranças e sentimentos de inadequação. Aspen claramente preferia o esquecimento a doce felicidade ilógica. Exceto quando os seus instintos primitivos vieram rugindo para a superfície, um pouco de brilho de raiva foi a primeira vez que Layke tinha visto dele como emoção que não seja contentamento ou nervosismo. O inferno, mesmo em sua ansiedade, ele ainda parecia feliz.

Primeiro, ele não conseguia entender como Aspen nunca sentiu as suas presas alongadas. Era difícil de acreditar que o seu companheiro nunca

experimentou algo tão intenso que ele perdeu o controle. Todos os jovens fazem no princípio. Depois de passar várias horas com ele, porém, estava começando a entender como isso pode ser realmente possível.

Layke ficou muito feliz ao saber que Aspen não tinha sido submetido aos mesmos tipos de perversões que seus os amigos menos afortunados, mas levantou a questão do que ele estava fazendo naquele laboratório. Com outro gemido doce que chegou aos seus ouvidos, todas as suas perguntas deixaram de importar logo em seguida.

Não era um grande problema, se seu companheiro havia estado com uma centena de homens. Layke não tinha a bizarra emoção de deflorar um virgem, mas uma pequena parte possessiva dele ronronou de que ele seria o primeiro e único a ouvir os sons sedutores e testemunhar a perda das suas inibições. Algum instinto territorial que ele nem sabia que possuía estava exultante em saber que só ele iria explorar o corpo ágil de Aspen, acariciar a sua pele macia, e dar a ele o prazer erótico que tanto ansiava.

O desejo de Aspen era quase tangível, como se uma entidade viva respirasse, saturando o ar em torno deles e inundou os seus sentidos. Ele precisava ter cuidado extra, mas enquanto o seu pau crescia mais duro, assim como a sua capacidade de controlar o seu desejo. Cada gemido, cada movimento e o cheiro inebriante rolando do seu amante o deixava louco, e ele não tinha nem mesmo o demônio nu ainda.

Antes que ele chegasse a esse ponto, no entanto, ele precisava ter certeza de que eles tinham os suprimentos necessários. Ele não era ridiculamente enorme, mas ele era grande, e não seria confortável para a primeira vez de Aspen sem algo para facilitar o caminho. Esta era a parte que ele odiava, no entanto. Colocar a questão parecia tirar alguma coisa do momento.

Realmente não havia como fugir disto, porém. Considerando a inexperiência de Aspen, poderia revelar-se prejudicial simplesmente assumir que ele estava preparado para um elfo antigo seduzi-lo. Liberando o seu aperto da parte traseira do seu companheiro, ele afastou uma mecha de cabelo da testa de Aspen e segurou o lado do seu rosto, momentaneamente distraído com o quão grande a sua mão parecia contra a bochecha de Aspen.

— Meu demônio doce... — ele murmurou. — Isso não vai ser muito divertido se eu te machucar.

Felizmente, Aspen foi rápido para interpretar as suas palavras. Infelizmente, conforme ele tinha previsto, ele o puxou para fora do momento, e Layke pode ver o retorno da apreensão na ampliação dos seus olhos e o endurecimento da sua coluna. — Uh... há uma garrafa de... bem... você sabe.

Aspen caiu contra o edredom e jogou um braço sobre o rosto para proteger os olhos. Ele ficou assim por alguns segundos, apenas respirando profundamente, um pouco irregular. Seus lábios se moviam, mas levaram algumas tentativas antes que finalmente ele foi capaz de obter as palavras. — Há lubrificante no armário de remédios.

Retirando o braço de Aspen longe do seu rosto, Layke esperou até que ele piscou os olhos abertos e os focou nele antes de falar. — Não tem de ir mais longe. Temos muito tempo, *Melamin*, sem pressa.

— Eu quero. — Aspen assegurou. Curvando a coluna, ele esfregou o seu pau duro contra a pélvis de Layke. — Acredite em mim, eu quero. — Sua língua serpenteava para fora para molhar os lábios, colocando a parte inferior entre os dentes, enquanto a testa enrugava. — Eu sei que é bobagem, mas eu estou nervoso.

— Eu acho que seria tolo se você não estivesse nervoso. — Ele fez uma pausa enquanto Aspen começava a mastigar o lábio de novo e usando o polegar para puxar suavemente o queixo até que ele soltou a carne abusada.

— Apesar do que você pode ter visto na TV a cabo, todo mundo fica nervoso na sua primeira vez. — Se afastando do seu companheiro, ele rolou para fora da cama, e acenou com a cabeça em direção a porta do banheiro fechada. Seu chamado.

Em resposta, Aspen retirou a camisa sobre a cabeça e atirou-a ao chão. Então, antes de Layke poder pensar em um argumento contrário, ele tirou a sua calça de dormir, também, chutando-a para o lado da cama. Se esparramou no colchão, ele pegou a sua ereção, grossa e pesada e passou a ponta do seu dedo polegar através da ponta manchada das gotas claras de pré-sêmen vazando da fenda.

— Eu quero você, Layke. Estou pronto...

Isso era tudo o que ele precisava de convite para correr até o banheiro e quase rasgar a porta do armário de remédios em sua pressa para encontrar o lubrificante. Uma vez que ele tinha as mãos sobre o frasco, no entanto, houve outro atraso torturante enquanto ele grunhiu de frustração e se atrapalhou para remover o lacre de segurança.

— Ha — ele aplaudiu uma vez que ele cumpriu sua tarefa. Seu triunfo durou apenas o tempo suficiente para ele perceber que ele ainda estava completamente vestido.

Os deuses estavam contra ele. Essa foi a única razão pela qual algo tão básico tornou-se extremamente complicado. Ou talvez fosse simplesmente porque o seu pau doendo canalizou todo o sangue que deveria ter ajudado a sua função cerebral.

Em algum nível, ele percebeu que estava se comportando como um adolescente hormonal, mas que ele tinha sido provocado e tentado pela boca de Aspen, cheiro quente e a bunda firme o dia todo. Somando-se a ansiedade estava o fato de que a sua última exploração sexual havia acontecido bem antes que a maioria das pessoas que ele conhecia sequer tivesse nascido.

Duzentos e vinte e sete anos, era um maldito longo tempo para ir com apenas uma mão para a sua satisfação.

Como o mais experiente, ele sentiu a responsabilidade de conduzir o seu companheiro na direção certa, mas se pudesse passar por isso pela primeira vez sem humilhar-se, ele diria que era uma vitória.

Se arrumando rapidamente, ele respirou fundo, levantou seus ombros, costas e caminhou casualmente para o quarto. A mão de Aspen voava ao longo do seu comprimento em um borrão, e ele empurrou e estremeceu enquanto tranquilos gemidos eram transmitidos da sua boca.

Inspirando rapidamente, Layke ficou imobilizado, segurando firmemente o lubrificante em seus dedos. — Há espaço para mim, ou isto é uma jogada de um homem só?

Suas juntas se atrapalharam e sua coluna ficou rígida. Clamando em ofegantes gemidos, Aspen apertou os olhos fechados, enquanto gozava e sêmen saiu da ponta do seu pênis em arcos, no ar e caindo para espirrar contra o seu peito e barriga.

Estimulado pela visão à sua frente e o cheiro do clímax do seu amante, Layke rastejou entre as coxas espalhadas de Aspen e rondou mais perto.

Aproximando o seu nariz contra o interior de uma coxa delgada, ele lambeu e mordiscou o seu caminho até o quadril de Aspen, sugando a carne entre os dentes e mordendo levemente para marcar a pele.

— Você é tão bonito, *Melamin*. — ele sussurrou reverentemente, espantado que o destino lhe concedeu tal tesouro. Um rio de sêmen cremoso correu do seu companheiro, e a boca de Layke inundou quando o cheiro o atingiu como uma bola de demolição. Ele precisava de apenas um gosto.

Lambendo as gotas de creme, um gemido alto retumbou no seu peito quando o sabor único de Aspen acendeu suas papilas gustativas. Um golpe de sua língua virou dois, e antes mesmo dele perceber o que estava fazendo, ele lambeu o seu companheiro o limpando do esterno ao umbigo.

Abafados gemidos e altos lamentos ecoaram pela sala enquanto Aspen se contorcia debaixo dele, empurrando-se contra a sua boca. — Oh, por favor... — gemendo — Por favor, Layke.

Homens melhores do que ele, seriam levados de joelhos e implorando por mais. Sem comentários, Layke avançou para baixo para capturar a cabeça do pênis de Aspen, rodando a sua língua em torno da ponta. O pau endureceu mais uma vez, inchando dentro da sua boca, enquanto Aspen estremecia até os dedos dos pés.

Balançando a cabeça, ele arrastou os seus lábios ao longo do comprimento, criando um ritmo lento e constante, enquanto ele virou a tampa aberta da pequena garrafa de plástico e revestiu os seus dedos com o gel, liso e fresco. Tão cuidadosamente quanto possível, consciente da inocência de Aspen, ele esfregou o dedo indicador ao longo do vinco do seu companheiro e do seu buraco apertado e massageou o lubrificante em torno do anel de músculos.

Entrando apenas a ponta uma vez e esperando o anel de músculos relaxar, ele bombeou em movimentos minúsculos, trabalhando o seu dedo um pouco mais de cada vez.

Aspen se moveu e gritou, balançando-se contra ele e empurrando o pau mais fundo na boca de Layke. Encorajado pela resposta ansiosa, Layke sugou mais, esvaziou as suas bochechas e apertou o seu controle dando ao seu amante o tempo completo.

— Eu não posso. Não está parando!

Layke não queria que parasse, no entanto. Usando a flexibilização do canal de Aspen, ele provocou a abertura por um segundo e empurrou de volta com dois dedos. Seu companheiro rosnou, um profundo, som predatório que não fazia sentido vindo de alguém tão pequeno, mas era incrivelmente sexy, no entanto.

— Eu estou gozando! Ah — Apertando ambas as mãos no cabelo de Layke, Aspen empurrou para o fundo da sua garganta e convulsionou, liberando outra rajada de sêmen enquanto suas paredes internas apertaram o cerco contra os dedos de Layke.

Engolindo cada gota, Layke suspirou feliz e lambeu o seu amante até limpar tudo. Ele colocou beijinhos para baixo no vinco da coxa de Aspen e lambeu o seu saco apertado, sem pelos, sugando uma pequena esfera em sua boca e acariciando-a com a sua língua. Quando Aspen estava tremendo e gemendo, mais uma vez, Layke sorriu, inserindo um terceiro dedo para soltar e preparar o seu companheiro.

A jovialidade de Aspen e virilidade, combinado com a sua resistência paranormal, iam fazer esta noite muito longa. Seus hormônios em fúria foram desmarcados, e a fome queimando dentro dele não estaria satisfeito com apenas uma ligação. Layke estava ansioso para o desafio, pronto e disposto a fazer o que fosse necessário para satisfazer o apetite carnal do seu companheiro.

Dentro de minutos, o pau de Aspen inchou e alongou, mais uma vez, pulsando fortemente contra o seu abdômen inferior. Ah, os benefícios da juventude.

Graças aos seus próprios genes paranormais, ele seria capaz de manter-se com o seu jovem companheiro, mas seu tempo de recuperação ainda não era tão impressionante como o de Aspen. Felizmente, ele tinha outras maneiras de manter o seu bonitinho demônio ocupado e feliz.

O pau de Layke jazia preso debaixo dele, duro e latejante enquanto ele empurrava contra o colchão, inconscientemente, buscando o seu próprio alívio.

Ciente de que Aspen estava bem esticado, ele extraiu os dedos, empurrou-se nos cotovelos, e rolou para o lado, manobrando até que ele estava encostado na cabeceira da cama, acolchoada de couro.

— Venha aqui, querido. — Tomando a mão do seu amante, ele puxou-o, guiando-o no seu colo para se sentar em seus quadris. — Você tem absoluto controle e ir tão lento ou profundo como você quiser. — Seu sorriso era um pouco tenso, mas ele queria que Aspen se sentisse seguro. — Eu só estou aqui para ficar bonito.

— Mmm... — Aspen cantarolou, enrolando os seus braços em volta do pescoço de Layke e mordiscou contra o lado da sua garganta. — Você é muito bom no que faz, também. — Os joelhos de Aspen enquadraram as suas coxas, e ele insinuou a mão entre eles para prender o pau de Layke, na base, alinhando a coroa ingurgitada com a sua entrada escorregadia. — Ok. — Ele falou em voz alta, mas Layke tinha a sensação de que ele estava falando para si mesmo.

— Respire fundo e deixe-o ir lentamente. — ele instruiu, agarrando a cintura de Aspen e tentando não ranger os dentes em pó. — Lento e fácil.

Com um aceno determinado, Aspen se abaixou mordendo o seu lábio inferior e respirando fundo enquanto se abaixava sobre o comprimento de Layke em incrementos tortuosamente lentos. O pênis de Layke estava envolto em um canal de seda, sugando-o mais profundo e em torno dele com o calor mais apertado, mais incrível que ele já sentiu.

— Não doeu. — Aspen murmurou quando a sua bunda empinada descansou em cima das coxas de Layke. — Eu pensei que ia doer.

Honestamente, Layke esperava que tivesse algum desconforto no início, também. No entanto, ele ficou satisfeito ao saber que não era o caso. Antes que ele pudesse expressar o seu alívio, Aspen pressionou os seus lábios juntos, atacando a sua boca com uma sede animalesca que desmentia a sua natureza normalmente passiva.

Seus quadris flexionados, e os músculos das suas coxas agrupados enquanto ele se levantava e baixava, criando um ritmo forte que pôs Layke ofegante.

Cavando os dedos na pele em torno dos quadris de Aspen, ele se agarrou em um aperto de contusões, saqueando as profundezas da boca do seu amante enquanto ele guiava os seus movimentos.

Sangue rugiu em seus ouvidos, seu coração batia violentamente contra as suas costelas, e uma tempestade de fogo irrompeu dentro dele, criando um flash de queimadura através da sua pele. Desertando o beijo, Aspen jogou a cabeça para trás e o seu longo cabelo caiu em cascata pelas costas enquanto ele balançava o seu corpo em ondas sensuais.

Seus movimentos, enquanto fluidos, ainda tinham uma medida de hesitação, e Layke tinha a impressão de que o seu homem estava correndo por puro instinto. Sua mente não podia entender isso completamente, mas o seu corpo sabia exatamente o que fazer.

A habilidade de pensar tinham abandonado Layke também, e ele estava apenas curtindo o passeio, rosnando e gemendo quando os músculos internos Aspen contraíram em torno do seu comprimento dolorido. Deuses, ele nunca sentiu nada tão intenso, e não sabia que podia se sentir assim.

Agarrando a parte de trás do pescoço de Aspen, ele empurrou o seu companheiro para ele, esmagando as suas bocas juntas em outro beijo escaldante que beirava ao desespero. Suas bolas rolaram, aproximando-se do seu corpo, e o seu estômago se apertou com o orgasmo iminente.

Mais e mais rápido, Aspen montou, praticamente caindo em seu colo em cada mergulho para baixo. Bloqueando o outro braço em torno do seu companheiro, ele o segurou firme, acalmando os movimentos de Aspen, quando seu controle finalmente estalou. Com um rosnado alto, ele apoiou os pés no colchão, pressionou as suas mãos na cabeceira da cama, e se dirigiu para cima, levantando os quadris em impulsos bruscos, descoordenados.

— Layke! Oh, deuses, Layke! — Agarrando nos ombros de Layke, Aspen goleou seus braços, gritando o seu nome uma e outra vez enquanto ele caía sobre a borda, mais uma vez, preenchendo o espaço entre eles com mais sêmen pegajoso.

Suas paredes internas apertaram o pau de Layke, Assim enquanto ele estava se preparando para dar o salto com seu amante, algo afiado perfurou o lado do seu pescoço e foi incorporado a sua pele. Não doeu, mas fez causar uma explosão de sensações que puxaram um grito do fundo do seu peito. Uma sensação suave começou conforme Aspen sugava a pequena ferida que ele tinha criado, e cada chupada na mordida enviou uma sacudida direto para o pau de Layke.

Puxando Aspen para baixo em seu pênis, ele ficou completamente duro, e seus músculos apertados até que sentiu como se pudesse tirar a sua espinha.

Tremendo através do seu orgasmo, ele lançou uma torrente de sêmen, enchendo as profundezas de Aspen, até que ele podia sentir o líquido quente transbordando do buraco do seu companheiro.

Quando o raciocínio voltou para ele, ele se encontrou caído em uma pilha contra a cabeceira com Aspen ainda chupando diligentemente em seu pescoço. Layke estava um pouco desorientado pelo clímax entorpecente, mas por outro lado, sentia-se bem. Não havia perigo imediato para o seu

companheiro com fome tomando mais do que ele podia dar, e ele sabia que o seu corpo estava bem o suficiente para parar Aspen se precisasse intervir.

Então, ele se acomodou e abraçou o seu companheiro perto, mesmo inclinando a cabeça para o lado para permitir um melhor acesso, enquanto ele embalava cabeça de Aspen em incentivo. Ficou claro para ele que ele estava além de faminto e nunca tinha sido dado tudo o que ele realmente precisava para florescer. Esse tinha sido um dos medos de Layke desde o início, e isso o entristeceu quando se provou certo.

Ele não tinha certeza de quanto tempo eles se sentaram assim, mas, eventualmente, Aspen extraiu os seus caninos, traçou a sua língua sobre as punções, e sentou-se para limpar a boca com as costas da mão. O momento em que os seus olhos se encontraram, no entanto, qualquer que seja o transe que estava sob ele desapareceu, e o coração de Layke quebrou enquanto ele observava o medo no rosto de Aspen.

— Shh, shh, fácil. Respire, *Melamin*, apenas respire. — Usando a ponta dos dedos, ele acariciou as bochechas de Aspen, em torno da sua mandíbula, e para baixo os lados da sua garganta. — Está tudo bem, Aspen.

— Eu sinto muito. Oh, merda, o que eu fiz? — Ele pressionou a palma da mão para o lado do pescoço de Layke e esfregou o outro freneticamente em seus lábios. — Porra! Droga! Sinto muito! — A histeria foi construindo, e não havia absolutamente nada que Layke pudesse fazer para impedir o colapso que estava por vir. — Eu não sei o que aconteceu. Eu nunca feri as pessoas. Eu particularmente nunca quis te machucar.

Seu lábio inferior começou a tremer, havia uma espessura em sua voz, e os seus olhos ficaram vermelhos e enevoados. Agitação violenta seguiu rapidamente, e o sangue se drenou do seu rosto, deixando a pele fantasmagórica.

Tudo que Layke podia fazer era segurar o seu companheiro e conversar. Ele falou calmamente o tranquilizando, mantendo um fluxo constante de palavras até que a sua boca estava seca e a sua garganta estava arranhada, mas ele não tinha certeza de quanto ele realmente penetrou através do pânico de Aspen.

— O que há de errado comigo?

— Oh, querido, não há nada de errado com você. Isto é o que você é. Há coisas que você precisa, e isso é completamente normal.

— Mas eu te machuquei. — Aspen argumentou. — Eu te feri, mesmo sem saber que eu estava fazendo isso.

— Você não me machucou. — Santo inferno, ele estaria implorando pela mordida de Aspen se a situação não fosse tão grave. — Como o seu companheiro, é o meu trabalho, a minha honra, fornecer o que você precisa.

— Apenas não entendo isso. — Ele parecia um pouco mais calmo, no entanto, e um pouco da agitação parou. — Por que isso está acontecendo comigo agora?

— Eu não posso responder isso, mas eu vou fazer tudo o que posso para descobrir. — Não fazia nenhum sentido para ele, também, e, no momento, a única explicação que ele tinha era de que o vínculo de acasalamento entre eles havia batido nos impulsos enterrados em Aspen.

Cyrus Redway tinha sido um espinho no seu lado a partir do momento em que o homem era um calouro, e o seu mau tinha um longo alcance, envenenando muito do mundo paranormal. Mesmo em sua morte, o vampiro ainda estava causando sofrimento com os comércios de escravos, experiências, e agora esta facilidade desprezível chamada A Colmeia.

Tanto quanto eles sabiam, a finalidade do laboratório era criar desejáveis através da manipulação genética e formação sexual deplorável.

Spiro também havia mencionado que Zuriel tinha falado com ele sobre um programa de melhoramento.

Não havia qualquer evidência nos dados que eles tinham recolhidos quando eles invadiram o laboratório para sugerir um programa desse tipo, mas Layke pretendia saber mais. Ainda assim, nada disso tinha a ver com Aspen. Ele tinha passado o mínimo de tempo no laboratório, mantido isolado dos outros pacientes, e ninguém, incluindo Aspen, sabia o por quê.

Instintos territoriais do seu amante, sua possessividade, e os seus humores instáveis não pareciam muito fora do comum. No entanto, o comportamento imprevisível do homem e as reações impulsivas eram mais em sintonia com as características de lobisomens jovens do que dos demônios.

O grande problema com esta teoria era de que Aspen nunca havia mudado. Durante a puberdade, sua primeira transformação na lua cheia teria sido impossível para lutar. Enquanto Demônios AIMA necessitavam de sangue para sobreviver, o sangue de Aspen estava mais intimamente relacionado com a natureza dos vampiros. Mais uma vez, não se somam, no entanto. Teria sido insuportável para ele ficar vinte anos sem alimentação.

— Você tem aquele olhar. — Aspen murmurou, interrompendo os seus pensamentos. — Quão ruim esta?

— Eu tenho mais perguntas do que respostas, mas vamos descobrir esse enigma. — Eles precisavam se levantar e tomar banho, mas ele não estava completamente pronto para deixar ir ainda. Então, ele segurou mais apertado Aspen, dobrando o seu companheiro o colocando sob o seu queixo, e suspirou. — Não se preocupe, *Melamin*. Eu não vou deixar nada acontecer com você.

E nunca o Ancião Layke quebrou uma promessa.

Capítulo Seis

Debruçado sobre uma cadeira em uma mesa de canto no café, Aspen moveu os grãos verdes em torno do seu prato com um garfo. Ele realmente odiava feijão-verde. Ele odiava a maioria dos vegetais, mas os verdes eram os piores.

— Você vai comer isso?

— Uh... — Aspen olhou do seu prato para Layke, e depois voltou para o seu prato.

— Não? — Ele só tinha conhecido o elfo por um par de dias, e ele ainda estava aprendendo a ler os seus humores. Embora ele não acreditasse que estava sendo repreendido, ele ainda se sentia como se tivesse sido apanhado raspando aqueles feijões sob a mesa para o cão da família.

— Relaxe. — Layke respondeu com uma risada silenciosa. — Eu não estou repreendendo você. Eu só queria saber se você está pronto para a sobremesa.

Soltando o garfo com um barulho, Aspen endireitou-se e praticamente abanou o rabo. — Sim... — Então ele percebeu o quão imaturo ele provavelmente parecia. Assim, ele limpou a garganta, relaxou os ombros, e adotou uma expressão menos entusiasmada. — Quero dizer, sim, estou pronto para a sobremesa.

— Eu gostei mais da primeira reação. — Layke informou. — Há sempre espaço para a emoção sobre bolos de vidro.

Seu sorriso voltou, e ele balançou a cabeça com força suficiente para fazer o cabelo saltar em torno do seu rosto. Eles ainda estavam ficando, descobrindo novas facetas do seu relacionamento, mas Aspen realmente gostava de Layke.

Certo, ele se sentia um pouco como uma puta por cair na cama com o homem no primeiro dia em que o conheceu, mas ele não se arrependeu.

Tinha sido uma experiência espetacular, única, e coisas extraordinárias não acontecem para Aspen St. Paul. Não havia nenhuma maneira dele ter algo mágico e o manchar com negatividade.

Além disso, Layke era o seu companheiro. Ele não tinha certeza de todas as regras que envolvem o vínculo, mas ele sabia que era algo especial, algo que as pessoas esperavam a vida inteira para encontrar. Inferno, Layke esperou 1.200 anos.

— Eu nem sabia sobre companheiros, até poucos meses atrás. — Sua introdução ao mundo paranormal inteira ocorreu há dois anos, e ele imaginava que ainda havia um milhão de coisas que ele não sabia ou entendia.

— Você está com dúvidas? — Levantando a sua mão sobre a dele cabeça, ele fez sinal para o garçom. — Que tipo de sobremesa você quer?

— Sim, você parece tão preocupado que eu mude de ideia. — Aspen bufou e revirou os olhos quando ele tomou um gole de chá. — Só pão com maçã e mel. — acrescentou, indicando a sua preferência alimentar. Cruzando as mãos sobre a mesa, ele esperou que Layke transmitisse o seu pedido para o garçom antes de elaborar sobre o ponto que ele estava tentando fazer. — É que não me parece justo. Você esperou tanto tempo para encontrar um companheiro, e eu nem sabia o que eu devia estar procurando.

— Ah, bem, não se preocupe com isso. Eu não estava ativamente procurando por um companheiro, também. Além disso, talvez eu tenha mudado a minha mente.

Aspen riu quando Layke arqueou uma sobrancelha e enfiou o nariz no ar. — Você gosta de mim. Admite.

— Eu não vou. Você tem um cheiro engraçado e os seus dedos são muito longos.

Na verdade, ele olhou para os joelhos, mas logo percebeu que não poderia ver mais nada além da mesa. Então ele sacudiu a cabeça e gemeu enquanto Layke ria dele. — Eu não cheiro engraçado, e os meus dedos estão na média. Não é minha culpa que você tem dedos anões. — Ele estava brincando, mas para um homem tão alto, seu amante realmente tinha os menores pés.

Layke recostou-se na cadeira e cruzou os braços sobre o peito. Seus olhos se estreitaram, e ele analisou Aspen com um olhar calculista. O look todo foi arruinado quando os seus lábios se contraíram nos cantos, embora, os seus olhos dançavam com alegria.

Aspen não conseguia se lembrar de alguma vez ter se divertido tanto. Ele não precisava se esconder de Layke. Ele podia ser quem quisesse, e com o seu companheiro, ele só queria ser ele mesmo. Não importa o que ele tenha dito ou o quanto ele soava ingênuo, Layke nunca o fez se sentir estúpido ou insignificante.

— Pão de maça. — O garçom colocou o prato na frente dele com uma garrafa de mel. — Eu acho que significa que este é o seu. — Seu sorriso esticado em seu rosto, o garçom inclinou muito mais perto de Layke do que o necessário para colocar o prato sobre a mesa. — Esta é uma sobremesa muito rica. — ele ronronou. — Quente e cremosa, praticamente derrete na boca.

Para seu crédito, Layke não parecia satisfeito com a atenção. Se qualquer coisa, ele estava parecendo desconfortável. — Sim, obrigado! Poderíamos conseguir a conta agora?

— Você tem certeza que não há nada mais que eu possa fazer por você?

Aspen não tinha certeza exatamente de quando o seu demônio decidiu assumir, mas a próxima coisa que ele percebeu, o rosto do garçom estava perto e pessoal com a mesa, e os dedos de Aspen estavam emaranhados nos seus cabelos. — Oh, querido, parece doloroso. Você realmente deve ter mais cuidado. — Sacudindo a cabeça do idiota de volta em seus ombros, Aspen o empurrou para longe da mesa e deslizou para o colo de Layke. — Agora adeus.

— Isso foi realmente necessário? — O sorriso na voz de Layke e o beijo no seu pescoço mostrou que Aspen não estava realmente em apuros.

— Bem... — agora que ele conseguia pensar direito novamente — Não, isso provavelmente não era necessário. — No entanto, se ele tivesse estado em total controle, ele provavelmente teria tido uma reação muito semelhante aos avanços flagrantes do garçom, embora menos violento. Com esse pensamento em sua cabeça, ele deu de ombros e pegou o garfo de Layke. — Acidentes acontecem. — Então ele espetou um pedaço de rolo de canela e levantou-o para lábios do seu companheiro. — Abra!

Layke fez como solicitado, mas ele parecia pensativo enquanto mastigava a sobremesa pegajosa. Uma vez que ele tinha engolido, ele bateu na ponta do nariz de Aspen e franziu a testa. — A parte egoísta em mim acha essa possessividade atraente. No entanto, eu acho que a gente precisa trabalhar em controlar essas reações.

— Ah! — Aspen entrelaçou os dedos juntos e olhou para o seu colo. Aparentemente, ele realmente estava sendo repreendido. — Sim, tudo bem. —

Não que ele discordava, mas ele não queria que Layke ficasse desapontado com ele.

— Eu acho que você não entendeu. — Ele puxou suavemente o seu queixo até Aspen olhou para ele. — Não há nada de errado com você. Tudo bem? Essas reações são completamente normais. — Ele fez uma pausa para colocar um beijo na testa de Aspen. — No entanto, eu sei que iria destruí-lo se alguém acabasse realmente machucado. Eu prefiro evitar isso, se possível.

— Quando você coloca isso dessa forma... — Não, ele não queria que ninguém se machucasse e, além disso, ele não queria ser a causa dessa dor.

Já se sentia culpado sobre o incidente com o garçom e queria encontrar o homem e pedir desculpas. — Eu não quero ser assim.

— Eu sei, *Melamin*. Está tudo bem, no entanto. — Seu olhar viajou para algum lugar sobre o ombro de Aspen, e a sua expressão era menos que amigável. — Posso ajudar?

Aspen não sabia o nome do proprietário da loja, mas ele o conheceu com o anterior e falecido irmão do proprietário. — Eu sinto muito. — ele desabafou.

— George, desculpe! Eu não consegui parar. — Ele colocou a mão no centro do peito de Layke, mantendo-o no seu assento. — Não foi culpa do Layke.

O elfo riu e roçou a sua testa, retirando o cabelo escuro do seu rosto. — Relaxe, pequeno. Eu vim para me desculpar com você. Seu comportamento foi inaceitável, e eu lhe asseguro que não vai acontecer de novo.

— Umm, tudo bem, obrigado. — Isso não era como ele esperava que a conversa saísse. — Eu ainda estou triste por bater o cara na mesa.

— Ele merecia pior do que isso. — Ele olhou para Aspen e depois para Layke. — O almoço é por minha conta, e eu espero que vocês voltem outras vezes.

— Nenhum dano feito, Hebion — Layke baixou a cabeça. — Estou triste de ouvir sobre o seu irmão.

Hebion assentiu. — Obrigado, Anciã — Então, ele se afastou com um sorriso torto. — Eu vou deixar você para ele. Bom dia, senhores.

— Eu juro que você conhece todo mundo. — Isso realmente confundia a sua mente. Eles tinham ainda que cumprimentar uma única pessoa na ilha que Layke não sabia o nome. — Como você faz isso?

— Eu tenho estado em torno por um longo tempo, e eu tive a oportunidade de conhecer um monte de gente. — Ele puxou a carteira, tirou uma nota de 20, e a colocou sobre a mesa. — Vamos lá, Aspen. Temos lugares para ir.

Isso era novidade para ele. — Onde estamos indo? — Ele olhou para o seu pão de maçã com saudade. — Vamos demorar muito?

— Nós estamos indo para o continente, e devemos voltar ao anoitecer. — Layke seguiu o seu olhar e sorriu. Envolvendo o pão em um guardanapo, ele o estendeu para Aspen, colocando-o nas mãos a espera.

— Vamos lá! Temos muito a fazer!

Quebrando um canto da sobremesa, Aspen colocou na boca e mastigou enquanto caminhavam para fora do café. — Por que estamos indo para o continente?

— É uma surpresa.

— Ooh, eu gosto de surpresas! — Ele acrescentou com um pequeno salto para o passo e virou o rosto para cima, para sentir o sol aquecer a sua pele. — Isso vai ser um dia excelente.



— Eu mudei de ideia. Eu não gosto de surpresas. — Aspen virou o telefone celular na mão e franziu a testa. — Por que eu ainda preciso disso?

Layke não queria rir, mas ele não se conteve. A expressão descontente no rosto do demônio era muito adorável. — Bem, se você decidir ficar aqui quando eu voltar para Wyoming, eu quero que você seja capaz de chegar a mim em todos os momentos. E, bem, o mesmo vale se você vier comigo.

— Posso ter serviço na ilha? Eu não acho que vai funcionar.

— Vai funcionar. — Não havia telefones fixos, internet, ou por cabo, porque a ilha não foi ligada para esse tipo de coisa. Telefones celulares não tinham funcionado anteriormente porque os feitiços que escondem a pequena vila bloqueavam a recepção das torres periféricas. — Nós podemos retirar os encantos de camuflagem e substituí-los com outras proteções. Isso permitirá que você tenha acesso ao serviço.

A carranca de Aspen se aprofundou, e ele inclinou a cabeça para o lado.

— Por que Haven não é escondido assim?

— Não é prático. Essa terra tem sido conhecida há muito tempo antes de se tornar Haven. Nós podemos escondê-lo, mas as pessoas não vão esquecer isso. — Não haveria como evitar muitos problemas de segurança, mas poderia potencialmente causar mais mal do que bem. As pessoas perceberiam se mais de 700 hectares simplesmente desaparecessem da noite para o dia.

— Eu acho que faz sentido. — Sua atenção voltou para o telefone em sua mão, e ele pareceu quase com medo. — A tecnologia é mal. O que diabos todos estes botões fazem?

Telefones celulares eram tão comuns na sociedade nos dias de hoje que Layke não tinha parado para pensar que Aspen nunca tinha possuído um telefone celular antes. — Bem, você pode fazer e receber chamadas, textos, aplicativos de download, jogar jogos, ouvir música, e um monte de outras coisas.

Enquanto ele falava, os olhos de Aspen cresceram mais amplos, e suas mãos começaram a tremer. — Ah, eu não sei sobre isso. Eu realmente não preciso de todas essas tecnologias extras. — Ele agarrou mais apertado o telefone, presumivelmente para não deixá-lo cair, e acidentalmente apertou o botão de volume na lateral, fazendo com que o dispositivo vibrasse. — Ah, merda, eu quebrei.

Mordendo de volta o seu suspiro, Layke pegou o telefone por impulso de Aspen para ele e guardou-o no bolso da frente. — Tudo bem, querido, não se estresse sobre isso. Eu vou te ensinar, e em um par de semanas, você vai querer saber como viveu até agora sem ele.

Aspen não parecia convencido, mas ele apenas sorriu e deu de ombros.

— Tudo bem, se você diz. O que mais estamos fazendo hoje?

Aspen andava pela calçada longe da loja de eletrônicos, ele acenou em direção a linha de edifícios que se alinhavam a rua. — Temos um par de horas antes de nós termos que ir para o barco. O que você gostaria de fazer?

— Não ria, tudo bem?

— Eu nunca iria rir de você. — O pedido despertou a sua curiosidade, no entanto.

— Então, o que é que vai ser?

— Você acha que eles têm uma sala de jogos por aqui?

Apesar da sua promessa, Layke encontrou-se rindo de qualquer maneira. — Eu não estou tirando sarro de você. — explicou quando o rosto de Aspen caiu em decepção. — Eu não fui a uma sala de jogos desde os anos setenta, e eu estava pensando sobre o quão divertido seria. Eu ri porque eu estava feliz, não porque eu estava mexendo com você.

— Eu nunca fui a uma. — A alegria voltou à sua voz, e aqueles grandes olhos azuis brilhavam com luz do sol que se filtrava através das nuvens esparsas. — Estou animado. Observe a minha emoção. — Deslizando a mão para Layke, ele agarrou-a com força e cantarolou uma musiquinha sob sua respiração. — Onde é que vamos encontrar uma dessas salas de jogos, afinal?

— Desde a invenção dos consoles de jogos e jogos de vídeo, não há muito mais salas de jogos por aí. Principalmente, porque eles estão em shoppings e os lobbies de salas de cinema. — Era uma pena, mas Layke supunha que era o progresso. — Se tivermos sorte, há um teatro apenas em torno do quarteirão. Por que não vamos dar uma olhada?

— Você acha que eles vão ter pinball?

Na verdade, Layke duvidava, mas ele não queria perder esse deslumbrante sorriso do rosto do seu companheiro. — Não tenho certeza. Acho que vamos ter que esperar e ver.

Deuses, a felicidade de Aspen e o otimismo eram contagiosos. Layke tinha vivido muitos anos, mas ele nunca se sentiu mais vivo do que quando estava com o doce demônio. Como ancião, ele tinha um monte de gente dependendo dele. Não havia muito a fazer, e ele realmente não tinha tempo por causa do Conselho para as coisas fúteis, como compras e jogos.

Não havia outro lugar que ele queria estar, no entanto. Logo em seguida, este era o seu trabalho, o trabalho mais importante que ele já teve. Ainda assim, algo lhe dizia que ser um companheiro ia ser mil vezes mais difícil do que governar o mundo paranormal.

Capítulo Sete

— Você viu isso?

Aspen apontou animadamente para a água no final do cais. A brisa soprando do mar estava fria, mas era o seu lugar favorito em toda a ilha. Era bem escondido por uma árvore grossa, e embora fosse apenas a um quilômetro do palácio, ele nunca teria adivinhado que eles estavam perto da costa.

— Essas são as baleias beluga — Layke respondeu com um sorriso indulgente.

— Elas provavelmente estão se movendo para águas mais quentes para ter os seus bebês.

Elas não se parecem com qualquer baleia que Aspen já tinha visto, mas elas eram uma espécie bonita em sua própria maneira, com a sua pele branca brilhando ao amanhecer. Em uma hora ou mais, o sol estará no alto, e Layke ia com Spiro fazer o ritual que iria quebrar o encanto que estava sobre a família real.

Parecia complicado, mas uma vez que ele estava ali apenas na qualidade de observador, ele não se preocupava com os detalhes. Fazia quase uma semana desde a manhã em que ele havia visto Layke da sua varanda, e Aspen tinha vindo a conhece-lo desde então, absorvendo cada segundo que podia com o seu companheiro.

Havia ainda um monte de perguntas sem resposta, mas Layke havia prometido fazer alguma investigação quando ele voltasse para o Wyoming, e Aspen confiava no ancião sem reservas. Nesse meio tempo, ele fez o que veio naturalmente, empurrando a incerteza para um buraco profundo, escuro e fingia que nada disso existia. Não, isso não resolvia nada, mas também ele não se preocupava com coisas que não podia mudar.

— Você já pensou em vir comigo amanhã?

Aspen colocou a mão em Layke e prendeu os seus dedos juntos, enquanto ele continuava a olhar para a água. — Eu não me importo de ficar com o bando enquanto você está trabalhando, mas o ponto é eu ir com você é estar com você.

Talvez fosse a emoção da sua primeira relação real, mas parecia muito mais profunda do que isso, ele não estava pronto para dizer adeus.

Apenas o pensamento de passar um mês inteiro sem Layke tinha a capacidade de fazer o seu estômago ter câibras.

— Gosto da maneira como você pensa. — Inclinando-se para o lado, Layke encostou os seus ombros juntos. — Eu realmente prefiro que você fique comigo em Casper. Você pode ter o seu próprio quarto, se quiser, mas eu fico nervoso quando você não está comigo.

Nos dias desde que eles se conheceram, Aspen tinha vindo a perceber que o elfo era calmo, mas, ferozmente protetor, ele tinha uma raia possessiva de uma milha de largura. Ele não era excessivo em seus pedidos, mas ele preferia que Aspen ficasse por perto.

Aspen amou a atenção, e ele nunca se sentiu mais seguro do que ele se sentia com o seu companheiro. Quando ele estava nos braços Layke, era como se uma barreira invisível se formasse em torno deles, protegendo-os do mundo exterior. Enquanto Layke o abraçasse, nada poderia tocá-lo. Nada poderia machucá-lo.

A menção de ter o seu próprio quarto o fez rir, porém.

— Então, você compartilhar o meu quarto aqui, mas quando voltarmos a Casper, eu vou, de repente, precisar do meu próprio espaço? — Olhando para Layke, ele arqueou uma sobrancelha, mas rapidamente caiu em um ataque de risos quando o homem grunhiu, claramente desaprovando o sarcasmo de Aspen.

— Eu estava tentando ser legal.

— Bem, você é muito doce, mas não tenho certeza que se eu poderia dormir sem você.

Foi uma confissão bastante grande, considerando que ele só dividiu a cama com Layke por seis dias. Para aquelas seis noites, no entanto, ele tinha dormido como um morto. Parte foi, provavelmente, o sexo exuberante que ele não poderia obter o suficiente, mas ele achou que tinha muito mais a ver com o quanto seguro e pacífico Layke lhe parecia.

Puxando-o mais perto, Layke colocou o braço em volta da cintura de Aspen e beijou o topo da sua cabeça. — Eu já mencionei o quanto eu gosto da sua honestidade?

— Uma ou duas vezes. — Ele não via nenhuma razão para mentir, segredos bagunçavam tudo. — Por que você disse isso?

— Eu acho que a maioria das pessoas são muito reservadas. Eles não confiam em ninguém, e eles criam esse personagem que eles querem que todos pensem que eles são. — Layke parou e olhou em direção ao leste. — Você é simplesmente você. Nem uma única vez você já tentou se esconder atrás de alguma fachada, e eu respeito o inferno fora disso.

Aspen franziu a testa. — Por que eu iria querer ser outra pessoa?

— Exatamente. — Soltando um beijo na sua testa, Layke recuou, puxando Aspen com ele ao longo do cais. — Vamos lá, querido. Nós não queremos nos atrasar.

— Espere. Você não quer saber a minha resposta?

— Você vem comigo — Layke respondeu confiante. — Veja como foi fácil?

— Uau, alguém está cheio de si hein?

— Você pode estar cheio de mim, também, se você jogar os seus cartões para a direita.

Aspen bufou e revirou os olhos. De jeito nenhum ele iria admitir quando a insinuação fez o seu pulso bater mais rápido e o seu pênis se animar. — Na verdade, eu gostaria de ficar aqui até você voltar.

Parando, Layke fez uma cara horrível, como se estivesse sufocando em sua própria língua. — Eu sinto muito. Você poderia falar isso para mim de novo? Por um segundo, pensei que você tinha mudado de ideia.

Era divertido demais provocar o seu companheiro. — Eu pensei que você disse que não iria me pressionar?

— Sim, bem, isso foi há uma semana. As coisas são diferentes agora.

— Eu de repente me tornei uma criança, incapaz de tomar as minhas próprias decisões?

— Isso não é o que eu disse. — Inferno doce, o homem parecia que estava prestes a ter um derrame.

— Respire, Layke — Ele provavelmente se sentiu mal por ter feito o seu amante tão excitado, mas ele não conseguia encontrar o nível adequado de remorso.

— Eu só estou brincando com você. Eu vou terminar de arrumar as minhas malas hoje à noite.

— Sim, você é hilário. — Layke provavelmente estava tentando ser engraçado, mas a luz em seus olhos se contorcendo lhe deu distância. — Eu espero que você saiba que eu acredito que você pode fazer qualquer coisa. O medo não é uma emoção que eu estou confortável, no entanto, e pensar em algo acontecendo com você me aterroriza. Se algo lhe acontecer, e eu estiver a meio mundo de distância... — Não pense nisso, ele apertou a mão de Aspen e balançou a cabeça. — Nós realmente precisamos ir. Todo mundo vai estar esperando por nós.

— Layke? — A conversa tinha tomado um tom sério, que ele não estava esperando, e a sua piada de repente não parecia mais tão engraçado.

— Sim, *Melamin*?

— Eu não quero que nada aconteça com você, também. — Em uma luta, não havia dúvidas que o seu oponente, iria limpar o chão com ele, mas

isso não o impediu de fazer tudo o que podia para proteger Layke. — Além disso, acho que você tipo precisar de mim.

Layke não precisava de que alguém cuidasse dele. O que ele precisava era que alguém o entendesse, e com quem ele se sentisse confortável para relaxar e ser ele mesmo. Ele pode ser mais velho do que o tempo e um ancião, mas ele era muito mais do que isso.

Seu companheiro não era evitado ou reconhecido pela sua sociedade, mas ele não se encaixava, também. Eles não discutiram isso, mas Aspen testemunhou como as pessoas o tratavam, viu o jeito que Layke era tratado, com padrões elevados, não importando a situação ocasional. Inferno, a pressão de ser Ancião Layke Winters deve ser totalmente desgastante. — Realmente é — Layke sussurrou, inclinando-se para beijar os seus lábios.

Eles não falaram mais, silenciosamente fizeram o seu caminho através da densa floresta de volta para o palácio. Eventualmente, as luzes do jardim brilharam, e Aspen apertou-se mais ao lado do seu companheiro. O jardim de trás era a coisa que ele mais amava na ilha. As fontes de águas, as luzes em miniaturas brancas amarradas nas árvores, e o labirinto que o cercava, os muros de pedras eram como um conto de fadas.

Aspen não tinha escrúpulos por viver em um conto de fadas. Talvez por isso ele se sentisse tão em casa nesta ilha.

Quando se aproximaram da entrada dos fundos, Nithron dobrou a esquina e correu ao encontro deles. — Ei, pessoal. — O braço estendido, sua mão pousou no ombro Layke em uma inocente camaradagem. — Ei, eu estive procurando por você. Spiro...

Arreganhando os dentes e rosnando, Aspen se colocou entre seu amante e o guarda, batendo a mão de Nithron longe, empurrando-o no peito. — Meu!

— Uh, sim, tudo bem. — Nithron olhou para Aspen em confusão, dando vários passos lentos para trás. — Bem, Spiro quer falar com você. — Ele olhou para Layke com a testa franzida, depois de volta para Aspen, e apontou o polegar sobre o seu ombro. — Eu só vou ir por esse caminho agora.

— Eu fiz isso de novo. — Aspen bufou em desgosto. — Eu não posso controlar isso. Eu nem sei quando eu estou fazendo isso. — Ele sentiu o arrependimento por suas ações, mas o dano já havia sido feito. — O que há de errado comigo?

— Aspen — Layke exalou no que soava muito parecido como exasperação. — Não há nada de errado com você. Converse com qualquer vampiro, lobisomem, ou shifter, e eles dirão que essas reações são extremamente naturais.

— Você não está agindo como um lunático sem um maldito motivo! — ele falou. Layke poderia ser um pouco possessivo, mas era sempre com uma autoridade tranquila.

— É verdade, mas os elfos não têm esse tipo de impulsos animais. acredite em mim, eu sou extremamente territorial, quando se trata de você, mas é mais fácil para mim, controlá-lo. — Ele pressionou a palma da mão no rosto de Aspen e acariciou a sua bochecha com o polegar. — Vai ficar melhor. Basta dar tempo ao tempo.

— Bem, é uma porcaria.

— Eu sei. — O riso de Layke o fez respirar um pouco mais fácil.

A porta se abriu, e a luz se derramou no gramado. — Estamos prontos para fazer isso? — Spiro perguntou, saindo, com Zuriel atrás dele.

Nithron foi o próximo a sair, seguido pelos irmãos de Spiro e os amigos de Aspen. Mesmo Rissian estava lá, mas ele parecia pálido, e ele manteve a cabeça baixa, recusando-se a olhar para alguém. O coração de

Aspen quebrou por ele, e ele queria oferecer algumas palavras de conforto, mas era óbvio que o príncipe não estava pronto para a interação ainda.

Então, ele voltou sua atenção para Nithron e abaixou a cabeça. — Desculpe por antes...

— Não se preocupe, cara. — O guarda acenou para Spiro e riu. — Você não é a primeira pessoa a querer arrancar a minha cabeça, então eu entendo.

— Oh, Aspen — Zuriel acrescentou, apressando-se para o seu lado e passando um braço ao redor dos seus ombros. — Querido, não é um grande negócio. Todo mundo faz isso.

Seu irmão, Zavion, pressionou contra o seu outro lado e colocou o seu braço em torno da cintura de Aspen. — Eu morro de ciúmes e queria dar um soco no meu próprio irmão quando eu conheci Cian. É completamente normal.

Disseram os gêmeos acariciando as suas costas, Layke puxou Aspen para trás, para o seu lado. — Agora você acredita em mim?

— Sim, faz sentido. — Não fazia, mas ele estava cansado de todos olhando para ele com aqueles olhares de pena. Não que ele duvidasse de Layke ou dos gêmeos. Eles, obviamente, sabiam mais do que ele sobre essas coisas.

Ele só queria parar antes de ele acabasse alienando todo mundo que ele se preocupava, ou pior, machucando alguém.

Felizmente, a discussão voltou-se para o nascer do sol, e Spiro pediu que todos se movessem para o centro do jardim para executar a magia hocus-pocus necessária. Layke e Spiro estavam de frente um para o outro, enquanto os quatro irmãos Araceli formavam um círculo à sua volta. Aspen ficou de lado, cercado por seus amigos enquanto eles assistiam.

— Você acha que isso vai funcionar? — Zuriel estava praticamente em pé em cima dele, agarrando a mão com tanta força que os dedos de Aspen estavam começando a ficar dormente.

— É claro que vai funcionar. — Ele só estava soprando a fumaça para cima da bunda do cara. Talvez ele fosse um pouco tendencioso, mas ele duvidava que haveria qualquer coisa que Layke não pudesse fazer. Se o seu companheiro disse que isso iria resolver os seus problemas, Aspen não tinha nenhuma razão para não confiar nele.

Spiro pegou o disco de prata que tinha sido usado durante a noite em que ele tomou o seu juramento como rei, Layke instruiu os irmãos a se moverem quando o sol começou a aparecer no horizonte. A manhã estava completamente silenciosa, quase assustadoramente, como se a floresta ao redor deles prendesse a respiração em antecipação do que aconteceria.

Então Layke começou a cantar, parando ocasionalmente para que os Aracelis cantassem também. — Ale'quenle ta Aa menle nauva calen ar 'hwesta e'.

Aspen não tinha ideia do que as antigas palavras élficas significavam, mas ele encontrou-se encantado com a beleza da língua. Cada sílaba fluía sem problemas, dando uma cadência. Uma qualidade musical majestosa.

Enquanto o sol subia, os homens no círculo cantavam mais rápido, erguendo suas vozes sobre os ventos crescentes. O disco encostado na palma de Spiro não girava ou assobiava, mas começou a brilhar. Não apenas o reflexo dos raios do sol, no entanto. A luz que emitia era de um branco brilhante, azulado, iluminando os rostos dos homens e dando-lhes um brilho sobrenatural.

Perdido na estranheza de tudo isso, Aspen sentiu-se abalado quando tudo parou abruptamente. As vozes que tinham crescido mais alto durante o

rito interromperam-se, e a luz no artefato na mão de Spiro desapareceu, dando-lhe uma aparência maçante, normal.

— É isso? — Zuriel falou, para o seu companheiro. — Funcionou?

O sorriso nos lábios de Spiro só poderia ser descrito como presunçoso. Ele passou o disco para Rissian, olhou para a névoa da manhã e levantou a sua camisa, mostrando a pele lisa, pálida que se estendia sobre o peito.

— Ele se foi — Zuriel respirava, traçando as pontas dos dedos em toda a área aonde o brasão da família tinha sido queimado na pele de Spiro. — ele realmente se foi.

Layke aproximou-se, parando a vários metros de distância do seu grupo. Senti como se ele quisesse se juntar a eles, mas estava com medo de interromper o momento. Ou talvez ele não quisesse suportar o “senhor” e os olhos arregalados com reverência.

— Estou realmente feliz por você — Depois de oferecer a sua versão de parabéns, ele voltou-se para Zuriel, e falou com Spiro e foi encontrar o seu companheiro. — Ei, você!

— Hey.

— Como você se sente sobre tomarmos café da manhã?

Layke olhou para os homens reunidos no jardim, e as suas sobrancelhas se uniram.

— Que tal tomarmos café da manhã na aldeia? — Aspen falou, alterando a sua sugestão original.

A expressão preocupada rapidamente foi-se, e Layke estendeu a mão, dando-lhe um ligeiro aperto. — Eu acho que é uma excelente ideia.

Layke provavelmente iria chutar a bunda dele se ele soubesse que Aspen sentia pena dele, mas ele não poderia parar. Imaginando como só Layke deve ter se sentido no último milênio era deprimente como o inferno.

Ele esperava que não seria sempre assim. Aspen olhou para frente por um momento em que Layke não sentisse a necessidade de se esconder, mas não era o dia de hoje.

Então, ele pegou a mão do seu amante, apertou suavemente, e puxou-o para a parte de trás da casa, desaparecendo ao longo da estrada que levava ao vale sem que ninguém percebesse.

Capítulo Oito

— Eu realmente odeio voar — Nikola choramingou quando o avião tocou a pista em Casper. — Se eu não posso chegar lá a pé ou de carro, eu nunca vou a lugar nenhum de novo.

Havia um tom decididamente verde no rosto dele, mas Layke teve que virar para esconder o sorriso. Não que ele não simpatizava com Nikola, isso era um pouco dramático, até mesmo para ele.

— Voar não é tão ruim. — Esticou os braços sobre a cabeça, Aspen arqueou as costas e gemeu. — Isso só me deixa cansado.

Considerando que eles estavam viajando por quase 24 horas e tinham atravessado vários fusos horários, não era surpreendente. Se ele não tivesse muito o que fazer, ele rastejaria para a cama ao lado do seu

companheiro e dormiria pelos os próximos dias. A triste verdade, porém, era que eles tinham muito a fazer, e muito pouco tempo para fazê-lo.

Desafivelando o cinto de segurança, ele bateu no joelho de Aspen e se levantou, para o corredor para enfrentar os outros ocupantes do jato particular. — Vocês são bem-vindos para passar o resto do dia e da noite na casa de Conselho. Cian irá levá-los de volta para Haven pela manhã.

— Eu sei que significaria mais viagens, mas eu realmente gostaria de ir para casa hoje. — Zavion amou, seu lábio inferior tremeu e ele olhou suplicante para Cian.

Bagunçando o cabelo do seu companheiro, Cian sorriu e curvou-se para beijar a testa de Zavion. — Sim, eu acho que eu gostaria de estar em casa hoje também.

Layke entendeu o conforto de casa, e ele não invejou os homens. Oferecendo o seu desejo de uma viagens seguras, ele levou apenas um momento falando com Cian sobre o transporte do seu prisioneiro, antes que ele começasse a tirar as suas coisas e as de Aspen do compartimento de bagagem, ele perguntou. — Você está pronto para ver o seu lar temporário?

— Eu estou pronto para ver a minha cama temporária — Aspen corrigiu, mas ele estava sorrindo misteriosamente, com a voz que ele tinha usado na primeira vez em que Layke o encontrou. Ele ainda não podia acreditar que tinha sido apenas há uma semana.

Depois de uma longa viagem, o passeio de 20 minutos de carro da pista para a sua casa que ficava fora de Casper, parecia extraordinariamente longo. Os rancos de Aspen no banco do passageiro eram bonitinhos, mas Layke ficou profundamente aliviado quando eles pararam na sua garagem.

— Ei, dorminhoco, já chegamos. — Ele acariciou o cabelo de Aspen e sua bochecha com os nós dos dedos, — desperte dos seus sonhos, doce.

— Há um gigante em sua varanda — Aspen murmurou, inclinando-se mais perto contra a palma da Layke.

No início, ele pensou que o homem ainda estava dormindo, mas um rápido olhar pelo para-brisa revelou o motivo da sua observação. — Esse é Camdin, ele é realmente uma fada. Ele mora aqui comigo.

— Eu não sabia que você tinha um companheiro de quarto. — Não houve julgamento ou acusação em seu tom, mas Layke puxou a sua mão e fez uma careta.

Camdin era seu amigo mais antigo, mas ele tinha estado tão embrulhado em Aspen, que ele tinha esquecido completamente do fae. Foi uma desculpa esfarrapada, e duvidava que qualquer homem considerasse aceitável. No entanto, em qualquer dúvida, diga a verdade.

Respirando fundo, ele se preparava para dar a sua explicação, mas Aspen abriu a porta e saltou do seu banco. — O que você está fazendo?

Aspen inclinou a cabeça na direção de Camdin. — Eu vou dizer olá, é claro. — Ele revirou os olhos e fechou a porta, balançando a cabeça como se ele achasse ridícula a questão.

Saindo do veículo, Aspen contornou a frente do SUV, e subiu os degraus aonde ele parou ao lado do fada. Com os olhos arregalados e um sorriso insinuante, ele estendeu a mão e balançou na ponta dos pés. — Oi. Eu sou Aspen.

— Olá. — Camdin pegou a mão oferecida, dando-lhe um aperto lento enquanto o seu olhar surpreso piscava para Layke e depois voltava para Aspen. — Eu sou Camdin. É um prazer conhecê-lo.

A reunião não foi tão difícil como Layke esperava, mas não era tão confortável como ele teria gostado que fosse. Ele Decidiu que a bagagem podia esperar, e se aproximou do par, nas escadas e deu um abraço possessivo ao

redor dos ombros de Aspen, uma ação que não passou despercebido por Camdin.

O fada o estudou por um momento, piscou duas vezes, e depois riu. — Parabéns. Me parece que caíram os valorosos.

— Como assim? — Aspen franziu a testa, formando um vale pouco profundo entre os olhos.

Foi apenas a segunda vez que Layke tinha presenciado uma emoção muito perto da raiva no rosto do seu amante, e da última vez tinha sido muito menos descarado. Ansiedade, frustração, proteção territorial, e desejo, tinham se formados em diferentes graus abaixo da euforia de costume, mas nunca o nível de irritação que ele pode ver em Aspen agora.

— Camdin é o meu amigo mais antigo, assim como um ancião do Conselho — expliquei. — Nós nos conhecemos há quase 800 anos. Ele é a coisa mais perto que eu tenho de uma família.

Seus pais e irmãos haviam morrido há muito tempo, tomados dele, por estupidez e intolerância. Isso havia acontecido na guerra das bruxas na mesma época em que ele conheceu Camdin. O único consolo que ele tinha era que a sua família tinha ido rapidamente, sem sofrimento, mas ainda assim, Layke havia sido deixado órfão.

Certo, ele tinha quase 400 anos de idade na época, mas era uma das poucas coisas que ele e Aspen tinham em comum. Por outro lado, sua infância foi muito feliz. Enquanto ele tinha simpatia pela situação que Aspen havia crescido, ele honestamente não poderia entender, e ele se sentiu insensível ao tentar.

Às vezes, as diferenças entre eles pareciam insuperáveis, mas Layke tinha fé de que eles poderiam superar quaisquer obstáculos, inclusive a que ele se encontrava enfrentando atualmente.

— Família — Aspen resmungou. — Isso é bom. — Ele não parecia tão bem em tudo. Na verdade, Layke detectou um rosnado baixo que retumbou no peito do seu amante. — Isso não é o que eu perguntei, entretanto.

Nem uma única vez em sua longa amizade ele tinha visto Camdin como um parceiro de cama em potencial, e a camada de ciúme que as palavras de Aspen tinham surpreendido ele. A mão que pousava na sua coxa se apertou mais como proteção do que territorial, no entanto, o que torna mais difícil para ele determinar a emoção primária que estava alimentando a cena.

— Mais de uma pessoa tentou roubar o coração do Layke — Camdin respondeu em sua voz calma e melodiosa. — Claramente, nenhum foi bem sucedido. — Colocando a mão direita sobre o coração, ele se inclinou para Aspen. Até agora...

Aspen observou-o cuidadosamente, mas sua expressão não mudou.

— Sim, está bem, que seja. — Ele estava obviamente satisfeito com a resposta, mas Layke não tinha certeza do que ele estava concordando.

— O que há de errado, *Melamin*? Por que você parece tão infeliz?

— Eu não estou infeliz. — O sorriso que enfeitou seus lábios era tão falso que poderia parecer com o plástico barato.

Era evidente que Layke não entendeu naquele momento, então balançou a cabeça, beijou a testa do seu companheiro, e o empurrou para o pequeno bangalô. Aspen havia deixado claro que não exigia o seu próprio quarto, mas como seu comportamento estava atípico, Layke imaginou que era uma boa ideia confirmar que eles ainda estavam na mesma página. — Você gostaria de ver seu quarto?

— Não, mas eu gostaria de ver o seu. — Inclinando a cabeça para trás, Aspen bateu os seus cílios e fez beicinho, mas não antes de lançar um olhar em Camdin. — Um chuveiro seria bom também.

Em seu caminho, ele revirou os quadris sugestivos, quase obscenos, enquanto andava, ele deu um convite sutil para se juntar a ele, fazendo um sinal de néon que piscava e gritava suas intenções. Layke estava apreciando a exibição de possessividade mais do que deveria, mas ele se preocupava com o que aconteceria quando Aspen saísse da sua névoa defensiva.

Cada vez que estas fugas ocorreriam, ele sempre voltava para o sentimento de realidade, abalado, confuso e desconcertado. Pior, Layke não sabia como ajudá-lo. Suas ações eram comuns a várias raças diferentes de paranormais, especialmente nas fases iniciais de um relacionamento.

Esses apagões aonde os seus instintos completamente assumiam, tornando-o impotente sobre o seu comportamento, eram únicos em Aspen, no entanto. Mesmo os lobisomens e metamorfos que eram governados por bestas dentro deles, tinham algum nível de controle.

— No final do corredor, segunda porta à esquerda — ele instruiu. — É o meu quarto, e há um banheiro privativo. Comece, que eu vou pegar nossas malas no carro e irei acompanhá-lo em um minuto.

— Ok. — Disse Aspen indo pelo corredor, ele mexeu os dedos sobre os ombros. — Não tome muito tempo.

— Ele está certamente mal-humorado — disse Camdin quando Aspen desapareceu no quarto de Layke, fechando a porta atrás dele. — Eu não quis provocá-lo. — Com sua testa franzida, ele esfregou seu pescoço grosso. — Eu nem sei o que eu disse. Eu estava apenas brincando sobre os “poderosos caírem”.

— Eu não acho que teve importância o que você disse. — Não ia ser fácil para ninguém, e ele não podia deixar de se culpar um pouco.

Se ele puxasse a cabeça para fora da sua bunda o suficiente para explicar a Aspen sobre Camdin, todo o ciúme poderia ter sido evitado. — Ele está confuso, e eu acho com um pouco de medo.

— Ele é jovem.

Layke balançou a cabeça. — Ele é, mas é mais do que isso. — Ele pensou em voltar para a sua primeira reunião. — O dia em que cheguei na ilha, foi a primeira vez que ele já sentiu a queda dos seus caninos. Foi a primeira vez que ele tinha se alimentado. — Foi também a primeira vez Aspen sentiu o toque contra sua pele nua, a memória trouxe um sorriso aos seus lábios, que ele era só dele. — Eu estou perdido, Cam.

Seu amigo não disse nada, mas deu a Layke um olhar estranho, como se não pudesse acreditar no que estava ouvindo. Layke entendeu o sentimento. Se ele não tivesse testemunhado em primeira mão, ele não tinha certeza se poderia envolver a sua mente em torno disso, também.

O fada tinha visto a sua quota de injustiça, o quanto Aspen sofreu nas mãos de homem ganancioso e sedento de poder. No entanto, o seu primeiro pensamento era sempre para os outros. Outra característica que o seu melhor amigo e o seu companheiro tinham em comum.

Os pesadelos que atormentavam Camdin poderiam paralisar o homem mais forte. Layke não conhecia plenamente os detalhes da dor que o seu amigo tinha sofrido durante seus anos de cativo nas mãos de um vampiro enlouquecido. Possivelmente, ele nunca faria. Ainda assim, ele sabia que poderia pedir qualquer coisa para o seu amigo, e se estivesse em seu poder para dar, Camdin não hesitaria em ajudar. Desta vez, infelizmente, Layke não sabia se havia alguma coisa que poderia ser feito.

— Eu não sei o que pensar, Aspen nem estava ciente de que o nosso mundo existia até alguns anos atrás. Ninguém lhe ensinou o que significa ser um demônio, e ele...

— Espere! — Camdin levantou sua mão enorme e franziu a testa. — Você acha que ele é um demônio? Você estava falando sério sobre os dentes e outras coisas?

— Sim. — Os cantos dos lábios de Layke viraram para baixo para espelhar a carranca de Camdin. — Porque?

— Eu pensei que ele era humano. Ele se sente humano.

Layke suspirou e deixou-se cair no sofá, esfregando as mãos sobre o rosto em frustração. — Você sabe o que isso significa? Não é possível — Ele balançou a cabeça, mas ele ainda olhou para o fae suplicante como se tudo fosse voltar ao normal, só porque ele disse isso. — Isso não pode acontecer.

Um dos dons de Camdin era a capacidade de interpretar energias. Todas as coisas, os seres humanos, paranormais, plantas, animais, e outros, possuíam esta força em diferentes níveis.

Nem sempre era preciso. Ele não pôde determinar as espécies de um paranormal apenas com um aperto de mão, mas lendo o poder dentro de uma pessoa, Camdin poderia fazer uma suposição bastante precisa na maioria das vezes.

Naturalmente, por causa da magia que possuíam, os paranormais mantinham níveis mais elevados do que os seres humanos, não importa a raça. O fato de que Camdin tinha confundido Aspen com um ser humano não foi apenas desconcertante. Foi alarmante. — Não pule no fundo do poço ainda, — Camdin advertiu. — Eu poderia estar errado. Tem sido conhecido por ocorrer ao longo do tempo. Há algo lá, mas se sente quebrado ou interrompido, e sim, não é tão potente.

Sim, ele poderia estar errado, mas Layke duvidava. Ele queria tanto ter a prova em frente a ele, que ele tinha ignorado todos os pequenos detalhes que estavam gritando que algo estava errado. Aspen nunca experimentou a

sede de sangue. Ele nunca tinha perdido o controle das suas emoções. Nem uma única vez em 20 anos ele sentiu seus caninos se transformarem em presas. Tudo fazia sentido agora. Bem, quase tudo.

— Como diabos eles fizeram isso? — A questão mais importante o atingiu. — E por quê? O que eles têm a ganhar com isso?

— É realmente muito diferente do que esses monstros fizeram com os desejáveis? Eles manipularam o seu próprio DNA. É estranho pensar que eles fizeram o mesmo com Aspen?

Layke se considerava acima da média em inteligência, e ele tinha visto mais coisas em sua vida do que a maioria das pessoas poderia sequer sonhar. Este desprezo da vida e da liberdade, no entanto, adoecia a sua alma.

Cyrus Redway pensava-se que era um deus, e ele partiu para prová-lo, transformando seres inocentes em zombarias do mundo paranormal. Então, para realmente apertar o título de Maior Idiota do Mundo, ele tinha ido um passo mais longe, tirando dos seus animais de estimação recém-projetados qualquer dignidade que poderiam ter tido.

— Não tenho a pretensão de entender os como e os porquês, mas o que aconteceu com os desejáveis, pelo menos faz sentido em um nível fundamental. A colmeia encontrou uma maneira de manipular a magia que esses caras já possuíam. — Layke fez uma pausa para engolir de volta a bile subindo em sua garganta. — Se estivermos certos, porém, o que aconteceu com Aspen não apenas desafie as nossas leis Cam, desafia a lógica do caralho.

— Eu acho que você está deixando seus sentimentos bloquearem o seu julgamento, amigo. — Contornando a mesa de café, Camdin sentou-se no sofá ao lado dele e acariciou o seu joelho. — Por que você assumiu imediatamente o pior? Não poderia facilmente ser uma maldição? — Mágica poderia ser dividida em quatro categorias elementares, física, obrigatório, e a magia original. Todas as coisas continham magia elementar. estava no solo, no

ar, na chuva, e mesmo no processo simples de dormir. Foram os fundamentos que nortearam toda a natureza. Os seres humanos chamavam de ciência.

Bruxas eram exemplos de magia física. Através de feitiços, maldições e encantamentos, que afetavam o mundo em torno deles. Magia obrigatória governava os lobisomens e metamorfos. Eles eram humanos, mas não totalmente, eles eram tomados por impulsos e instintos.

Todos paranormais abrigavam pelo menos duas destas magias. Fae, elfos, e vampiros, no entanto, possuíam todos os três. Primordial, desde o início das épocas, a mágica original era antiga, complexa e eterna.

E aí estava o problema com a teoria de Camdin. Não importa quão insignificante, a magia física do feitiço de uma bruxa, ela sempre deixava um rastro, facilmente perceptível por aqueles que sabiam aonde olhar. — Você diz isso a mim. É uma maldição?

A resposta brilhou claramente de olhos Camdin antes que ele falasse. — Não, não é uma maldição. — Um sopro de ar explodiu dos seus lábios, e ele caiu para trás contra as almofadas. — Eu quero ser de suporte, mas o que você está sugerindo... Layke, não é assim que funciona.

A ideia era ridícula. Layke totalmente admitiu isso. No entanto, não importa o quão irracional parecesse, era a única coisa que fornecia uma explicação. — Bem, aparentemente, faz agora.

Capítulo Nove

— Quem está amaldiçoado? O que não é assim que funciona?

— Aspen! — Dando um salto do sofá em um movimento relâmpago, Layke girou em direção a ele, com a boca escancarada como um peixe. — *Melamin*, eu sinto muito. — Seus olhos percorreram o peito nu de Aspen até a toalha pendurada na cintura. — Eu vou pegar a sua roupa agora.

— Não se incomode. Está quente hoje. — Em seguida, ele deixou a toalha cair até o chão e caminhou ao redor do sofá para enrolar-se em uma das poltronas perto da lareira vazia.

Uma vez que ele esteve sozinho no chuveiro, todo o ciúme, hostilidade e raiva tinham ido pelo ralo, junto com a água do chuveiro. A confusão, frustração e constrangimento que ele sentia por suas ações não tinham ido embora no entanto.

Sim, Layke deveria ter avisado a ele que outro homem, um outro homem enorme, lindo, vivia com ele. No entanto, isso não desculpava o comportamento de Aspen. Ele nunca tinha sido tão rude com alguém antes, especialmente alguém que não tinha feito nada para provocar a sua ira.

Enquanto estava sozinho ele sentiu que precisava amarrar Layke a um poste e marca a sua bunda para todo mundo ver, ele sentiu mais dor do que raiva porque o seu companheiro não tinha se juntado a ele como ele tinha prometido. Quanto mais ele pensava sobre isso, porém, mais ele não podia culpar o ancião por manter distância dele. Inferno, ele vinha agindo como um psicótico e idiota desde que eles tinham chegado na entrada que ele não queria nem sua própria companhia.

Querendo encontrar o seu amante e pedir desculpas, ele tomou sua chuveirada, se secou rapidamente, e chegou ao final do corredor a tempo de ouvir um monte de vagas perguntas e não respostas. O tema desconhecido da conversa não lhe tinha dado uma pausa, mas o estresse na voz do Layke definitivamente tinha.

Vendo Camdin com o seu companheiro não tinha sido fácil, para qualquer um. Era claro o quão confortável eles estava em torno um do outro, mas Aspen não achava que o mundo das fadas grandes precisava tanto de um toque de Layke. Também não havia qualquer razão para ele se sentar tão perto.

Quando ele finalmente se acalmou seu pulso e respirações aceleradas diminuíram a tempo suficiente para anunciar a sua presença, a última coisa que ele esperava era a reação de pânico de Layke, muito como uma criança pega em alguma travessura. Se fosse esse o caso ou não, o estrago já estava feito, e os instintos de Aspen, nomeadamente os que Layke proclamou como seu, passaram a dominar mais uma vez.

Bem, ele assumiu que era o que tinha acontecido. Lembrou-se de se sentar na cadeira e responder a algo que Layke tinha lhe perguntado.

Como a toalha acabou fora do seu corpo e no chão do outro lado da sala, ele não tinha certeza.

Havia simpatia nos olhos cinzentos de Layke quando ele foi até aonde Aspen estava sentado e estendeu um cobertor de flanela pequeno. — Tome isso.

— Obrigado — ele murmurou, sua bochechas aquecidas de vergonha quando ele pegou o cobertor e colocou-o sobre o seu colo. — Eu não sei por que eu fiz isso. — Isso havia se tornado o seu mantra, sua desculpa para cada coisa deplorável que ele fazia, e ele gemeu após as palavras saírem dos seus lábios. — Você sabe o que, esqueça essa última parte.

Era verdade que ele não podia controlar as coisas que ele fazia, não estava mesmo ciente de fazê-las até que fosse tarde demais. Reiterando o tempo óbvio e, novamente, no entanto, não resolveu nada. Principalmente, ele só se fazia soar imaturo, incapaz ou relutante em aceitar as consequências dos seus atos.

— Então, o que você estava falando antes de eu interromper?

— Deixe-me pegar algumas roupas.

Layke começou a recuar, mas Aspen estava se sentindo um pouco desequilibrado. Embora possa fazê-lo parecer necessitado, bem, então, ele não se importava. Ele realmente não queria deixar o homem fora da sua vista, mesmo que fosse um passeio curto até o carro. — O cobertor me cobre. Eu realmente gostaria de saber mais sobre esta maldição.

Suspirando, Layke murmurou algo sob a sua respiração sobre teimosia e a sua camisa desabotoada, deslizando-a dos seus ombros vigorosos para passá-la para Aspen. — Pelo menos coloque isso. Por favor — ele acrescentou quando Aspen abriu a boca para argumentar. — Como eu disse antes, Camdin tem sido meu amigo há muito tempo. Eu realmente gostaria de não ter que matá-lo por ele olhar de forma impertinente para você.

A ideia de que alguém poderia ser atraído por ele era hilário, e Aspen bateu com a mão sobre a boca para abafar seus roncões e risadas.

— Você é a única pessoa que pensa que eu sou bonito, e você não tem escolha. O destino decidiu que você está preso comigo.

— Hmm — Layke refletiu. — É mesmo? — Virando-se para o seu amigo, ele apontou o polegar sobre o seu ombro para Aspen. — Cam, saiba que qualquer coisa que você disser vai estar errado. No entanto, isso significa que você não tem nenhuma razão para mentir. Você acha o Aspen atraente de alguma forma?

— Ele é um pouco magro — Camdin respondeu imediatamente. — Sua pele é linda, você poderia saltar um quarto fora do seu traseiro, e ele tem o rosto de um anjo. Ele também é charmoso, honesto, e ele obviamente está disposto a lutar por aquilo que ele se preocupa. — Camdin encolheu os ombros

e dobrou os braços sobre o peito. — Então, sim, eu quero dizer, eu acho que se você gosta desse tipo de coisa, ele é decente.

Aspen não sabia o que mais o chocou, a avaliação de Camdin sobre ele, ou o grunhido irritado que retumbou no peito de Layke.

— Obrigado, — ele sussurrou. — Isso foi realmente doce, especialmente após o jeito que eu te tratei. Eu sinto muito por isso.

— Não o encoraje. — Layke rosnou mais uma vez antes de tomar uma respiração profunda para se recompor. — Ele estava sendo sincero. Isso não faz com que ele seja doce.

A exibição do seu companheiro de posse era de muitas maneiras sexy, mas Aspen ainda não tinha obtido qualquer resposta. — Ótimo. Ninguém está atraído por ninguém. Agora você vai me dizer sobre essa maldição?

— Oh, eu não diria a ninguém. — Layke levantou-o em seus braços, sentou-se na cadeira estofada, estabelecendo Aspen no seu colo, colocando o cobertor em torno dele para cobrir os seus pedaços. — Estou muito atraído por você.

Era fácil perder-se naquela voz profunda, naquelas mãos fortes, e na respiração quente que se espalhava no seu pescoço. Arqueando as costas, Aspen se esfregou contra o seu companheiro, levantando a mão para a cabeça de Layke para enredar os seus dedos no seu cabelo longo. — Prove-o.

Luxúria e necessidade acenderam dentro dele, e as chamas do desejo explodiram na sua barriga. Seu pau inchou levantando o cobertor fino, e cada receptor de prazer disparou em resposta rápida as mãos que agarravam a sua cintura.

Ele nem se importou que eles tivessem uma audiência. Por outro lado, algo dentro dele, algo selvagem e cru, saboreou a oportunidade de publicamente afirmar a sua reivindicação sobre o elfo. Era como se fosse

necessário que Candim assistisse, pois ele precisava provar que ele era o suficiente e Layke nunca iria querer outro. Não era uma resposta racional, mas ele tinha desistido da lógica quando se tratava do seu companheiro.

Na semana que passaram juntos, Layke havia lhe mostrado muitas maneiras diferentes que o seu corpo poderia dar e receber prazer. Aspen tinha planejado explorar cada truque erótico em seu grande repertório para conseguir o que queria se necessário.

Se os lábios viajando ao longo da coluna do seu pescoço eram qualquer indicação, ele já estava fazendo a coisa certa. Os dedos longos de Layke deslizaram sob a bainha da camisa de grandes dimensões que ele usava, viajando sobre o estômago de Aspen até o seu peito para beliscar os seus mamilos eretos.

— Você tem certeza?

Aspen concordou. A fome arranhando por seu companheiro estava o consumindo e ainda estava lá, mas ao contrário de tempos passados, ele tinha plena consciência do que ele estava pedindo. — Eu sempre quero você. Não há condições.

Um gemido irregular caiu dos seus lábios entreabertos quando Layke puxou os seus mamilos, aplicando mais pressão nos botões de cascalho. Deixando cair a cabeça para trás, ele se contorcia no colo do seu amante, desesperado para chegar mais perto. O ar frio beijou a sua pele superaquecida quando o cobertor deslizou das suas coxas e caiu no chão. Um gemido baixo à sua direita penetrou a névoa sensual, e Aspen interiormente sorriu com a reação desinibida de Camdin.

Os passos inesperados de caminhada no chão foram desaparecendo lentamente pelo corredor, mas Aspen estava se divertindo demais para se importar. Uma pequena voz na parte de trás da sua mente o repreendeu por

fazer o fada desconfortável em sua própria casa, mas a parte de gritar-lhe que desejava as mãos de Layke sobre ele facilmente silenciou a encenqueira voz.

Um momento depois, algo duro e frio bateu-lhe no peito, e Aspen empurrou-se de pé, ofegante, em choque. Camdin apenas riu quando ele se esgueirou de volta para o quarto, caindo no sofá e espalhando as suas pernas, esfregando a palma da mão sobre a protuberância considerável atrás do seu zíper. — Por favor, continue.

Embora a reunião tivesse sido breve, o comportamento de Camdin, calmo, quase tímido não levou Aspen a acreditar que o homem tinha essa veia voyeurística nele. Era hipocrisia ele fazer essa suposição através de poucas palavras trocadas. Ele próprio era uma contradição ambulante, a prova viva de que as primeiras impressões podem ser enganosas.

Recuperando a garrafa de lubrificante que tinha saltado fora do seu peito, ele a apresentou ao seu companheiro. Bem, empurrou-a em sua mão com mais entusiasmo do que uma criança gorda com um queque seria uma descrição mais precisa. Que seja. Em seguida, ele tirou fora a camisa de abotoar que Layke insistiu que ele vestisse e a jogou na sala, sem se importar aonde pousou.

Rastejando de volta para o colo de Layke, ele encontrou-se hipnotizado pelos magros, músculos esculpidos envolto em pele pálida e aveludada. Ninguém poderia imaginar que um corpo tão magnífico se escondia debaixo das roupas que ele usava, e Aspen estava humilhado pela perfeição masculina do homem.

Quando o seu pau começou a pulsar e as suas bolas doíam, a urgência disparou para níveis incontroláveis. Ele não se atrapalhou ou tentou abrir o fecho da calça de Layke. Ele rasgou o material com uma força que ele nem sabia que ele tinha. Palavras ininteligíveis de prazer rolavam da sua

língua quando ele libertou o pau duro de Layke e empunhou o comprimento pulsante.

— Sim — ele sussurrou reverentemente. — Eu preciso de você, Layke — Era mais do que um desejo frívolo. Aspen estava queimado. Seu coração batia muito rápido e muito duro. Não importa o quanto ele tentasse, ele não poderia obter o suficiente de ar em seus pulmões. Cada um dos seus sentidos estava preenchido por Layke, e a espera era torturante. — Agora.

— Devagar, querido. Eu nem sequer estendi você.

Aspen ouviu as palavras, mas não fazia sentido para ele — Eu não quero cuidado. Tá doendo! — Seu pau empurrou com o barulho do seu pulso, vazando uma quantidade impressionante de pré-sêmen da fenda. Os músculos das suas coxas, barriga e costas apertaram, e a sua pele estava apertada e coçando como se tivesse estado no sol por muito tempo, e só o seu companheiro poderia aliviar o desconforto.

Era verdade que ele não poderia sentir falta de algo que ele nunca tinha tido. Agora que ele estava a par do toque habilidoso de Layke, no entanto, ele não poderia viver sem ele. Ele nunca teria imaginado que ele era tão prostituta por atenção, mas quando a respiração pesada de Camdin se misturou com o seu próprio choramingo gemidos, seu corpo inteiro tremeu.

Juntamente com as mãos do seu amante, ele podia sentir o olhar de Camdin acariciando cada mergulho e curva do seu corpo, seguindo a inclinação da sua coluna para o avolumado dos seus quadris. Não havia um pingote de saudade no fae, no entanto. Aspen estava perdido, completamente seduzido por Layke. Nunca haveria outro, e ele se deleitava em saber que só ele tinha a atenção do elfo, não importava quanto outro o cobiçasse.

Molhados, escorregadios dedos deslizaram ao longo do seu vinco, separando as bochechas da sua bunda e pressionando contra a sua entrada tremendo. Layke cercava os músculos, massageando suavemente até

relaxarem. Então ele pressionou duro e rápido dois dedos, e Aspen quase chegou ao paraíso.

Colocando os braços em volta do pescoço do seu amante, ele empurrou Layke para frente, derramando uma sinfonia de gemidos carnal na boca aberta do homem. O beijo foi rude e selvagem, cheio de uma predatória intensidade que ele não sabia que poderia existir fora dos livros e filmes. Ele comeu os lábios de Layke, mordendo e puxando a carne rendendo antes de mergulhar a sua língua nas profundezas doces com um rugido feroz.

A Mão livre de Layke estava em seus emaranhados cabelos, os dedos cavando no couro cabeludo de Aspen e depois puxando bruscamente os seus fios. Sua cabeça caiu para trás em seus ombros, e ele balançou os quadris mais rápido, fodendo-se nos dedos do seu amante, enquanto ele tremia até a ponta do seu pau. Os Dentes do seu companheiro roçou a curvatura do seu queixo e lábios acetinados deslizaram para baixo da coluna da sua garganta para beliscar o seu ombro.

Apesar de ter iniciado a cena, ele só poderia aguentar o desejo e a necessidade por alguns segundos. Aspen havia atingido o auge da sua experiência e conhecimento, mas, felizmente, ele tinha um companheiro que poderia levá-los onde eles precisavam ir. Aspen só tinha de convencê-lo a mover as coisas. As preliminares eram boas, e ele definitivamente tinha o seu sangue fervendo, mas ele ansiava por mais.

— Por favor, Layke — ele choramingou. As palavras ecoaram em torno do quarto, sem fôlego e implorando, mas ele não poderia se importar menos por como ele parecia desesperado. — Agora.

— Quase — Layke rebateu quando ele colocou um terceiro dedo no canal aperto de Aspen, colocando e retirando-os enquanto torcia o seu pulso para soltar os músculos que se contraíram.

Aspen estava bem passado “quase”, no entanto. Erguendo-se sobre os joelhos, ele gemeu quando os dedos do seu amante escorregaram da sua abertura. Ele agarrou o ombro de Layke com uma mão e a outra alcançou entre os seus corpos umedecido de suor de e pegou o pau espesso do outro homem. — Vamos guardar esta distância em custódia. — E ele sabia o lugar perfeito.

Alinhando a coroa com a sua entrada, ele caiu no colo de Layke, não dando a ele a chance de discutir. Um gemido gutural estourou a partir dele, e ele apertou os olhos fechados, tremendo através da queimação enquanto ele lutava para se ajustar à invasão.

Layke sempre foi tão cuidadoso com ele, e enquanto ele estava sendo suave, a mordida de dor adicionou uma profundidade ao seu prazer que ele não esperava. A batalha para puxar ar para os seus pulmões e evitar o seu orgasmo iminente foi muito difícil quando Layke começou a mapear cada centímetro do seu corpo. Ele acariciou a pele de Aspen, amassou a carne em torno dos seus quadris, e procurou os globos do seu traseiro até Aspen ser forçado a se mover ou ficar louco pela tortura erótica.

Subindo e descendo, ondulando no colo do Layke, Aspen lançou uma cacofonia de gemidos e gritos que teria feito uma prostituta corar. Suas paredes internas estavam presas ao redor do pênis do seu amante, prendendo o comprimento rígido para que ele pudesse sentir cada cume esfregando em todos os lugares certos.

— Por favor, por favor, por favor, — ele cantou, entre suspiros e choramingo.

Eles poderiam ter apenas começado, mas se Layke não gozasse em breve, o seu pau ia cair para o inferno.

Aspen sentia-se como uma garrafa de refrigerante sacudida. A pressão construída com cada golpe duro, e o inchaço do seu pênis chegava ao

ponto da dor. Sua parte inferior das costas estava apertada com uma dor incômoda, seu estômago se apertou, e ele de repente se sentiu tonto.

— Pronto. — Layke brincou com ele, embora ele parecesse tão perto da borda como Aspen.

Rodeando o pescoço do seu companheiro, com os braços, Aspen o puxou para perto e descansou suas testas juntas. — Foda-me com mais força.

A demanda provocou um rugido feroz do seu companheiro, e Aspen gritou pendurado pela sua vida, quando Layke começou um ritmo duro, inflexível. Seu pênis latejante bateu contra barriga de Layke e deslizou ao longo das ranhuras onduladas do seu abdômen, criando uma fricção entorpecente. Os sons de carne contra carne reverberou no ar, misturando-se com a sua respiração pesada e os desenfreados gemidos de êxtase.

O mundo inteiro desapareceu, deixando Aspen dentro de uma bolha feita apenas para ele e Layke. Não havia outros sons, visões, ou cheiros que estavam inundando a sua pequena parte da sala. Se segurando apertado no pescoço do seu amante, ele chupou cada respiração estremecendo através da sua boca. Seu cabelo agarrou-se ao lado do seu pescoço e os topos dos seus ombros estavam umedecidos pelo suor que cobria a sua pele.

— Mais — ele implorou. — Mais forte. — Uma palavra e pedido foi tudo o que ele poderia falar em um tempo, mas ele imaginou que Layke entendeu a mensagem. Certo.

Dedos longos cercaram a cabeça do seu pênis, e Layke espalmou o eixo, acariciando o comprimento com uma destreza impressionante, considerando as suas posições. Esfregou os nós dos dedos contra a parte inferior da coroa queimando, enviando raios de sensação que foram direto para as bolas de Aspen.

Cada pressão dura dos seus quadris mergulhava mais profundo no canal de Aspen, e a ponta do seu pau empurrou contra a glândula em formato de noz, fazendo com que luzes estourassem por trás das suas pálpebras fechadas. Ele não poderia demorar muito mais. Ele não ia durar. Quando ele abriu a boca para falar mais uma vez, no entanto, tudo o que saiu foi um grito estrangulado quando Layke mordeu a curva do seu pescoço.

Não foi dura o suficiente perfurar a pele, mas acrescentou um impulso extra que ele precisava para ser mandado cambaleando para o esquecimento. Empurrando e convulsionando, ele lançou um rio de sêmen, revestindo Layke com o creme pegajoso.

Ainda se recuperando do seu clímax intenso, a descida dos seus caninos não o incomodava tanto quanto ele normalmente faziam. — Sua vez — ele murmurou antes de colocar as suas presas na carne macia do ombro do Layke.

Os braços musculosos do seu companheiro o envolveu apertado, segurando firme quando Layke gemeu e estremeceu, inundando Aspen com resmas de lava derretida. — Pegue o que você precisa — ele instruiu, falando mais alto do que um sopro no ouvido de Aspen.

Era apenas a terceira vez que ele se alimentou, e embora tivesse superado o fator eca, ele ainda não tinha se decidido se ele gostava da maneira como isso o fazia se sentir.

Aspen nunca tinha bebido antes, mas ele imaginou que os efeitos que ele teria por absorver o sangue de Layke iria ser semelhante ao excesso de álcool. Sua cabeça girava, e ele se sentia leve, quase como se ele não existisse para além do ponto em que os seus dentes perfuravam o seu companheiro.

Por outro lado, sentiu-se mais forte, mais saudável, e tinha mais energia do necessário, isso era definitivamente um adicional por manter-se

com Layke. O homem estava sempre fazendo alguma coisa, mesmo quando ele não estava fazendo nada.

Tendo apenas se alimentado na noite anterior, Aspen terminou rapidamente e extraiu os seus caninos, lambendo a ferida para incentivá-la a se curar.

A mordida não tinha sido sobre nutrição, mas sim, porque ele não tinha sido capaz de impedir-se de marcar o seu companheiro. Agora, com as feridas bem visíveis, até que elas estejam completamente curadas de qualquer maneira, ninguém iria questionar o status de Aspen na vida de Layke.

— Eu deveria pedir desculpas — ele murmurou, esfregando os narizes juntos e acariciando os seus lábios sobre os do Layke. — Eu não vou, entretanto.

— Eu criei um monstro.

— Hei — Aspen brincou. — Você sabe que você gosta. — Uma tosse tranquila capturou a sua atenção, e ele virou a cabeça para o lado quando o constrangimento inflamou as suas bochechas. Oh, merda. Ele havia esquecido que Camdin sequer existia, e muito menos que ele estava sentado na mesma sala com eles. — Uh, eu... — se contorcendo no colo Layke, ele tentou proteger tanto de si quanto pôde, porém, era uma tentativa infrutífera uma vez que ele estava nu como um gaio.

Surpreendentemente, Layke riu, beijou a sua testa, e se levantou com Aspen ainda em seus braços. — Eu acho que você vai precisar de outro banho.

— Eu vou pegar as malas do carro. — Se levantando do sofá, Camdin andou um pouco tenso enquanto ele saía da casa, fechando a porta silenciosamente atrás dele.

— Ele está bem?

— Ele vai ter bolas azuis por um tempo — Layke respondeu, e parecia se divertir com o fato. — Ele vai ficar bem, no entanto. Camdin tem dificuldade de interagir com um grande número de pessoas, o que torna difícil encontrar alguém. — Colocando-o de pé, Layke o conduziu para baixo no corredor em direção ao quarto. — Tenho certeza de que faremos isso o ano todo.

— Eu gostei — admitiu Aspen quando ele entrou no banheiro. — Isso é errado?

— Você gostava dele assistindo? — Layke sorriu e balançou a cabeça. — Não, não é errado. Enquanto assistindo é tudo o que você tem em mente para ele.

— Você é o único que eu quero, Layke — Ele queria deixar esse ponto muito, muito claro. — Eu não posso explicar o porquê, mas é emocionante deixar alguém assistindo. O pensamento de alguém me tocando, porém, me deixa um pouco enjoado.

O sorriso nos lábios Layke era puramente mau, com apenas um toque de presunção quando ele puxou Aspen até ele novamente para reivindicar a sua boca. — Boa resposta, *Melamin*. Boa resposta.

Capítulo Dez

Outros três dias se passaram, e Aspen não estava mais perto de obter as respostas que ele queria. Cada vez que ele trouxe a conversa para cima, Layke mudava de assunto ou o distraía com todos os tipos de maneiras

deliciosas. Ele não se queixou muito sobre isso, mas ele estava cansado da deflexão.

— Layke, eu quero respostas — Não foi como se ele fizesse exigências além de “mais duro, mais rápido, puxe o meu cabelo”, mas também era incomum para ele estar tão agitado assim. Sentando no sofá ao lado do seu companheiro, ele chegou até a colocar uma palma contra a bochecha de Layke e adotou a expressão mais séria que ele poderia convocar. — Por favor. Eu tenho o direito de saber.

— Ele tem um ponto — Camdin concordou, entrando na cozinha com um sanduíche meio comido na mão. Aspen tinham estado com medo de que as coisas fossem estranhas ao redor do fae depois do seu pequeno show, mas ele teve o prazer de descobrir que não era o caso.

Layke atirou ao seu amigo um olhar crítico, mas de outra forma não respondeu ao show de solidariedade. — Aspen, não há nada a dizer. Como eu disse antes, nós estávamos jogando em torno de teorias, mas nenhuma delas faz sentido. Não há maldição ou algo assim.

— Tudo bem. Então o que é? — Ressentimento mastigou em seu intestino, e raiva rastejou através da sua pele como uma coisa viva. — Eu não sou estúpido. Há alguma coisa, alguma coisa sobre mim.

— Não fique louco — Layke rebateu. — Eu nunca disse que você era estúpido.

Levou cada grama de força de vontade que ele possuía para permanecer sentado e calmo. Desde o tempo em que ele era um menino pequeno, ele suportou os nomes, as acusações, e a crueldade implacável dos outros. Ele sorria muito, mesmo quando não havia nenhuma razão para estar feliz.

Tinha que haver algo de errado com ele, porque as pessoas normais não flutuavam pela vida em uma nuvem de luz do sol. Ninguém o entendia, e ele pagou o preço pela sua ignorância.

No entanto, ele não esperava isso de Layke. Ele era uma pessoa que sempre deveria apoiá-lo. — Chame-me de louco — ele ousou, sua voz misturada com gelo, — mais uma vez.

— Vá ao meu quarto e tranque a porta.

Aspen não esperava exatamente um pedido de desculpas. Ele, no entanto, esperava uma explicação, algo sobre como Layke não tinha a intenção que as suas palavras saísse da maneira como tinham saído. A resposta do seu amante o deixou tão pasmo que ele não tinha certeza de como responder a não ser olhar estupidamente para ele.

Camdin estava do outro lado da sala com uma maldita pressa, mas abrandou para um rastreamento cauteloso enquanto se aproximava da porta da frente. — Acho que você não está à espera de alguém, não é? — Ele olhou por cima do ombro para Layke com linhas evidentes de preocupação franzindo o cenho.

— Acho que nem você, tampouco, — Layke respondeu quando ele pegou o cotovelo de Aspen e o colocou de pé, levando-o para o corredor.

— Pare com isso. — Ele afastou a mão de Layke, Aspen ficou irritado, quando o Layke chegou para ele novamente. — Pare de me empurrar? — Então, ele cruzou os braços sobre o peito e inclinou a cabeça para o lado, confuso como seus colegas de casa estavam agindo de forma tão estranha. — O que deu em você?

— Aspen, isto é inegociável. Vá para o meu quarto. Tranque a porta. Não saia até que eu diga que é seguro.

Suas palavras e linguagem corporal não admitiam discussão, e Aspen detectou uma medida de urgência sob o tom autoritário. Layke podia ser frustrante às vezes, ele não gostava de como ele continuamente evitava responder as perguntas sobre as suas teorias sobre as origens de Aspen.

No entanto, ele não estava controlando, e ele sempre incentivou Aspen para tomar suas próprias decisões. Para ele ser tão insistente, tinha que haver uma boa razão, e Aspen confiava que Layke estava realmente preocupado com a sua segurança.

Decidindo que essa era uma luta que ele não ia ganhar, Aspen assentiu e virou-se, com a intenção de fazer o seu caminho para o quarto como o seu companheiro havia pedido. A batida na porta o assustou. Ele não ouviu outros sons, e era como se o visitante tivesse aparecido do nada.

Ele quase saiu da sala de estar, quando um odor estranho chamou a sua atenção. Parando perto da boca do corredor, ele inclinou a cabeça para o lado e olhou para Camdin aonde o homem esperava com a mão pousada sobre a maçaneta.

— Eu conheço esse cheiro. — Alterando a sua direção ele se arrastou mais perto da porta. — Quem está aí? — ele perguntou.

— Aspen — O aviso no tom de Layke foi claro, mas ele estava errado desta vez.

Não havia perigo. De fato, o forte cheiro fazia o sorriso de Aspen mais largo. Ele estendeu a mão direita, com a palma para fora para Layke. — Espere!

— Aspen? — uma voz masculina chamou da varanda da frente. — É você?

Havia um sorriso em sua voz, e ele parecia agradavelmente surpreendido com o rumo dos acontecimentos.

— Kristoff! — Aspen correu através do quarto, deslizou na frente de Camdin, e arrancou a porta aberta, praticamente vibrando de empolgação. — É é você. Eu sabia! O que você está fazendo aqui?

— Aspen, como você conhece este homem? — Agarrando o cotovelo de Aspen, Layke o puxou longe e colocou-o ao seu lado, mantendo um braço protetor ao redor da sua cintura quando ele olhou para o recém-chegado.

— Ele é um duende. — Kristoff era o primeiro e único goblin que ele já encontrou, e ele também tinha sido a primeira pessoa a tratar Aspen como um igual. É claro que agora ele tinha Layke, e ele estava começando a fazer amigos, mas ele nunca iria esquecer a primeira vez que ele percebeu que os seus pensamentos e opiniões poderiam realmente importar.

— Eu sei quem ele é — Layke o cortou, e seu braço apertado em torno de Aspen como se esperasse que no seu hóspede fosse brotar chifres e atacá-lo no coração. Não foi o melhor cumprimento, mas ele recuou para permitir a entrada do homem. — Estou interessado em saber como você o conhece.

— Seus filhos são idiotas. Mas Kristoff é um cara bom — Aspen apressou-se a acrescentar. Era verdade que eles não tinham se encontrado em circunstâncias agradáveis, mas Kristoff tinha ido a Haven para várias visitas de manutenção da paz, desde que os seus enteados tinham atacado o clã. — Eu me perdi no museu de uma casa em Haven e literalmente esbarrei nele enquanto ele estava saindo de uma reunião.

O duende parecia sincero em seu desejo de formar uma aliança e ajudar na reconstrução do que alguns do seu povo tinha destruído. Se os rumores fossem verdadeiros, ele doou uma soma considerável de dinheiro para comprar um portão novo, com funcionalidades de segurança adicionais para o clã.

Layke apareceu apaziguado pela resposta, e um pouco da tensão aliviou os seus ombros quando ele voltou sua atenção para o seu hóspede.

— Kristoff, o que posso fazer por você?

Aspen estava muito interessado na resposta também. Havia uma centena de possibilidades que filtragem através de sua imaginação, e ele não podia esperar para descobrir por que o duende tinha procurado os anciãos em sua casa.



Quando eles se conheceram, ele nunca teria imaginado que Aspen era uma merda de um pequeno obstinado.

Layke não tinha o sentido de olfato como os shifter e os seus amigos lobos. Seu nariz pode ser inútil, mas a Mãe Natureza lhe presenteou com os sentidos auditivos altamente desenvolvidos.

Infelizmente, ouvir alguém vindo, não podia dizer quem ou o que estava se aproximando. Ninguém nunca tinha chegado de surpresa sem solicitar primeira uma reunião. Talvez ele tivesse exagerado na chegada do seu hóspede desconhecido e inesperado, mas ele nunca tinha tido alguém para proteger.

Cada situação agora significava um nível de ameaça que ele não teria considerado antes de conhecer Aspen. Ele estava um pouco paranoico, mas ele preferia parecer louco e irracional do que acabar com um companheiro morto.

No entanto, seu trabalho seria muito mais fácil se Aspen somente o deixasse protegê-lo e parar de ser tão malditamente independente.

Então, novamente, a sua individualidade feroz era uma das coisas que Layke adorava sobre ele.

Deuses, sendo acasalado era confuso, e ele estava constantemente lutando contra as suas emoções conflitantes. Por um lado, ele via Aspen como um igual, firmemente valorizando o que ele tinha a dizer. No outro lado da moeda, no entanto, não havia um interruptor "off" para os seus instintos. O desejo de proteger o seu companheiro estava arraigado nele, tão involuntário como a sua respiração.

— Layke? — Uma mão macia descansou contra o lado de seu pescoço. — Ei, onde você foi?

Ele não tinha certeza de quanto tempo ele estava ali, perdido dentro da sua própria cabeça. Aspen olhava para ele com preocupação em seus grandes olhos azuis enquanto o seu polegar traçou a veia que pulsava na garganta de Layke. — Eu estou bem, querido.

— Você tem certeza?

— Eu tenho certeza — ele beijou a ponta do nariz de Aspen e abraçou-o forte, puxando-o alguns passos para trás enquanto se dirigia ao seu hóspede. — Assim, Kristoff, o que posso fazer por você? — ele perguntou, repetindo a sua pergunta anterior.

— Na verdade, eu estou aqui para fazer algo por você. — Deslizando o paletó, Kristoff dobrou o tecido sobre o seu braço e adotou uma postura calma no meio da sala. — Um passarinho me disse que o Conselho está planejando criar um novo refúgio na ilha elfo.

Kristoff Vasko não era um homem mau, e Layke não tinha nada contra os goblins. Suas bem-vindas menos-que-amigos tinha vindo do seu

territorialismo e ciúmes por causa da saudação animada e entusiasta de Aspen.

Ele não estava orgulhoso de como ele reagiu. Apesar da crença popular, porém, ele não era sem falhas. Suas emoções, por vezes, levavam a melhor sobre ele, assim como todos os outros.

— Você ouviu corretamente — ele respondeu. O duende tinha despertado o seu interesse, mas ele não quis revelar muito até que ele tivesse mais informações, especialmente desde que a ilha ia ser o lar permanente de Aspen. — O que exatamente você está propondo?

— Bem, é um pouco de dar e receber, mas acho que podemos chegar a um acordo adequado. — A partir da sua postura relaxada para a regularidade em seu tom, Kristoff exalava confiança.

Layke respeitava um homem que sabia o que queria e ia atrás disso. A maneira que Aspen prendeu a respiração e inclinou-se para o seu hóspede, animadamente pendurado em cada palavra sua, era menos atraente, no entanto.

— Que acordo? — As bochechas de Aspen coraram a um simples tom rosa, e os seus olhos se arregalaram, olhando Kristoff como se tivesse acabado de anunciar uma cura para o câncer. — Você vai para ajudar com o refúgio, como você fez com Haven? — Ele convenientemente deixou de fora a parte aonde Haven não precisava de ajuda, em primeiro lugar, se não tivesse sido por causa dos goblins.

O sorriso de Kristoff foi dirigido para Aspen, e prendeu o olhar do homem quando ele falou. — Você é muito perspicaz, querido.

Em toda a sua vida, Layke nunca tinha se sentido mais predispostos ao assassinato.

O rosnado que vibrou em seu peito era mais animal do que qualquer coisa, e a sua mão foi enrolada em um punho.

— Cuidado, Kris.

Kristoff piscou para Aspen e riu, mas não respondeu à explosão. Se ele tivesse tentado apenas irritar Layke, ele tinha conseguido, mas se o cara queria a sua ajuda, cutucando-o ao homicídio não era a maneira de fazê-lo.

— Eu não tenho certeza de que uma doação monetária vai mudar nada. — Tomou cada grama de auto controle que ele tinha para falar com calma.

Layke não era bobo de ninguém. Kristoff queria alguma coisa, e ele achava que era algo grande. Sua ajuda para Haven, e a oferta implícita para financiar o novo refúgio era admirável, mas isso não mudaria a opinião das massas. Inferno, a maioria dos paranormais era tão ignorante quanto os seres humanos sobre a existência de duendes.

— Isso é um pouco duro, você não acha? — Aspen acelerou para defender o seu hóspede. — É um sinal de boa vontade, não é?

Seus lábios macios foram franzidos, e o seu nariz entortou adoravelmente.

Layke praticamente podia sentir a guerra travada dentro do seu companheiro. Por um lado, Aspen queria apoiar um amigo e possível aliado. Ao mesmo tempo, ele claramente sentia que ele estava ultrapassando alguns limites e minando a posição de Layke.

Não havia necessidade da sua preocupação, no entanto. Layke podia não concordar com a avaliação inocente do seu amante, mas ele nunca iria censurar Aspen por defender um amigo.

— *Melamin*, calma. No entanto, eu não quis dizer isso dessa forma — Claro, ele tinha dado ao seu amante uma razão para acreditar no contrário

com a sua atitude brusca e reconhecidamente possessiva. — Eu gosto de Kristoff, mas estou sentindo um pouco de ciúmes do seu relacionamento com ele. No entanto, eu prometo ser aberto e não deixar as minhas emoções inclinar a minha opinião sobre a sua oferta.

— Por que diabos você estaria com ciúmes?

Aspen olhou para ele, tão genuinamente perplexo que Layke teve que rir com o absurdo de tudo isso. — Oh, querido, você realmente não tem ideia de quão especial você realmente é. — Aspen inclinou o queixo, e entregou um beijo pecaminosamente sedutor na boca de Layke. — Mais tarde, — ele sussurrou, desejando que seu pênis se comportasse.

— Mmm, tudo bem. — Aspen olhou para o lado e olhou para Kristoff.

— Você não deve brincar com ele. Ele é tão novo como eu sou para esta coisa de acasalamento. Seja agradável.

Kristoff parecia devidamente repreendido, mas Layke detectou uma dica de diversão em seus olhos escuros. — Eu peço desculpas. Não são muitas vezes, que tenho a oportunidade de dar um tempo difícil para Layke, no entanto. Normalmente, é o contrário.

Eles não eram exatamente amigos, mas Layke tinha conhecido o duende por alguns séculos, e ele teve que admitir que o cara tinha um ponto. Normalmente, suas interações consistiam de Kristoff querendo algo, geralmente em segredo, e Layke dando-lhe um tempo difícil antes de finalmente admitir seus desejos.

— Estou feliz que todos nós temos um entendimento agora, mas eu mantenho o que eu disse. Eu não acho que jogar dinheiro no Conselho vai desfazer anos de decepção.

— Não, mas eu estou propondo mais do que ajuda financeira — esclareceu Kristoff. — Ninguém está mais envergonhado e desanimado com o ataque dos meus filhos do que eu.

Layke piscou várias vezes, tentando evitar as lágrimas e manter-se com a súbita mudança de assunto e comportamento. — Esses meninos sempre foram podres. Era apenas uma questão de tempo... — Se ele não tivesse sido surpreendido pelo redirecionamento abrupto da conversa, talvez ele teria empregado mais tato. Afinal, as crianças do homem estavam provavelmente mentidas em algum lugar em um estupor sem sentido.

— Sim — respondeu Kristoff, parando para limpar a aspereza da sua voz. — Bem, eu lhe asseguro, todos os envolvidos foram tratados. — Uma expressão sombria brevemente sombreou as suas características, enviando um arrepio na espinha de Layke. — O resto de nós está cansado das rixas, no entanto, e queremos restabelecer os laços com o resto do mundo.

— Tudo bem. — Ele desejava que o cara apenas chegasse ao maldito ponto. — Qual é o seu plano, e por que você precisa da minha ajuda?

— Com a destituição de quase um terço do meu clã, há casas vazias e tarefas que precisam ser feitas em Gap Muddy.

— Gap Muddy? — Foi a primeira vez que Camdin tinha falado desde a chegada de Kristoff, e Layke encontrou a confusão na sua cômica pergunta. Era como se o nome sozinho ofendia a sua sensibilidade delicada, e ele não podia acreditar que esse lugar poderia existir. — É esse o nome do seu clã?

— Não — respondeu o líder goblin com uma risada. — É um lugar microscópico que você nunca encontraria a menos que você fosse procurasse por ele ou tropeçasse acidentalmente. É exatamente por isso que eu acho que seria perfeito para um refúgio.

Era uma ideia brilhante, e Layke apoiou plenamente a implicação da formação profissional. Os homens e mulheres que eles abrigavam tinham vindo de situações horríveis e precisavam de um impulso, mas isso não significava que o Conselho poderia apoiá-los indefinidamente. Haven era para ser um lugar como um ponto de partida para reconstruir, não um orfanato para adultos.

Ele ainda não via a conexão entre os goblins e a ilha, e Kristoff ainda tinha que articular os seus termos. — Só cuspa isso, Kris. O que você quer?

— Nada de mais — Kristoff assegurou. — Como eu disse, eu não sou o único interessado em restaurar os relacionamentos quebrados. Minha oferta é simples. Eu quero abrir as minhas portas como um santuário. Estou mais do que feliz em doar os fundos para outros novos refúgios, bem como oferecer alguns dos meus executores para Haven.

Eles estavam ficando mais perto do ponto. — E? — Layke bateu o pé, impaciente e cansado de jogar o jogo político.

— Eu quero um lugar no Conselho. Nós não somos o único clã de goblins, e tenho medo de que o meu povo esteja em minoria em relação à reintegração.

Um suspiro saiu através do seu nariz, e ele balançou a cabeça, triste. — Os goblins não estão representados no Conselho, o que significa que voam sob o radar com muita frequência. Eles precisam ser monitorados e governados como um todo.

Já era tempo dos goblins saírem do esconderijo e aceitar as leis do seu mundo. Este novo desenvolvimento também explicava por que Kristoff tinha chegado a ele em vez de solicitar uma reunião do Conselho.

Tanto quanto Layke gostaria de ser “um dos caras”, ele não era. Mas se alguém estava indo convencer os outros anciãos que esse era um bom plano, esse era ele.

— Você fez um argumento válido, e eu concordo que os duendes precisam saber que há consequências para erros.

— Excelente — Kristoff escorregou de volta em seu casaco e tirou as rugas da frente. — Quando é que vamos começar?

A totalidade do Conselho passou por uma grande reformulação no ano passado, acrescentando novos membros, substituindo o velho, exceto ele, claro. Não foi suficiente, porém, e eles precisavam reconstruir algumas das suas leis ultrapassadas. — Eu acho que é hora de uma sessão especial do Conselho.

Capítulo Onze

Desde que muitos dos membros do Conselho tinham obrigações fora, a reunião especial havia sido adiada para a semana seguinte. Aspen estava animado para assistir, e ele estava ainda mais animado com algumas das mudanças que estariam acontecendo.

No entanto, as coisas com o seu companheiro não estavam indo tão bem. Ele sabia que Layke estava ocupado, e obviamente, o cara tinha muita coisa em sua mente.

Aspen não queria ser uma praga, e ele não queria aumentar os encargos para o ancião, mas ele estava cansado de ser deixado para lá a cada turno.

Nos cinco dias desde que eles chegaram de volta no Wyoming, Layke ainda não tinha cumprido qualquer uma das suas promessas. Aspen não tinha visto os seus amigos uma única vez.

Inferno, ele ainda não tinha deixado pequeno bangalô de Layke, exceto para explorar o exterior. Seu companheiro tinha jurado encontrar respostas para ele, mas ele não fez nenhum passo até para colocar as questões.

No início, quando Aspen trouxe a conversa que ouviu naquele primeiro dia, Layke riu e mudou de assunto. Agora, no entanto, a qualquer hora que Aspen mencionasse a conversa, Layke parecia irritado e mal-humorado. Era frustrante, mas além disso, era preocupante. Este não era o homem que ele conheceu duas semanas antes, e Aspen não conseguia descobrir o que havia mudado.

Pela primeira vez, ele não poderia simplesmente afastar a sua melancolia e fingir que estava tudo bem. Não só ele estava infeliz em sua nova temporária casa, mas agora, a sua única fonte de conforto tinha desaparecido.

— Eu não posso fazer isso, — ele murmurou uma manhã, enquanto ele estava sentado assistindo televisão sozinho. Parecia que ele passava muito tempo sozinho nestes dias.

— Não é tão ruim quanto parece. — Encontrar o revestimento de prata estava provando ser mais difícil do que o habitual, no entanto. — Não, às vezes, é pior. — Ótimo, agora ele estava discutindo com ele mesmo. Pior, ele não poderia se livrar da sua depressão, e ele a odiava.

— Com quem você está falando, *Melamin*?

— Claro que não é com você — ele retrucou. Fechando os olhos, ele respirou fundo e soltou lentamente antes de colocar um sorriso no rosto. — Desculpe! Eu não tive a intenção de ser rude com você.

— Você está frustrado. — Layke cruzou os braços sobre o peito e assentiu uma vez. — Eu entendo.

— Você? — De alguma forma, ele duvidava. Se Layke realmente entendia de onde isso vinha, ele não manteria tantos segredos. — Sou eu? Eu fiz alguma coisa?

— Não, querido. Eu estive distraído e fora do ar, mas não foi nada que você fez. — Cruzando o pequeno quarto, ele se estabeleceu no meio do sofá. — Venha aqui, Aspen.

Aspen balançou a cabeça. Ele não queria carinho e mimos. Ele queria respostas.

— Então o que é? — Ele sentia falta dos seus amigos. Ele sentia falta da liberdade de ir para onde quisesse. Acima de tudo, ele sentia falta do seu companheiro. — Eu odeio isso aqui, — confessou ele em uma voz tão baixa que saiu dos lábios.

— Aspen... — Layke parou, pressionando os lábios e engolindo em seco. — O que você disse?

Ele não sabia o que ele estava dizendo, e ele não sabia o que ele queria. Parte do seu tempo na Colmeia foi gasto trancado em uma sala de isolamento. Por dias a fio, ele não tinha ninguém para conversar, nada para entretê-lo, além do som da sua própria voz. Mesmo assim, no entanto, ele não se sentia tão sozinho.

Não havia para onde fugir desta vez, e ele não ia embora, mesmo se houvesse. Para melhor ou pior, Layke era seu companheiro. Além da conexão básica, Aspen realmente se importava com o homem. Havia algo de especial

entre eles, algo que só iria crescer e se fortalecer se tivesse a chance. Aspen não iria se afastar do final feliz que ele tinha sonhado desde que era uma criança.

Ainda assim, ele estava cansado de estar miserável.

— Eu estou dizendo, me dê um razão para ficar.

Layke olhou para ele por um longo tempo, sua expressão em branco, e seus olhos não revelando nada. Então, mais rápido do que Aspen poderia ver, o elfo agarrou-o pela cintura, colocou-o em seu colo, e o beijou sem sentido. — Eu vou dar-lhe uma centena de motivos todos os dias. O mais importante é que eu preciso de você aqui. — Ele agarrou a parte de trás do pescoço de Aspen e puxou-o para outro beijo, quente e desesperado — Eu tenho sido um idiota, e eu sinto muito.

Aspen encontrou-se entre a cruz e a espada. Se ele perdoasse Layke tão facilmente, ele iria parecer fraco. Se ele se recusasse a ceder, seria um irracional. — Eu preciso de você, também, Layke, mas eu não gosto de segredos. Você prometeu me ajudar. Você me prometeu que ia encontrar respostas. — Quanto mais Layke tentou esconder a verdade dele, mais medo ele tinha. — Eu não posso ficar assim para sempre. Me ajude. — Ele segurou o rosto de Layke com as mãos trêmulas. — Por favor, me ajude.

— Eu estou tentando! — Um grunhido desconhecido vibrou no peito de Layke, e ele caiu para trás nas almofadas, com um suspiro derrotado. — Eu chamei Destin todos os dias desde que voltamos, mas ele não encontrou nada.

— Dr. Woods? — Aspen o havia encontrado apenas uma vez, mas ele gostava de Destin.

Houve algumas complicações na remoção do chip de rastreamento da parte de trás do seu pescoço, mas o médico tinha feito o trabalho.

Aspen estava além de grato, também. Ele nunca queria voltar ao laboratório horrível.

— Esse mesmo, — Layke confirmou. — Ele esteve procurando nos documentos e registros que recuperamos da A Colmeia, mas ele não está tendo muita sorte. Cole ainda está tentando recuperar os arquivos danificados dos computadores confiscados por nós, mas já se passaram meses. Se ele não conseguiu nada até agora, eu não acho que ele vai.

— Cole?

— Ele vai estar na reunião do Conselho. Ele é um dos companheiros de Blaise Taylor.

— Blaise quem?

— O alfa da matilha Cloud Peak.

A cabeça de Aspen estava girando, e ele achava que ele não se lembra dessas pessoas, mas isso não era o mais importante. Layke não tinha quebrado a sua promessa. — Por que você apenas não me disse? — Eles poderiam ter evitado um monte de desentendimentos e dores de cabeça se o seu companheiro houvesse sido honesto com ele.

— Eu não queria decepcionar você, querido. O que eu deveria lhe dizer? Que eu não estava mais perto de encontrar respostas do que quando chegamos? Como poderia? — Seus dedos acariciavam o cabelo de Aspen, e ternura suavizaram as suas feições. — Eu ficava adiando a conversa, esperando que na próxima vez que você me perguntasse, eu teria uma boa notícia. Foi egoísta, e eu sinto muito.

Seu coração derreteu, e Aspen não se importava se perdoar o homem o fazia parecer fraco. Ele só não era do tipo que guardava rancor, especialmente com Layke. — Isso não importa. Mesmo que a gente nunca saiba o que aconteceu naquele laboratório, você ainda é o meu cavaleiro

branco. — Isso não iria alterar o comportamento de Layke ao longo dos últimos dias, e o seu amante tinha muito o que compensar, mas Aspen tinha finalmente encontrado a sua felicidade novamente. — Você sempre será o meu herói.

— Eu não te mereço. — Layke brincou relaxadamente com uma mecha de cabelo de Aspen. — Eu sinto que eu deveria pelo menos rastejar antes que você me perdoe.

— Não se preocupe, querido. Haverá rastejar. — Uma risadinha explodiu dos seus lábios, e ele piscou para o seu companheiro. — Não mais me esconder as coisas. Claro, eu gostaria que houvesse mais informação para encontrar, mas eu não posso culpá-lo por isso. É um pouco insultante que você pensasse que eu faria.

— Eu sei, e eu sinto muito. — Um sorriso tímido apareceu em um canto da sua boca. — É aqui que o rastejar começa?

— De joelhos seria melhor — brincou Aspen. — Vamos lá, Layke. Eu não vou fugir porque tivemos um desentendimento.

— Há alguns que eu não culpo você.

— Bem, isso é estúpido. Nós somos companheiros, e eu vou lutar pelo que é meu. — Inclinando-se para frente, ele esfregou os seus narizes juntos e ronronou. — Mesmo que isso signifique que eu tenho que lutar com você, por você.

— Sem segredos. — Layke falou em caráter definitivo, e curvou solenemente sua cabeça. — Te dou a minha palavra.

— Bom. — Há mais uma coisa que eles precisavam. — Nesse caso, eu acho que é hora de você me dizer o que sabe.



O primeiro instinto de Layke era mudar de assunto, mas Aspen estava certo. Seu companheiro não era uma criança, nem era estúpido. Ele provou mais de uma vez que ele poderia lidar com qualquer coisa que o mundo jogasse nele, e este não seria exceção.

Não havia nenhuma maneira fácil de dizer isso, porém. Rodeios com palavras bonitas e implicações não iriam tornar a informação menos chocante.

— Pare de ser um covarde e diga a ele. — Entrando na casa pela porta da frente, Camdin tirou os seus sapatos e os guardou no pequeno armário para casacos.

— Oi, Camdin — Aspen endireitou-se e acenou para o seu companheiro de quarto. — Você aproveitou a sua corrida?

— O ar está denso e úmido, mas não foi ruim. Eu acho que há uma tempestade que se aproxima. Ele tirou a sua camisa encharcada de suor pela cabeça, cheirou, e afastou. — Ah, isso é nojento.

— Legal, — Layke respondeu com um grunhido. — E cuide dos seus próprios negócios. Eu estava prestes a dizer a ele.

— Bem, agora é tarde. — Virando-se, ele abriu a porta.

Layke tinha ouvido o veículo que se aproximava, e parte dele queria pegar Aspen e fugir. — Quem é?

— Aspen, parece que você tem visitas.

Momentos depois, vários amigos de Aspen correram para a casa, gritando saudações enquanto abraçavam Aspen e davam a Layke olhares desagradáveis. — Você não veio nos ver, — Nikola lamentou. — Sentimos sua falta.

— Sim, o que foi? — Jacobi exigiu quando ele olhou para Layke. — Você deveria ter chamado. Nós teríamos resgatado você.

— Todo mundo pare! — Aspen jogou as mãos para cima e bufou, marchando de volta para o sofá e indo para o colo do Layke. — Eu não preciso ser resgatado. Me desculpe se eu deixei alguém preocupado, mas eu estive... — Ele parou e olhou por cima do ombro, com uma piscadela maliciosa. — Eu estive ocupado.

O lobo executor, Creed, estava de sentinela na porta com as mãos entrelaçadas atrás das costas. Ele aparentemente foi escolhido para ser a babá do dia, e por seu comportamento e expressão, ficou claro que havia outro lugar, em que ele gostaria muito mais de estar.

— Com saudade? — Layke perguntou, referindo-se a Cloud Peak. Foi nobre da matilha oferecer proteção para os novos Desejáveis em Haven, mas ele imaginava que os dois homens que haviam sido voluntários estavam prontos para voltar para as suas vidas.

— Algo como isso — respondeu Creed. Sua resposta vaga foi recebida com vários olhares estranhos, mas ele não entrou em detalhes, e Layke percebeu que não era da sua conta.

— Ok, todo mundo cale a boca, — Aspen estalou. — Estou contente de ver vocês, mas o seu timing é uma droga. Layke ia me contar algo. Então se sentem e calem a boca.

— Eu amo a hora da história! — Jacobi se sentou no chão, exatamente onde ele estava de pé, e apoiou o queixo em ambos os punhos. — Bem, vá em frente, então.

Deuses, Layke tinha esquecido como entreter o bando era. Ele gostou particularmente do forte tom de Aspen, mesmo ele tendo sido com humor. Lembrando o seu pau que não era brincadeira, ele limpou a garganta e esperou todos se acalmarem.

— Aspen, eu acho, e lembre-se, eu não tenho certeza, mas acho que você pode ter sido humano antes de ser abduzido por esse laboratório.

Vários suspiros e sobrancelhas levantadas foram dirigidos na direção de Aspen, e Layke teve que controlar a sua ira, dizendo a si mesmo que eles só estavam chocados com a notícia e nada mais. Eles não estavam julgando o seu companheiro, mas, infelizmente, Aspen não sabia disso.

Mudando desconfortavelmente sob o escrutínio, Aspen se aproximou um pouco mais do peito de Layke, tentando fazer-se tão pequeno quanto possível se enrolando em uma bola, dobrando os joelhos sob o queixo.

— Eu sinto muito — ele murmurou, embora fosse claro que ele não sabia pelo que ele estava se desculpando ou por que todo mundo estava olhando para ele com choque e indignação.

— Oh, meu querubim adorável. — Jacobi foi o primeiro a sacudir a descrença, mas o sorriso que ele ofereceu foi um pouco instável. — Não se preocupe. Ninguém mexe com você.

Era uma rara ocasião quando Jacobi não tinha algo sarcástico para adicionar à conversa, provando que mesmo ele entendeu a gravidade da situação.

— Alguém, por favor, pode me dizer o que está acontecendo? Por que é um grande problema se eu costumava ser humano? — Aspen não se levantou do colo de Layke, mas ele falou alto o suficiente para todos ouvi-lo.

— Quer dizer, eu nem sabia que o mundo paranormal existia antes de ser recrutado pela instalação de testes.

Ele estremeceu violentamente e choramingou. — Está tudo bem, *Melamin*. Você nunca vai voltar para lá. — Layke morreria antes de deixar isso acontecer.

— Estou bem. Depois de algumas respirações mais profundas, Aspen continuou. — Eu pensei que todos esses caras de jalecos estavam loucos no início, mas aos poucos eles me convenceram. Eu não estou desacreditando a teoria, mas eu não vejo por que isso importa.

— Veja você, — Camdin respondeu devagar — não é como nos filmes. Paranormais não são transformados, criados ou o que mais você poderia dizer. Nós nascemos.

— Em algum lugar em nossa linhagem, o gene existe. — Mesmo Layke não era velho o suficiente para saber a origem do reino sobrenatural, mas ele assumiu que era uma história fascinante. — Para alguns, como Braxton e Keeton, é latente. Eles não têm habilidades extraordinárias, que não seja causar problemas, e eles não podem mudar, mas ainda carregam o gene.

— Ok, eu acho que estou perdendo algo, porque essa explicação desmoronou perto do fim. — Seu nariz enrugou, e Aspen girou até que ele estava de frente para Layke mais uma vez. — Talvez os meus genes estejam dormentes também. Isso faria sentido, certo? — Ele olhou para os seus amigos, obviamente esperando que alguém iria concordar com ele. — Certo?

— Suas mudanças de humor são imprevisíveis e inconsistentes — Layke argumentou. Ele não quis chatear o seu amante, mas queria que Aspen

soubesse a pura verdade e nada mais que a verdade. — Você tem presas, e você precisa se alimentar. O fato de que estes sintomas não se manifestaram até recentemente também dá credibilidade à teoria.

Suas têmporas estavam começando a pulsar, e ele sentiu como se estivesse correndo em círculos, perseguindo o rabo. Ter uma ideia geral e encontrar provas para as suas sugestões eram duas coisas completamente diferentes.

— Eu não tenho ideia do que você acabou de dizer. Alguém aqui fala Inglês? — A agitação de Aspen escoou através das suas palavras, seguido de um rosnado irritado. — O que diabos você quer dizer que eu sou 'inconsistente' e... e a outra coisa?

— Imprevisível, — Jacobi disse com um sorriso cheio de dentes. — Ele disse que era imprevisível.

— Jacobi, você não está ajudando. — Então, novamente, neste momento, Layke não tinha certeza se alguma coisa podia.



Todos começaram a falar ao mesmo tempo, fazendo perguntas ou falando palavrões aleatórios contra a colmeia. Isso era muito bom, e Aspen estava feliz que todos tinham algo para finalmente concordar, mas não era útil.

— Alguém me responde, porra! — Sua explosão foi imediatamente seguida por um gemido baixo, e ele enterrou o seu rosto contra o lado do pescoço de Layke quando suas presas se alongaram novamente. — Eu odeio isso.

Basicamente, ele tinha se acostumado com a leve dor que acompanhava o crescimento das presas, mas sempre machucava muito mais quando era repentino e violento como agora. A dor irradiava através da sua mandíbula até as suas bochechas. Seu rosto inteiro vibrava como se tivesse sido atingido por um taco de beisebol, e ele estava começando a ter sérias dúvidas sobre a sanidade mental de todas essas criaturas que mudavam, especialmente aqueles que transformavam seus corpos inteiros.

— Calma — Layke sussurrou em seu ouvido. — Respire fundo. Você sabe como controlar.

Ele sabia, geralmente, mas essa raiva era incomum ao seu estado de ser, e ele não poderia fazer as suas presas se retraírem neste momento. — Como shifters suportam isso?

— Na verdade...

Aspen não gostou da expressão no rosto de Layke, e ele tinha um mau pressentimento sobre esse vago início. — Apenas me diga!

— Essas reações descontroladas, a sede de sangue, as explosões territoriais, Aspen, bebê, eu acho que você poderia ser um híbrido.

— O que isso significa? — Sua voz era baixa e perigosa, mas por dentro, ele era um menino assustado, se agarrando ao último resquício de esperança de que Layke estava indo dar-lhe uma boa notícia, em vez de destruir o seu mundo.

— Eu acho que se você tentasse, você pode mudar para um animal.

— Oh, não, não, porra nenhuma. Isso não está acontecendo. — Pulando do colo de Layke, Aspen andou, esfregando as mãos para cima e para baixo nos braços para tentar aliviar um pouco da energia nervosa pulando dentro dele. — Eu não posso fazer isso.

— Bem, eu digo que devemos falar com Destin, — Mihail sugeriu. — Ele pode não ter encontrado nada nos documentos de pesquisa, mas ele é um geneticista. Talvez haja algum tipo de teste que ele poderia fazer.

— Sim — Aspen respondeu imediatamente, parando em seu caminho para apontar o dedo para Layke. — Eu quero ir ver o Dr. Woods.

— Não. — Layke balançou a cabeça sacudindo com força a sua mandíbula. Ele parecia irritado, mas o tique no canto do olho direito o delatou.

— Você já pensou nisso, — Aspen acusou. O estremecimento quase imperceptível de Layke dizia que ele tinha feito mais do que pensar sobre isso. — Destin mencionou isso, não foi?

— Há outras maneiras. Eu não vou deixar ninguém realizar testes em você como se fosse uma cobaia de merda.

— Essa não é sua decisão para tomar! — Aspen explodiu. Ele era muito passivo, quando se tratava de tomar decisões, acreditando que Layke tinha a maioria das respostas. Indo com o fluxo e permitindo que as pessoas mais experientes tomassem as decisões importantes estava bem, mas ele esperava ser incluído nas escolhas que envolvia ele. — Eu vou ver Destin.

Saindo do sofá, Layke ficou na sua frente para bloquear a sua visão do resto da sala, demandando toda a atenção de Aspen. — Me desculpe, eu não disse a você, mas eu não gosto disso. Há muita coisa que pode dar errado.

— Eu não me importo. — Sacudindo o braço, apontou para porta e se dirigiu aos seus amigos. — Posso pegar uma carona para Haven?

— Basta, — Layke rosnou. Ele abaixou a cabeça e beliscou a ponta do seu nariz, cabelo entrando através da sua boca aberta. — Vou levá-lo, ok?

— Gente, eu vou encontrá-los no carro. — Seus amigos assentiram seu entendimento e saíram pela porta, prometendo esperar por ele enquanto ele falava com o seu companheiro. — Layke, eu vou.

— O que aconteceu com lutar para ficar juntos?

— Você grande idiota, eu não estou te deixando. — Ele foi ferido e se sentiu traído, mas isso não significava que ele estava virando as costas para o seu companheiro e não iria voltar. — Eu tenho que fazer isso, no entanto. Layke, eu tenho que descobrir quem eu sou. E a questão é... Eu não confio em você agora.

— Aspen, eu só estava tentando protegê-lo.

— Eu sei. — Chegando perto, ele espalmou o lado do rosto Layke e acariciou a pele macia com o polegar quando uma lágrima escorreu pelo seu rosto pela primeira vez desde que ele se lembra. — Eu sei por que você fez isso, mas como é que eu vou confiar em você se você esconde algo tão importante de mim?

Foi especialmente desanimador porque Layke tinha prometido que não haveria mais segredos.

— Isso é perigoso. É mais do que apenas tirar um pouco de sangue ou fazer alguns raios-X. Por favor, *Melamin*, eu não posso deixar você fazer isso.

— Na verdade, — Aspen sussurrou, andando em direção à porta aberta, — você não tem escolha. — Quebrou o seu coração, mas era hora dele se levantar por si mesmo. — Eu vou ficar bem em Haven, e eu vou vê-lo na reunião do Conselho na próxima semana.

Capítulo Doze

— Aspen, você tem certeza? — Destin estava de pé ao lado da cama de hospital, remexendo nervosamente o estetoscópio. — Layke vai ter a minha cabeça por isso.

Ele tinha certeza que Aspen não queria causar discórdia entre o seu companheiro e o médico, mas ele tinha que descobrir o que estava acontecendo com ele. Desde que ele deixou a casa de Layke na floresta, suas mudanças de humor só tinham piorado. Alguns eram tão ruins que ele tinha completamente apagado, para despertar mais tarde para encontrar pessoas de pé sobre ele com expressões preocupadas. — Eu tenho que saber.

Destin tinha tirado sangue dele o suficiente para alimentar um vampiro morrendo de fome por uma semana, e ele executou todos os testes necessários. Suas descobertas eram confusas para dizer o mínimo, e mais testes foram necessários para chegar ao cerne do problema. De acordo com o trabalho de laboratório de Aspen, ele nem sequer possuía DNA demônio. Os genes de Vampiros e lobisomens estavam presentes, no entanto, e um cromossomo mutante que o Dr. Woods nunca tinha visto durante o curso da sua carreira.

Hoje, eles estavam tentando descobrir qual gene era dominante, o que este cromossomo, novo e misterioso era, e como tudo estava relacionado com a sua mudança de temperamento. — Se você tem certeza...

Olhando ao redor da sala, seu coração inchou um pouco de todas as pessoas que se reuniram para apoiá-lo. Seus amigos estavam lá, claro, mas

também o alfa da matilha, Xander, companheiro de Oscar, Demitrius, e até mesmo os Executores lobos, Rhodes e Creed, estavam lá. Parcialmente, isso poderia ter sido porque eles estavam com medo que ele iria perder o seu medo e magoar alguém, mas ele optou por ignorar essa parte.

— Sim, eu tenho certeza. Vamos fazer isso.

— Bem, nós já sabemos que você gosta de se alimentar, mas parece que você pode ficar longos períodos sem sangue sem quaisquer consequências negativas. — Destin passou a mão pelo cabelo escuro e bufou. — Normalmente, eu diria que isso significa que o gene lobisomem é dominante, mas você nunca mudou.

— Ok, e? — Ele já estava ciente disso, e ele queria ir para o novo material. — O que você vai fazer sobre isso?

Destin tossiu e arrastou os pés, parecendo muito relutantes em continuar. Ele ainda puxou o colarinho da camisa, e eu pensei que as pessoas só fizeram isso nos filmes. — Bem, nós, ou seja, você está indo tentar mudar.

— Você perdeu a sua maldita mente — Ele imaginou que a dor que ele sentia quando os seus caninos alongavam seria pálido em comparação a uma mudança de corpo inteiro.

Bravura não era uma das suas virtudes, nem ele achava que ele era um masoquista. Não, ele não poderia fazer isso.

— Se você está reprimindo a besta, que poderia contribuir para as mudanças na sua atitude, e esses períodos de recuperação violentos na agressividade territorial. Você disse que eles estão piorando?

Aspen assentiu com relutância. Porra, ele ia ter que fazer isso.

— Sim — ele murmurou. — Está ficando pior.

— A lua cheia é amanhã à noite — Mihail acrescentou. — Estamos todos nos sentindo um pouco no limite.

— Lobisomens não podem ser afastados dos seus companheiros na lua cheia. — Nikola encolheu os ombros quando todos os olhos se voltaram contra ele. — Eu ouvi um dos executores falando sobre isso. Eles vão ficar loucos de raiva e mastigar através de barras de aço para chegar aos seus escolhidos.

— Nós precisamos descobrir isso antes. — Destin se estabeleceu ao lado da cama de Aspen. — A sua união com Layke desencadeou isto em você. Eu não sei por que, mas eu acho que você precisa reivindicá-lo. Depois de selar esse vínculo, deve colocar as coisas de volta ao normal.

— E eu tenho que mudar para reivindicá-lo, — Aspen deduzida. — É muito perigoso?

— O gene lobisomem é mutante. Eu não posso ser positivo ainda, mas eu estou disposto a ir até o registro dizendo que você era humano antes de entrar naquele laboratório. — Tomando a mão de Aspen, ele a segurou, apertando a sua própria, sua expressão tornando-se sombria. — Os seres humanos não são destinados a mudar. Seus corpos simplesmente não são compatíveis. Eu realmente não tenho ideia do que vai acontecer, mas tentar esta transição tem o potencial de ser extremamente perigoso.

— Aspen — Mihail implorou — querido, você não tem que fazer isso.

Ele poderia mudar e arriscar morrer, ou ele poderia não mudar, não reivindicar o seu companheiro, e correr o risco de destruir a todos com quem ele se preocupava, todos que tinham ficado ao seu lado. Não houve alteração significativa na sua aparência, mas ele estava ficando mais forte. Ele estremeceu ao pensar que ele poderia fazer durante um dos seus apagões, especialmente se a sua condição fizesse com que ele espontaneamente mudasse um dia.

Não, ele não estava bravo, nunca tinha feito uma coisa altruísta em toda a sua existência. Todo mundo queria uma chance de ser um herói apenas uma vez, no entanto, isso era o mais próximo que ele poderia obter, ele se sacrificou para salvar as pessoas que amava.

— Eu vou fazer. — O único problema era que ele não tinha uma única pista de como realizar o seu objetivo. — O que eu faço?

— Nós vamos ter que alavancar a mudança. — Destin estremeceu, e ele não iria encontrar o olhar de Aspen. — Eu não vou mentir. Vai doer.

— Por que não podemos apenas dar-lhe os indutores? — Mihail sacudiu a mão de Nikola do seu braço e deu um passo a frente.

Destin balançou a cabeça. — Isso não vai funcionar.

— Como você sabe? — Mihail argumentou. — Tente.

— Porra! — Aspen ganiu e agarrou a sua perna quando Destin o espetou na parte superior da sua coxa com uma agulha. — O que foi isso?

Silêncio! O médico tampou a agulha e jogou a seringa vazia em um tabuleiro. Em seguida, ele segurou o seu pulso para cima, olhando fixamente enquanto ele murmurava baixinho. — E... tempo — Destin olhou para Mihail e arqueou uma sobrancelha.

Aspen com certeza não estava feliz, mas ele percebeu que a picada da agulha não seria nada comparado com o que estava por vir. Todo mundo precisava parar de falar e apenas fazer algo antes que ele perdesse a coragem. — Faça-o. Pare de perder tempo e apenas faça-o.

— Você tem certeza?

Aspen rosnou para o médico. — Você quer que eu assine um termo em sangue? Eu disse que eu tenho certeza. — Ele não queria ser rude, mas ele estava com medo, e que ele realmente desejava que Layke estivesse lá com

ele. Então, novamente, o ancião provavelmente teria escalado as paredes para a direita então, vociferado, delirado, e se recusando a deixar Aspen passar por isso.

Poucos minutos depois, uma dúzia de diferentes fios estavam ligados a várias partes do meu corpo, estimulando-o com baixos níveis de correntes elétricas. — Você está pronto? — Destin se aproximou dele, segurando as duas pás do desfibrilador, um em cada mão.

Com as suas mãos em seus lados, Aspen assentiu resolutamente. — Vá!

O metal estava frio contra o seu peito nu, e Aspen olhou para o teto, rezando para quem quisesse ouvir que ele tinha que fazer isso. O primeiro choque foi uma tortura, agonia, puro implacável. Seus dentes apertados juntos, se moendo em pó, os seus olhos revertidos na sua cabeça enquanto o seu corpo convulsionou sobre o colchão.

— Mais uma vez — ordenou, as mãos nos lençóis. Algo estava acontecendo. Sua pele formigava e as suas entranhas vibravam como se algo estivesse tentando se libertar. — Faça isso!

O choque ao lado do seu peito o ergueu para fora do colchão, curvando a sua coluna vertebral de modo que os seus ombros foram pressionados na cama do hospital. Seus gritos ecoavam nas paredes de pedra da enfermaria, saltando de volta para ele, alimentando o fogo que ardia em seu intestino.

— Aspen, é o suficiente — Mihail insistiu com ele. — Chega!

O próximo choque das pás foi como uma explosão, uma bomba detonando dentro do seu corpo. Seu coração disparou como o toque, toque, toque de uma metralhadora, batendo em sua garganta com tal violência que o seu peito realmente tremeu. Seus olhos se reverteram na sua cabeça, e os

seus caninos caíram com força suficiente para furar o lábio inferior. Fogo o engolfou enquanto o seu corpo se derretia e se reformulava, reformulando o seu alinhamento ósseo e tônus muscular.

Pensamento consciente se afastado, substituído por uma necessidade primordial para correr, caçar, e fode. O pensamento mais proeminente na sua mente, no entanto, era o seu companheiro, e Aspen precisava encontrá-lo. Ele não estava mais com medo, e ele não estava apenas sentindo falta de Layke. Ele desejava furiosamente o toque, o gosto, e sentir cada centímetro do seu amante lhe causou dor que só o seu companheiro poderia acalmar.

Lançando-se para fora da cama, ele se agachou no chão, um rugido feroz cair dos seus lábios rosnando. Ele estava errado sobre uma coisa. Não doeu. A transição não lhe causava dor.

Parecia incrível.

A força, o poder, cru adulterado era um alto que ele nunca quis descer. Seus músculos dobraram de tamanho, e os seus ossos quebrados, se realinharam, e estavam trabalhando novamente juntos.

Garras cortantes brotaram a partir do final dos seus dedos das mãos e pés, vários centímetros de comprimento e perversamente afiada. No momento em que a transformação estava completa, ele se elevava sobre os outros homens na sala, rosnando e ofegante enquanto o seu peito arfava.

— Puta merda — Destin respirava. — Não... Eu não acredito!

As palavras pouco significavam para Aspen. Ele tinha que encontrar o seu companheiro, e era a única coisa que importava. Com um rugido alto, ele saltou pela sala, arrancou a porta das suas dobradiças, e começou a subir as escadas, se preparado para lutar contra qualquer um que estivesse no seu caminho.



Ele tinha fodido tudo. Ele mentiu, mesmo ele tendo feito isso para proteger o seu companheiro, Layke agora estava pagando por seu juízo temerário. Não havia nada que ele não daria para começar tudo de novo, e se ele tivesse que fazer tudo de novo, ele seria honesto com Aspen desde o início. Se o seu companheiro o perdoasse, Layke prometeu nunca mais mentir ou omitir informação, mesmo que fosse sobre algo tão banal como quem comeu o último biscoito do pote.

Ele tinha vivido por 438 mil dias, mas os três últimos foram os mais miseráveis que ele já passou. Havia inúmeras noites que passara sozinho, mas nunca tinha se sentido tão só. Sua cama estava fria, vazia e pouco acolhedora, levando-o a dormir no sofá desde que Aspen o tinha deixado.

A miséria era merecida, embora, ele respeitasse os desejos de Aspen, cada parte dele gritava para ele ir a Haven, encontrar o seu amante, e pedir perdão. Faltavam apenas mais dois dias até a reunião do Conselho. Apenas mais dois dias até que ele pudesse ver Aspen, tocá-lo, beijar os seus doces lábios, e dizer-lhe todas as coisas que ele nunca teve a chance de dizer.

Perdido dentro da sua própria confusão, ele não ouviu a aproximação do veículo, não percebeu que ele tinha visitantes até as batidas na porta da frente sacudir toda a parede. — Layke! Layke abra!

— Destin. — Pânico se construindo no seu peito, e ele se lançou para fora do sofá, para a porta. — O que aconteceu? — ele exigiu uma vez que ele abriu a porta.

— Nós temos um problema.

— O que aconteceu? — ele repetiu gelo penetrando em seu tom.

— Aspen enlouqueceu. — O médico abriu caminho para dentro com Creed bem atrás dele. — Ele se foi.

Layke não sabia por que o executor estava lá, e ele realmente não se importava. Aspen estava bem... De certa forma. — O que você fez?

— Ele não é um demônio. — Destin soou como se estivesse em pânico como se Layke sentia. — Ele é uma espécie de híbrido, vampiros e lobisomens. Há mais, porém.

— Vampiro-lobisomem híbridos não é incomum. Qual é o problema?

— Quando ele mudou, o seu pelo, Layke, era branco.

— Isso não é possível. — Não havia lobisomens com peles brancas.

Moonlighters eram únicos shifter assim. Isso só não poderia acontecer.

— Eu vi, — Creed acrescentou. — Sim.

— Não é uma maldição. — Ele falou principalmente para se tranquilizar. Foi difícil de dissipar uma vida de rumores e lendas em uma questão de segundos, mas isso era a única explicação que ele tinha. A maldição dos Moonlighters não era uma maldição em tudo.

— Não — Destin concordou. — Está no seu DNA, um extra, melhor cromossomo. Eu não sei o que isso significa ainda, mas eu posso provar.

Ele queria suspirar, gemer, ou até mesmo fechar os olhos, apertar a ponta do nariz, e só esperar que isso fosse aliviar um pouco da pressão crescendo nas suas têmporas. Layke não fez nada disso, porém.

Destin e Creed dar-lhe um olhar. Sobrancelhas ligeiramente elevadas, bocas afrouxa, e a posturas descontraída quando eles se inclinaram para ele

em expectativa, isso era uma expressão que ele tinha visto dirigida a ele muitas vezes ao longo dos anos. Os homens não queriam ouvir que ele não tinha nenhuma ideia do que esta nova descoberta significava. Eles não se importavam que ele estava tão inseguro ou preocupado como eles estavam.

O que eles queriam eram respostas e, por qualquer motivo, eles decidiram que Layke poderia dar-lhes apenas isso. Sorte para ele, ele não estava se importando com o que as pessoas pensavam dele. Ele foi tentando a manter uma imagem que ele nunca quis, em primeiro lugar. Logo em seguida, tudo o que ele queria era encontrar o seu companheiro e levá-lo para casa.

— Onde está Aspen?

— Nós não sabemos. — Sacudindo-se como se saindo de um transe, Destin pegou um punhado do seu cabelo escuro e começou a andar pela sala.

— Eu o induzir a mudança.

— Você deu a ele Indutores?

— Eu tentei, mas não iria funcionar. Nós... bem, eu o choquei.

Destin estremeceu quando Layke rosnou. — Isso funcionou, e ele mudou.

— Então, ele rosnou para todos, arrancou a porta para fora da parede, e desapareceu. Nós procuramos em todos os lugares, mas ninguém o encontrou.

— E você não pensou em me chamar?

— Nos fizemos. — Creio deu-lhe um olhar penetrante. — Ele só funciona se você responder, no entanto.

Inferno, Layke não podia sequer se lembrar da última vez que ele tinha visto o seu telefone celular. Logo em seguida, essa era a menor das suas

preocupações, no entanto. Ele tinha mais perguntas, e alguém estava indo para dar-lhe algumas malditas respostas.

— Por que você parece tão surpreso? — ele perguntou a Destin. — Você trabalhou para o laboratório. Você realizou os experimentos. Como você poderia não ter pensado sobre o cromossoma? — A raiva cresceu quente em seu intestino quanto mais ele pensava sobre isso. Todo esse tempo, Destin tinha conhecimento, e ele nunca se preocupou em contar a ninguém.

O médico deu um passo para trás, cruzou os braços sobre o peito magro, e arqueou uma sobrancelha esculpida. — Eu fiz os exames físicos nos pacientes, mas eu nunca fiz o mapeamento do DNA dos Moonlighters. Você pode dobrar essa besteira hipócrita de volta no bolso que você arrastou para fora. — Sua postura relaxou um pouco, e ele deixou cair as mãos para os seus lados. — Fui recrutado para criar medicamentos que efetivamente trabalharam com a biologia das diferentes espécies paranormais.

Layke estava ferido e não pensava com clareza. A única desculpa que tinha por suas acusações infundadas foi que ele não conseguia parar de se preocupar com Aspen. Seu companheiro estava em algum lugar no meio da noite, sozinho e, possivelmente, com medo. Aspen precisava dele, e mais uma vez, Layke o tinha deixado sozinho.

Isso não foi culpa de Destin, no entanto, e ele não tinha o direito de tirar os seus sentimentos de auto aversão sobre o elfo. — Você já provou a si mesmo, e eu não deveria ter duvidado de você. Sinto muito, Destin.

— Eu entendo. — O médico dispensou o seu pedido de desculpas. — Eu estaria uma bagunça se ele fosse o meu companheiro, e eu estou surpreso que você está se segurando, assim como você está.

O estalo de galhos na floresta atrás da sua casa chamou a sua atenção, e Layke levantou a mão pedindo silêncio. Inclinando a cabeça para o lado, ele deslizou mais perto da cozinha, esforçando-se para ouvir mais.

Silencioso rosnado, macio ofegante, e o baque de passos soou no fundo das árvores, aproximando-se, caminhando em direção a eles em uma marcha determinada.

— Eu acho que eu o encontrei.

Camdin escolheu esse momento para arrastar-se pelo corredor, vestindo nada além de um par de calções pendurados baixo nos seus quadris. Seu cabelo estava em desordem, e emaranhado tudo sobre a sua cabeça, e ele olhou para Layke com um olhar sonolento — Você sabia que há um lobisomem na floresta?

— Saia — Agressão elevada era apenas um efeito que o ciclo lunar tinha sobre os lobisomens, e com um filhote recém-transformado, não havia como dizer o que poderia acontecer. Como companheiro de Aspen, Layke era o mais seguro pessoa no estado, mas ele não podia prometer o mesmo para os outros, especialmente se o seu amante visse isso como uma ameaça. — Sério, você tem que ir.

Camdin apenas resmungou para ele. — Eu vou voltar para a cama.

— Você sabe que eu te amo como um irmão, mas dá o fora, se você não quer ser atacado.

O fae encolheu os ombros. — Vai ser mais ação do que eu já vi em anos.

— Cam.

— Bem! — Seu amigo revirou os olhos e pisou em direção aos seus convidados. — Vamos! Vamos antes que isto fique muito confuso.

Layke não sabia o que esperar, mas ele imaginava que as roupas não seriam necessárias para o que estava por vir. Se Aspen estava desesperado para encontrá-lo, não era porque ele queria uma conversa agradável.

A julgar pelo aumento do volume dos passos pisando pela floresta, ele tinha apenas alguns minutos para se preparar para a chegada do seu amante.

Capítulo Treze

Desacelerando à medida que ele se aproximava da porta dos fundos do bangalô com suas janelas brilhando suavemente, Aspen jogou a cabeça para trás e uivou para a lua. Seu coração trovejava rápido contra as suas costelas, batendo para fora em um ritmo eterno que batia apenas para o homem além da porta.

Ele parou para tomar uma bebida perto do córrego a alguns quilômetros atrás, e ele tinha estado momentaneamente atordoado por sua aparência. Seu tamanho o surpreendeu, assim como o cabelo macio branco que cobria os seus braços e pernas. Seu tronco, no entanto, todo o caminho para o seu pênis latejante duro, era completamente humano, embora muito maior do que a sua estrutura de 1,5 metros regular.

Seu rosto parecia principalmente familiar, embora o azul brilhante das suas íris tivesse sido substituído por um âmbar profundo. O seu cabelo cor de ébano que outrora adornava a sua cabeça ha muito tempo, e a sua escuridão agora era branco prateado. Seus lábios estavam um pouco inchados, se separavam por presas mortais que brilhava a luz do luar. Ainda assim, o resto do seu rosto permaneceu praticamente inalterado.

Parte dele se perguntou se Layke sequer o reconheceria. Se ele fizesse, ele estaria com medo? Desgostoso? Bem, ele estava prestes a

descobrir, pois a besta dentro dele ansiava pelo seu companheiro, e ele não iria deixá-lo.

Girando o botão e abrindo a porta de trás, o perfume de Layke bateu nele como uma bola de demolição, quase o pondo de joelhos. Suas narinas se agitaram, seus dedos se enroscaram, a sua barriga se apertou em antecipação.

Andando para dentro da cozinha, ele vagamente registrou o clique das suas garras contra o linóleo. — Layke? — Aspen apertou os lábios e inclinou a cabeça para o lado, nervoso com a qualidade de sua voz rouca.

— Olá, *Melamin*.

E lá estava ele. Seu especial, bonito e perfeito companheiro estava enquadrado na porta, sua pele nua gloriosamente iluminada pela luz da lua que se filtrava através das janelas da cozinha. Poder surgiu através de Aspen, juntamente com uma urgência o consumindo que o impeliu para frente para os braços do seu amante.

Não importava que ele fosse o dobro do tamanho de Layke neste momento. Não importava que ele podia facilmente quebrar o elfo ao meio com pouco mais do que um pensamento. Layke era a sua casa, o seu conforto, e o único lugar que ele se sentia seguro.

Levantando o homem em seus braços, ele caminhou pelo corredor em direção ao quarto, se esfregando contra a lateral do pescoço de Layke.

— Aí está você, querido. — Layke acariciava o seu cabelo e o seu rosto em movimentos lentos, suaves. — Eu senti a sua falta — ele sussurrou, roçando o nariz ao longo da orelha de Aspen. — Eu senti muito a sua falta, meu amor.

Aspen tinha sentindo falta do homem, também, mais do que as palavras podem descrever, especialmente em seu estado atual. Mesmo que ele

quisesse expressar quão miserável ele tinha estado sem Layke, tudo o que ele podia pensar era, “Meu, necessidade, meu, preciso.”

Chutando a porta do quarto aberta, ele foi direto para a cama king-size, ajoelhou-se no final do colchão, e delicadamente espalhou o seu amante em todo o edredom dourado. As emoções de Aspen estavam por todo o mapa, tão selvagem e indomável, como o mar revolto. Luxúria, amor, fome, sede, as linhas borradas até que tudo se derreteu em uma força motriz, necessidade.

A Pele aveludada foi colocada diante dele como uma oferta no buffet mais suculentos, e Aspen nem sabia por onde começar. Ele ainda estava se ajustando ao seu novo corpo, e ele não tinha muito controle ainda.

Suas mãos pareciam tão grandes contra o peito de Layke, e ele temia tocar o homem, com medo dos danos que as suas garras poderiam fazer.

A ansiedade deve ter se mostrado em sua hesitação em continuar, porque Layke sorriu, alcançado entre eles, pegando o seu pau vazando. — Está tudo bem, Aspen. Basta fazer o que se sente bem. — Da raiz às pontas, ele massageava o comprimento latejante, apertando ao redor da cabeça e mergulhando o polegar na ponta. — Você não vai me machucar. — Com a mão livre, ele guiou os dedos Aspen sobre seu saco apertado e ao longo do seu vinco. — Veja

Duro e inflexível, a base quadrada do plug tanto intrigava como chocava Aspen. — Cuidado com as suas garras, — ele agarrou o silicone rígido e o torceu, empurrando o brinquedo mais fundo no canal do Layke. Um estrondo de aprovação vibrou no peito ofegante do seu companheiro, mas também havia um sentimento de reverência por Layke estar deitado de costas, de bom grado oferecendo a sua submissão.

Não importava que Aspen nunca tivesse estado no fim de dar antes. Instintos tinham chegado tão longe dele, e ele confiava que iria conduzi-lo através dos passos seguintes. Era tão difícil pensar direito, porém, quando

tudo o que ele queria fazer era montar o seu amante e foder ele até o esquecimento.

Girando o seu pulso, Aspen bombeou o plug dentro e fora da abertura de Layke, esticando o anel de músculos. Necessidade ainda pouco exigente, Layke se contorcia debaixo dele, cavando os seus calcanhares no colchão e balançando os quadris, fodendo-se sobre o brinquedo. Enquanto a sua bunda engolia o plug, Aspen quase engoliu a língua.

A mão de Layke, cercando o seu pênis, mais uma vez, o eixo da raiz à ponta com uma generosa quantidade de gel. — Eu estou pronto, Aspen.

Em seguida, ele passou os braços em volta do pescoço de Aspen, puxando-o para mais perto até que seus peitos se tocaram.

Rosnando da sensação deliciosa de pele contra pele quente, Aspen removeu o plug com cuidado, tanto quanto ele conseguiu reunir, que reconhecidamente foi muito pouco. Jogou-o de lado, ele agarrou o seu pau, alinhando a ponta ingurgitada com a entrada do seu companheiro, e avançou, estremecendo até os dedos dos pés.

Grande foda, ele nunca tinha sentido nada assim. Layke era quente, as apertadas paredes o cercava, moldava o seu pênis como uma luva. Foi muito, muito intenso, e Aspen teve que se mover, antes que ele se quebrasse em um milhão de pedaços.

Flexionando os seus quadris, ele tentou começar lentamente, para mostrar um pouco de ternura, mas a besta dentro dele não permitiria isso. Desejo, escuro e perigoso inchou o seu peito e percorria o seu sangue, exigindo que ele reivindicasse o que era seu. Com um rosnando gemido, ele arqueou para trás até que apenas a coroa permaneceu, parou por um simples piscar de olhos, e em seguida, bateu de volta para casa.

O que começou como rápido e duro só cresceu em intensidade, até que ambos estavam ofegantes e gemendo, balançando juntos com força suficiente para mover a cama pelo chão. Layke encontrou cada um dos seus golpes fortes, instando-o com um aperto cortante na sua cintura e outra mão emaranhada no seus cabelos.

— Meu.

— Seu — Layke disse ofegante, caindo de volta para o travesseiro e virando a cabeça para o lado, mostrando o lado da sua garganta. — Sempre seu.

A entrega foi exatamente o que Aspen precisava para empurrá-lo sobre a borda, e enterrou-se ate raiz dentro do canal confortável do seu amante, enchendo as suas profundidades com sêmen quente e pegajoso. Ainda tremendo com tremores secundários, ele fez a única coisa que fazia sentido para ele. Ele perfurou a pele macia no ápice do ombro de Layke, enfiando os seus caninos até as gengivas.

O grito de Layke ecoou pelo quarto, profundo, gutural, e cheio de paixão. Seu corpo enrijeceu, ficando completamente rígido quando ele se agarrou a Aspen e estremeceu. Calor úmido espirrou sobre a barriga de Aspen, absorvendo a sua pele e escorrendo entre as ranhuras dos seus músculos abdominais.

O primeiro gosto do sangue em sua língua era o céu e o inferno, fogo e gelo. Era à coisa mais maravilhosa do universo, mais doce do que qualquer néctar dos deuses. É tanto queimou a língua e acalmou a sua garganta ressecada, e no terceiro gole, Aspen podia sentir o seu corpo mudando.

O processo demorou muito mais no sentido inverso, mas, eventualmente, ele voltou à sua forma habitual. Se enrolou contra o peito do seu companheiro, ele lambeu preguiçosamente a sua marca de acasalamento,

sentindo-se muito orgulhoso de si mesmo. Quando os minutos se passaram e Layke não disse nada, no entanto, Aspen ficou preocupado.

— Você está bem? Eu fui muito áspero? — Ele não queria machucar ninguém, mas ele nunca se perdoaria por ferir Layke.

— Não, *Melamin*. Você foi incrível, e eu estou bem como a chuva.

Empurrando-se sobre o cotovelo, Aspen olhou no rosto Layke pela verdade. — Eu sinto muito que eu o deixei. — No minuto em que ele saiu pela porta, ele queria voltar. — Você não sabe o quanto eu senti a sua falta.

Layke sorriu quando ele colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha de Aspen. — Eu Acho que tenho uma ideia. — O sorriu desapareceu, e sua expressão tornou-se séria. — Eu preciso de você de voltar em casa agora. Você encontrou as suas respostas, e eu estou tão orgulhoso de você, mas eu não aguento mais. Eu fodido tudo, e eu vou fazer o que você quiser para fazer você voltar. Eu vou rastejar através de vidro quebrado, se isso provar o quanto eu sinto muito, mas eu preciso de você aqui comigo.

— Sim. — Lágrimas brotaram nos cantos dos seus olhos, e Aspen não podia se importar menos. — Nós podemos ficar aqui. Podemos voltar para a ilha. Podemos viver no meio do Saara por tudo o que eu me importo.

— Onde você quer viver? — Layke tocou em todos os lugares como se ele não pudesse se conter. Um tapinha aqui, um acariciar suave dos dedos lá, mas as suas mãos estavam em constante movimento. — Eu só quero que você seja feliz.

— Eu não vou mentir. Eu quero voltar para a ilha.

— Ótimo. Eu gosto de lá, também. — Seu sorriso voltou, e Layke agarrou o rosto de Aspen, puxando-o para um beijo — Sim, eu definitivamente quero isso.

— Layke... — Seu coração batia forte, as palmas das mãos começaram a suar, e algo semelhante ao pânico apertou o seu estômago. Aspen tinha que dizer, no entanto. Isso estava na ponta da língua, se construindo até que parecia que ia explodir dos seus lábios se ele tentasse mantê-la por mais tempo. — Layke, eu te amo.

— Você é todo meu — Layke sussurrou. — Todo mundo pensa que eu tenho todas as respostas, e às vezes eu tenho. Quando se trata de relacionamentos, porém, eu sou tão ignorante quanto o resto deles. Eu vou estragar as coisas. Haverá momentos em que você ira querer me estrangular. — Ele parou de beijar os lábios de Aspen e riu. — Eu tenho certeza que vou passar muitas noites no sofá, mas eu posso te prometer uma coisa.

— O que?

— Ninguém nunca vai te amar como eu.

Disso, Aspen não tinha dúvidas, mas não era como se ele tivesse planos de procurar outra pessoa. Ele tinha encontrado exatamente o que ele queria, segurou a mão dele entre as suas mãos, e ele nunca ia deixar ir.



Através de vários métodos de tentativa e erro, em fase de testes cuidadosamente controlados, eles descobriram uma infinidade de coisas sobre a condição de Aspen. Primeiro, ele era alérgico a ouro e prata. Ele não precisa de sangue para sobreviver, mas isso o ajudava a mantê-lo calmo e feliz. Além

disso, isso era um pouco como tomar uma vitamina B12, dando-lhe um impulso de energia.

Ele mudou de novo na lua cheia, e desta vez, ele não tinha sido capaz de controlá-lo. A transição foi muito mais natural, no entanto, e não tinha sido quase tão traumática como a primeira vez. Ainda assim, Aspen estava agradecido que ele só teve que suportar isso uma vez por mês.

Quando ele reivindicou Layke, não houve qualquer grande epifania ou luz ofuscante. Honestamente, ele não se sentia muito diferente em tudo. Foi ao longo do próximo par de dias que ele começou a notar as mudanças.

Ele poderia sentir o cheiro de Layke a várias centenas de metros de distância. Mais do que isso, ele podia sentir o elfo. Toda aquela conversa de energia mágica, finalmente fazia sentido. Ele também podia sentir as emoções de Layke, isso havia sido estranhos no início, mas ele estava se acostumando a isso. Quando o seu amante era feliz, Aspen estava feliz. Quando Layke estava frustrado ou chateado, Aspen foi duramente pressionado a controlar a sua raiva. Quando o seu homem estava excitado, no entanto, bem, era uma maravilha, tinha posto fogo na casa uma ou duas vezes.

A cada dia que passava, ele se sentia um pouco mais ligado ao seu companheiro, sentindo o seu vínculo de acasalamento mais forte.

Layke supôs que o crescimento gradual do vínculo foi por causa da "mudança" do estado de Aspen, mas sem precedência sobre o assunto, ninguém podia realmente ter certeza.

Até agora, eles não podiam se comunicar telepaticamente. Essa foi uma das vantagens que Aspen realmente tinha esperança de ter, mas ele segurava a esperança de que isso viria com o tempo. Eles executaram todos os testes sob o sol, mas não ganharam muito com as suas conclusões. A boa notícia foi que a mudança não causou quaisquer efeitos adversos sobre Aspen, além de um detalhe significativo.

Por alguma razão, a sua mudança tinha parado completamente o processo de envelhecimento, deixando-o sempre e sempre com o seu corpo de 20 anos de idade. De alguma forma, Aspen não podia convocar o bom nível de preocupação sobre isso. — Você está pronto?

Aspen levantou a cabeça e sorriu para o seu amante do sofá. — Estou pronto... — Eles estavam indo para a reunião na Casa Conselho em Casper apenas com os anciãos, os seus companheiros, e Kristoff no atendimento.

Logo após o encontro, eles estavam indo para o aeroporto para um voo de volta para a ilha Silmataurea, e Aspen não poderia estar mais feliz.

A única sombra escura era de que todos os seus amigos não voltariam com ele neste momento. Mihail e Nikola tinha decidido ficar em Haven, mas Jacob estava retornando para a ilha, e Zuriel estaria lá esperando quando eles voltassem. Além disso, todo mundo concordou em visitar quando podia, e Layke havia prometido que Aspen poderia acompanhá-lo a qualquer hora que ele precisasse voltar aos Estados Unidos para os trabalhos do Conselho.

— Mova o seu traseiro bonitinho. Nós não queremos deixar todos esperando. — Layke levou a sua mão estendida, e se arrastaram pelas almofadas.

— Mandão — Aspen brincou.

— Moleque.

— Besta controladora.

— Diva.

Aspen ri quando ele saiu da casa e acenou para Camdin que já estava esperando no SUV por eles. — Você sabe o quê?

— Sei o que?

— Eu te amo.

Layke bufou e lhe deu um tapa na bunda. — Eu também te amo, mas você ainda é um moleque.



Depois de um discurso carregado, com muitos elogios para os esforços de Kristoff para endireitar os seus erros, Layke finalmente não teve escolha a não ser deixar a decisão para os seus companheiros membros do Conselho. Surpreendentemente, eles tinham levado apenas dez minutos para deliberar e chegar a uma votação unânime a favor da concessão do goblin sobre um assento Conselho.

Eles concordaram com a criação de dois novos refúgios era uma ideia excelente, e Camdin tinha proposto um orçamento completo para a reunião no mês seguinte para alocar recursos para os dois projetos. Kristoff anunciou que ele planejava doar uma grande soma de dinheiro para os projetos que tinham sido mais como uma fonte de chocolate no escritório de um obstetra. Em outras palavras, os anciões estiveram perto de ter as suas calças molhadas de alegria.

Isso deixou apenas outro tópico no chão, e esse era o que Layke se entusiasmou menos para discutir. No entanto, não podia ser evitado. — Como a maioria de vocês já ouviu até agora, temos ainda maiores problemas com

este laboratório. Foi dito a Aspen na A colmeia que ele era um demônio. No entanto, Woods concluiu que ele é de fato um híbrido vampiro-lobisomem.

Ele mexeu os dedos para Aspen se juntar a ele e enrolou o braço em volta dos seus ombros. — Ele também é um Moonlighter, o único conhecido lobisomem branco que já existiu.

— Que? — Os Suspiros de choque estavam ao redor da sala. — Como isso é possível? — Blaise exigia. O alfa do bando Cloud Peak, e o recém-nomeado representante shifter tinha um verdadeiro interesse em encontrar essa resposta. — O que significa isso?

— O trabalho em Aspen sugere que ele era humano antes de A colmeia começar a brincar com o seu DNA. — Fazendo uma pausa, principalmente para efeito, Layke esperou até que todos os olhos estavam sobre ele para terminar. — Parece que a maldição da raça Moonlight é na verdade apenas um cromossomo mutante extra.

— O que isso significa? — Blaise repetiu. — Pode ser suprimido? Basta alterá-lo? Por que está aí?

— Dr. Woods está fazendo o que pode para descobrir, mas é um processo complicado.

— Eu não entendo. — Blaise enfiou os seus dedos no seu cabelo desgrenhado e puxou. — Como o DNA mutante corresponder com a magia dos Moonlighters e a loucura?

— Eu não tenho todas as respostas, Blaise. — Aqui veio algo que ele não tinha sequer dito ao seu companheiro. — Eu posso saber onde podemos encontrá-los, no entanto.

— Onde?

— Tenha em mente que eu disse 'pode'. Há uma lenda de que um bando de Moonlighters imortais vive em Black Hills em um estado da Dakota

do Sul. É lenda, porque ninguém jamais foi capaz de encontrá-los. Alguns dizem que eles são apenas um mito.

— Acho que há sempre uma medida de verdade nas lendas. — Camdin ofereceu um sorriso tímido. — Quando é que vamos começar a procurar?

— Vou reunir uma equipe — Blaise acrescentou. — Eles podem sair já na semana que vem.

— E nós vamos designar uma força-tarefa para buscar os funcionários restantes da A colmeia — Torren, o representante mágico, afirmou. — Isso tem que parar agora. Muitas pessoas foram feridas.

— Eu não acho que seria uma má ideia olhar nos antigos arquivos, também, — Camdin sugeriu. — Isso pode não nos dar muito, mas poderíamos obter algumas informações.

— Bem, nós vamos ter que encontrar os arquivos primeiro. — Torren suspirou e empurrou o seu cabelo escuro para trás do seu rosto. — Isso está um maldita bagunça. Eu acho que nós precisamos levar as coisas um passo de cada vez, por agora, começando com esses cientistas da A colmeia.

Layke não poderia ter cordado mais sobre A colmeia, mas ele não se importava com shifters imortais ou encontrar uma cura. Ele estava levando o seu companheiro de volta à ilha elfo aonde ele estaria escondido e protegido. Lá, ele iria supervisionar a expansão do novo refúgio, e se o destino sorrisse para eles, eles viveriam felizes para sempre.

— Vamos deixá-los, então. Eu gostaria de atualizações sobre o seu progresso, e vou verificar os relatórios semanais da ilha. Mais alguma coisa...??

Todos pareciam absortos com a notícia dos Moonlighters, no entanto. Depois de uma rodada de breves despedidas, Layke escoltou Aspen da casa,

entrou no SUV que o esperava, e instruiu o motorista a levá-los para a pista na borda mais distante da propriedade aonde Jacob iria encontrá-los.

— Você está feliz de estar indo para casa?

— Sim — Aspen respondeu com um sorriso enorme. — Lá é a nossa casa, e eu sinto falta.

— Concordo.

Layke tinha esperado muito tempo para encontrar o seu companheiro, mas tinha sido quase tão longa a sua busca por um lar de verdade. Em apenas algumas semanas, ele havia sido abençoado com ambos, e era um pouco assustador.

A responsabilidade sozinha era quase paralisante em alguns dias, mas foi o tempo que ele aceitou um fato fundamental. Por mais que ele quisesse ser um cara normal ele não era. Ele nunca seria. As pessoas olhavam para ele por sua liderança, e se ele gostasse ou não, era um papel que ele ocupava muito bem.

Quando eles reduziram para parar perto da pista, Layke virou-se para Aspen, inclinou o queixo do seu amante, e beijou os seus lábios lento e fácil.

— Você está pronto, querido?

— Estou pronto... — Seus olhos disseram que entendiam o significado pretendido com a pergunta e ele estava pronto não só para voltar para a ilha, mas para a próxima etapa no seu relacionamento. — Vamos para casa, Layke.

Layke não poderia ter dito melhor a si mesmo. Deslizando para fora do carro, ele esperou Aspen se juntar a ele, tomou a mão do seu amante, e levou-a aos lábios. — Eu vou te amar um pouco mais a cada dia. Espero que você esteja bem com isso, Aspen Winters.

— O quê você quer dizer? — Seus olhos estavam arregalados e brilhantes quando ele levantou a mão livre para cobrir a sua boca. — Do que você me chamou?

Layke esperava que ele não houvesse ultrapassado os limites e errado mais uma vez. Ele tinha visto como o coração de Aspen tinha ficado partido naquela noite na cozinha de Spiro. Eles falaram sobre isso um pouco, e ele sabia que Aspen sentia que ter um sobrenome por padrão não contava, não lhe fornecia uma identidade real.

Puxando uma folha de papel dobrada do bolso de trás, ele desdobrou cuidadosamente a página e passou-a para o seu companheiro. — Eu não posso tirar todas as lembranças ruins, mas eu vou fazer tudo o que posso para ajudar a construir novas e melhores. Achei que um novo nome para uma nova casa iria dar-lhe um novo começo. — Ele colocou as suas mãos em seus lados para não ficar remexendo. — Não a pressão, é claro. Se você não gostar, tudo bem. Eu posso mudar de volta.

— Não se atreva. — Jogando o papel no chão, Aspen pulou em seus braços e atacou a sua boca com ardente paixão. Suas línguas se encontraram e duelaram, e com o tempo ele se separou de Layke com falta de ar. — Estou honrado de ser Aspen Winters, e eu te amo muito por fazer isso por mim. Prometo fazer você se orgulha de ser o meu companheiro. — O sorriso radiante nos lábios era tão cheio de vida e felicidade que Layke resistiu no fulgor por apenas um momento.

— Eu te amo, Aspen — ele finalmente respondeu. — Eu não poderia estar mais orgulhoso por ser seu companheiro. — Afastando-se do veículo, ele puxou Aspen junto com ele, observando o seu futuro inteiro dentro das profundezas brilhantes dos olhos do seu companheiro. — Vamos para casa.

HOT MANIAC

Raça do Luar

Fim